



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Caroline Cabral da Costa

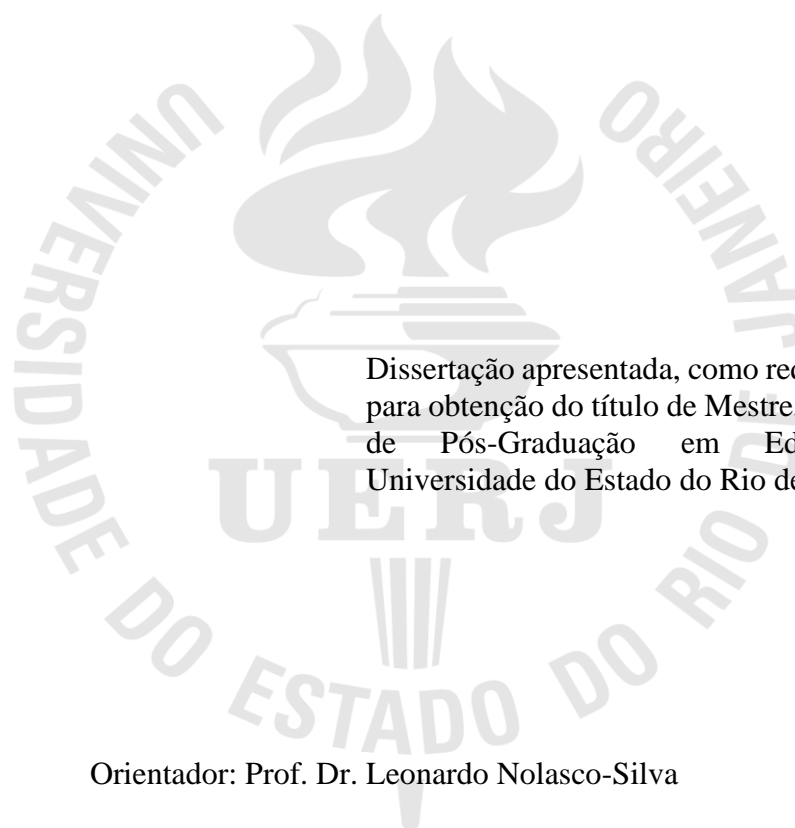
**Ciberaquilombamentos: produção de resistências pretas em tempos
pandêmicos**

Rio de Janeiro

2023

Caroline Cabral da Costa

Ciberaquilombamentos: produção de resistências pretas em tempos pandêmicos



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Nolasco-Silva

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C838 Costa, Caroline Cabral da.
Ciberaquilombamento: produção de resistências pretas em tempos pandêmicos
/ Caroline Cabral da Costa. – 2023.
119 f.

Orientadora: Leonardo Nolasco-Silva.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Educação – Teses. 2. Cibercultura – Teses. 3. Ativismo digital – Teses. 4.
Antirracismo – Teses I. Oliveira, Verônica Borges de. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

br CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Caroline Cabral da Costa

Ciberaquilombamentos: produção de resistências pretas em tempos pandêmicos

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 21 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Nolasco-Silva (Orientador)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Mailsa Carla Pinto Passos

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Edméa Oliveira dos Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Tania Lucía Maddalena

Faculdade de Educação – UERJ

Prof. Dr. João Barreto da Fonseca

Universidade Federal de São João del-Rei

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Às mulheres da minha vida, que resistem todos os dias aos açoites modernos e continuam lutando para que eu consiga seguir. Para as minhas amigas pelas risadas, conversas, pelos choros incontidos e por toda aprendizagem. Sem vocês não seria possível.

AGRADECIMENTOS

A minha espiritualidade que abriu caminhos para que eu chegasse até aqui. A Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e muitas outras mulheres pretas que me inspiraram a escrever e me fizeram acreditar que é possível produzir uma ciência preta e decolonial.

A minha mãe que vibrou comigo cada vitória e se fez abrigo para que eu pudesse vencer os perrengues acadêmicos. Eu sou porque você é!

Às minhas amigas que estiveram comigo e tornaram mais fácil essa caminhada. Um agradecimento especial à Nathalia que celebrou comigo cada momento vivido e esteve presente nos momentos mais difíceis e complexos que a pesquisa demandou. Agradeço pelo cuidado, pela fé, pela confiança, pela alegria e por se deixar afetar pelos meus sonhos.

As amizades tecidas no grupo de pesquisa, a escrita desse trabalho é atravessada por todas as trocas que tivemos na sala de aula, no corredor, na fila da cantina e do elevador... Ao Vinicius por me lembrar que minha escrita é uma potência e que o poder da caneta agora está comigo. A Diana que caminhou junto comigo durante todo o mestrado, seu apoio foi fundamental para produzir esse trabalho. As cervejas que bebemos juntas e as risadas que demos em meio ao caos me (re)organizaram nesse processo. Ao Leonardo Nolasco, que não me deixa desistir e me impulsiona a acreditar que é possível ser mais.

Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda.
Mas eu sei que vai, que o sonho te traz
Coisas que te faz prosseguir
Então levanta e anda, vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda, vai, levanta e anda
Somos maior, nos basta só sonhar, seguir¹

¹ Verso da canção levanta e anda, de Emicida



QR Code de Conceição Evaristo recitando o poema “Da calma e do silêncio.”

(...)“Quando meus pés abrandarem na marcha, por favor, não me forcem. Caminhar para quê? Deixem-me quedar, deixem-me quieta, na aparente inércia. Nem todo viandante anda estradas, há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra.”

*Conceição Evaristo*²

² Trecho do poema Da calma e do silêncio de Conceição Evaristo. Disponível em: <https://encr.pw/y5nSi>
Acesso: 18/05/2023.

RESUMO

COSTA, Caroline Cabral da. *Ciberaquilombamentos: produção de resistências pretas em tempos pandêmicos*. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2023.

Esta é uma dissertação ancorada nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, fabulada (DELEUZE; GATTARI, 1995) nos estudos da cibercultura (SANTOS, 2019), com recorte racial a partir, sobretudo, dos escritos de Carolina Maria de Jesus (2014) e de Conceição Evaristo (2022). Pensando nas redes sociais online enquanto ‘espaçotempos’ de reivindicações, de visibilidade, de tessitura da vida, de (re) existências e de disputas de narrativas, a pesquisa propõe pensar em que medida o ciberespaço, que é uma importante rede educativa do nosso tempo, tem contribuído para a emergência de pautas antirracistas. Aqui me proponho fazer uma cartografia online das narrativas pretas tecidas nas redes sociais: twitter, instagram e facebook. E para acessar essas narrativas, busquei pelas hashtags #Blacklivesmatter, #vidasnegrasimportam, #racismoBBB21 #Cabelodojoão e #CarrefourRacista. Ao visitar as hashtags busco por narrativas compartilhadas por pessoas pretas comuns, e por publicações de pessoas pretas com maior engajamento online. Ao acessar os rastros de autoria nas redes sociais me atento às produções de subjetividades pretas tecidas no/com o ciberespaço. A temporalidade em que essa pesquisa foi feita é o período pandêmico, mas já adianto que revisei minhas memórias, recontei histórias e recorri às minhas produções para elaborar este trabalho. Logo, a escrita dessa dissertação está contaminada por minha escrevivência (EVARISTO, 2022). Essa é uma escrita marcada por minha condição de mulher preta, professora da educação infantil, estudante do Programa de Pós-graduação em Educação, amante de samba, admiradora de cerveja e de viagens, entre muitas outras marcas que me permitem escrever/viver, escrever minha existência. É importante dizer que essa não é uma escrita pessoal, mas sim uma escrita que se cumplicia com tantos outros sujeitos. Esse trabalho é uma forma de celebração da vida das pessoas pretas e é também um ato de denúncia das estruturas racistas que operam para nos roubar a alma.

Palavras-chave: Escrevivência. Redes sociais. Racismo Digital. Cibercultura.

Ciberaquilombamentos.

ABSTRACT

COSTA, Caroline Cabral da. *Ciberaquilombamentos: production of black resistance in pandemic times*. 2023. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2023.

This is a dissertation anchored in research on everyday life, influenced (DELEUZE; GATTARI, 1995) by the studies of cyberculture (SANTOS, 2019), with a racial focus primarily drawn from the writings of Carolina Maria de Jesus (2014) and Conceição Evaristo (2022). Considering online social networks as 'spacetimes' of advocacy, visibility, the weaving of life, (re)existences, and narrative disputes, the research aims to assess to what extent the cyberspace, a significant educational network of our time, has contributed to the emergence of anti-racist agendas. Here, I propose to create an online cartography of Black narratives woven within social networks: Twitter, Instagram, and Facebook. To access these narratives, I searched for hashtags such as #Blacklivesmatter, #vidasnegrasimportam, #racismoBBB21, #Cabelodojoão, and #CarrefourRacista. When visiting these hashtags, I seek narratives shared by ordinary Black individuals and publications from Black individuals with greater online engagement. When accessing authorship traces on social media, I pay attention to the production of Black subjectivities woven in the cyberspace. The timeframe in which this research was conducted coincides with the pandemic period, but I would like to mention that I revisited my memories, retold stories, and drew from my own experiences to develop this work. Therefore, the writing of this dissertation is influenced by my lived experiences (EVARISTO, 2022). This is a writing marked by my identity as a Black woman, a preschool teacher, a graduate student in Education, a lover of samba, a beer enthusiast, and a traveler, among many other facets that allow me to write/live, "escreviver," my existence. It's important to note that this is not a personal writing but rather a writing that aligns with many other individuals. This work is a celebration of the lives of Black people and also an act of denouncing the racist structures that operate to steal our souls.

Keywords: Escrevivência. Social media. Digital racism. Cyberculture. Ciberaquilombamentos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|--|----|
| Figura 1 - | Carolina Maria de Jesus em 1963..... | 14 |
| Figura 2 - | Print da postagem retirada do perfil do Instagram de @conceicaoovaristooficial..... | 24 |
| Figura 3 - | Conceição Evaristo por: <i>Mario Ladeira /Trip Editora</i> | 29 |
| Figura 4 - | Eu, com meu cabelo alisado. Print retirado de meu perfil pessoal no Facebook..... | 37 |
| Figura 5 - | Eu, com meu cabelo alisado. Print retirado de meu perfil pessoal no Facebook..... | 38 |
| Figura 6 - | Print retirado do Twitter no perfil de @nahrivelli..... | 38 |
| Figura 7 - | Print retirado do Twitter. Jay-Z com sua filha Blue Ivy..... | 40 |
| Figura 8 - | Figura 8 - Print retirado do Twitter de Blue Ivy dançando no show de sua mãe Beyoncé..... | 42 |
| Figura 9 - | Print retirado do Twitter. Comentário positivos sobre o cabelo de Blue Ivy..... | 43 |
| Figura 10 - | Eu, com meu cabelo natural. Print retirado de meu perfil pessoal no Intagram..... | 45 |
| Figura 11 - | Comentários sobre a foto postada com meu cabelo natural. Print retirado do Instagram em meu perfil pessoal..... | 45 |
| Figura 12 - | Print retirado do Twitter no perfil de @joaoluizpedrosa. Postagens sobre o caso de racismo que sofreu no programa Big Brother Brasil..... | 48 |
| Figura 13 - | Print retirado do Twitter no perfil de @kkkkkkkaique postagens sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 49 |
| Figura 14 - | Print retirado do Twitter no perfil de @hugoGloss. Postagens sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 50 |
| Figura 15 - | Print retirado do Twitter no perfil de @hugoGloss. Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 50 |
| Figura 16 - | Print retirado do Twitter no perfil de @tvglobos. Apresentador Tiago Leifert, fazendo discurso sobre caso de racismo ocorrido no programa..... | 53 |

| | |
|--|----|
| Figura 17 - Print retirado do Twitter no perfil de @tvglobo. Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 53 |
| Figura 18- Print retirado do Twitter no perfil de @joaoluizpedrosa. Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 54 |
| Figura 19 - Print retirado do Twitter no perfil de @joaoluizpedrosa. Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 54 |
| Figura 20 - Print retirado do Twitter no perfil de @tvglobo. Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil..... | 55 |
| Figura 21 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_. Sobre legendas racistas no programa de televisão Mais Você..... | 57 |
| Figura 22 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_. Legenda dada ao participante César Black do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você..... | 58 |
| Figura 23 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_. Legenda dada a Amanda vencedora do Big Brother Brasil 23, para se referir ao participante “cara de sapato” que foi expulso do programa por importunação sexual..... | 58 |
| Figura 24 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_. Legenda dada à participante Bruna Griphao do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você..... | 59 |
| Figura 25 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_. Legenda dada ao participante Fred Nicácio do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você..... | 59 |
| Figura 26 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_ Comentários sobre os casos de racismo no programa Big Brother Brasil e sobre as legendas racistas do programa Mais Você..... | 60 |
| Figura 27 - Print retirado do Twitter no perfil de @africanize_ Comentários sobre os casos de racismo no programa Big Brother Brasil e sobre as legendas racistas do programa Mais Você..... | 60 |

| | |
|---|----|
| Figura 28 - Print retirado do Twitter. Comentários sobre os adjetivos racistas relacionados aos participantes pretos durante o programa Big Brother Brasil..... | 61 |
| Figura 29 - Print retirado do Twitter no perfil de @Eddjr postagens sobre o racismo que ele sofreu enquanto tentava subir no elevador de seu condomínio..... | 65 |
| Figura 30 - Print retirado do Twitter no perfil de @Eddjr postagens sobre o racismo que ele sofreu enquanto tentava subir no elevador de seu condomínio..... | 65 |
| Figura 31 - Print retirado do Twitter no perfil de @TeresaCristina sobre o racismo sofrido por Max Angelo dos Santos ao ser atacado violentamente por uma mulher branca. | 66 |
| Figura 32 - Print retirado do Twitter no perfil de @TeresaCristina. Comentários Sobre o racismo sofrido por Max Angelo dos Santos ao ser atacado violentamente por uma mulher branca..... | 66 |
| Figura 33 - Criadora de conteúdo digital..... | |
| Figura 34 - Imagem da manifestação Vidas pretas importam..... | 73 |
| Figura 35- Imagem de manifestação pela morte de George Floyd..... | 75 |
| Figura 36 - Print de tela da série Orange Is the new black, onde a personagem Poussey é asfixiada por um policial branco..... | 77 |
| Figura 37- Print de tela da série Orange Is the new black, onde a personagem Poussey é asfixiada por um policial branco..... | 77 |
| Figura 38 - Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin..... | 79 |
| Figura 39 - Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin..... | 79 |
| Figura 40 - Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin..... | 79 |
| Figura 41- Imagem do Clipe Formation de Beyoncé..... | 82 |
| Figura 42 - Imagem da casa onde estava João Pedro, quando foi morto pela polícia..... | 84 |
| Figura 43 - Imagem da casa onde estava João Pedro, quando foi morto pela polícia..... | 84 |

| | |
|--|-----|
| Figura 44 - Imagem das manifestações contra o genocídio da população preta.. | 85 |
| Figura 45 - Imagem das manifestações contra o genocídio preto..... | 85 |
| Figura 46 - Imagem da manifestação pelo assassinato de João Alberto dentro do supermercado Carrefour..... | 87 |
| Figura 47 - Imagem da manifestação contra a morte de Miguel..... | 88 |
| Figura 48 - Imagem das manifestações, contra o genocídio preto nos Estados Unidos..... | 89 |
| Figura 49 - Imagem das manifestações, contra o genocídio preto no Brasil..... | 89 |
| Figura 50 - Imagem da bandeira do Brasil em protesto as mortes das pessoas pretas..... | 90 |
| Figura 51- Print retirado do Instagram no perfil de @billieeilish. Contra o assassinato de George Floyd e a violência policial..... | 92 |
| Figura 52 - Print retirado do Instagram no perfil de @billieeilish. Contra o assassinato de George Floyd e a violência policial..... | 92 |
| Figura 53 - Imagem de gráfico referente às buscas pelo termo racismo nos sites do Google em 2020..... | 95 |
| Figura 54 - Imagem de gráfico referente às buscas pelo termo racismo nos sites do Google em 2020..... | 96 |
| Figura 55 - Print retirado do Instagram no perfil de @danmendesoficial. Comentário sobre um vídeo postado, onde o Dan, conta que foi seguido por um segurança em uma drogaria no Rio de Janeiro..... | 98 |
| Figura 56 - Print retirado do Instagram no perfil de @danmendesoficial. Comentário sobre um vídeo postado, onde o Dan, conta que foi seguido por um segurança em uma drogaria no Rio de Janeiro..... | 99 |
| Figura 57 - Print retirado do Twitter no perfil de @choquei sobre o caso de racismo e agressão física sofrido por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour..... | 101 |
| Figura 58 - Print retirado do Twitter no perfil de @choquei. Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrido por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour..... | 101 |

| | |
|--|-----|
| Figura 59 - Print retirado do Twitter no perfil de @choquei. Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrido por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour..... | 102 |
| Figura 60 - Print retirado do Twitter no perfil de @choquei. Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrido por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour..... | 103 |
| Figura 61- Print retirado do Twitter no perfil de @gabicoelho Babu Santana cantando a música Hat-Trick, do Djonga..... | 104 |
| Figura 62 - Criadora de conteúdo digital Bielo..... | 105 |
| Figura 63 - Print retirado de meu perfil pessoal no Instagram, sobre minha aprovação no mestrado..... | 107 |
| Figura 64 - Print retirado de meu perfil pessoal no Instagram, sobre minha aprovação no mestrado..... | 107 |
| Figura 65 - Print retirado de meu perfil pessoal no Twitter em 2011 quando ainda frequentava a igreja..... | 108 |
| Figura 66 - Print retirado de meu perfil pessoal no Twitter em 2023, depois de sair da igreja e começar a frequentar a universidade..... | 109 |
| Figura 67 - Print retirado de meu perfil pessoal no Twitter em 2011 quando ainda frequentava a igreja..... | 109 |
| Figura 68 - Print retirado de meu perfil pessoal no Twitter em 2023, depois de sair da igreja e começar a frequentar a universidade..... | 109 |
| Figura 69 - Print retirado do Twitter no perfil de @hellobielo, postagem feita para exaltar a figura da mulher preta e gorda..... | 111 |
| Figura 70 - Carolina Maria de Jesus no Aeroporto de Viracopos, em viagem até o Uruguai para acompanhar o lançamento de seu livro Quarto de Despejo..... | 115 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|-----|
| | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | ESCREVIVÊNCIAS PRETAS CIBERCORPORAIS..... | 29 |
| 3 | PRODUÇÃO DE EXISTÊNCIAS PRETAS NO CIBERESPAÇO..... | 67 |
| 3.1 | Memória 1..... | 73 |
| 3.2 | Memória 2 | 75 |
| 3.3 | Memória 3..... | 82 |
| 4 | DISPOSITIVOS E VIDAS CONECTADAS EM REDES..... | 88 |
| 5 | QUAL É A FORÇA DA HASHTAG? | 90 |
| 6 | #BLACKOUTTUESDAY..... | 94 |
| | CONCLUSÃO..... | 105 |
| | REFERÊNCIAS..... | 116 |

INTRODUÇÃO

Figura 1- Carolina Maria de Jesus em 1963.



Fonte: Imagem da página conexão UFRJ.³

Cara leitora,

A escrita dessa dissertação foi fabulada⁴ para fazer ressoar vozes, gritos e sussurros de pessoas pretas que têm produzido, no ciberespaço, redes de indisciplina, com viés antirracista. É a minha voz, mas também é a sua, conforme inspira a intelectual Conceição Evaristo (2011. p.9): “da voz outra faço a minha” e da minha faço a outra. Essa é uma pesquisa tecida no cruzamento⁵ das vivências pretas, alinhavada por narrativas e escritas em primeira pessoa que

³ Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2022/03/carolina-maria-de-jesus-a-mulher-negra-que-criou-mundos-do-quarto-de-despejo/> Data de acesso: 02/06/2023.

⁴ Para Deleuze, a fabulação é um exercício de criação de mundos que se diferencia tanto da narração quanto da ficção convencional. Enquanto a narração pressupõe uma relação entre o que é dito e o que é, e a ficção convencional constrói um mundo imaginário a partir de elementos que já existem no mundo real, a fabulação é uma forma de invenção que se funda em um princípio de liberdade radical. Na obra "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia", escrita em parceria com Félix Guattari, Deleuze elabora essa concepção de fabulação, argumentando que ela é uma forma de resistência à lógica do capitalismo e da sociedade disciplinar. Através da fabulação, é possível criar novos modos de existência, novas formas de subjetividade e novas maneiras de pensar o mundo, que não estejam presas às categorias impostas pelo poder. Para Deleuze, a fabulação tem um potencial político emancipatório. (DELEUZE; GATTARI, 1995).

⁵ “O cruço, o encruzamento ou o encruzar emerge como perspectiva teórico-metodológica assentada nos complexos de saber das macumbas brasileiras. Fiel aos princípios exusíacos, o encruzar dá o tom dos caracteres diversos, ambivalentes e inacabados dos conhecimentos existentes/ praticados no mundo”. (SIMAS; RUFINO, 2018, pp.25-26). O cruço é uma palavra de origem africana que significa mistura, mestiçagem e hibridismo. Para Simas e Rufino, o cruço não se limita apenas às questões raciais, mas se estende a todas as dimensões da cultura brasileira, incluindo a língua, a religião, a culinária, a música, a dança, entre outras. Segundo os autores, a cultura

se propõem a costurar vozes, recontar histórias e atualizar memórias⁶. Aqui me proponho a falar sobre trajetórias e subjetividades que se encontram⁷, se atravessam e, muitas vezes, se transformam. A escolha pela escrita em primeira pessoa⁸ é um ato político que pretende destacar histórias que, tradicionalmente, são empurradas para fora dos centros de visibilidade. Escrever dessa maneira me possibilita encontrar comigo mesma. É como me olhar em um espelho⁹: eu me vejo e percebo o que me atravessa, o que me é caro. Vejo aquilo que já não posso esquecer.

Minha escrita, ao seguir os passos de um dos movimentos das pesquisas com os cotidianos – *narrar a vida e literaturizar a ciência* (ALVES, 2019) – assumirá a forma de um texto literário. Para contar as histórias desta dissertação, usei (CERTEAU, 2014) uma inteligência artificial e com ela criei imagens com base nas narrativas cartografadas/fabuladas/costuradas no percurso da pesquisa. Essas imagens foram produzidas com o site Dall.e¹⁰, a partir de comandos de texto muito bem detalhados. Elas vão aparecer ao

brasileira é marcada por uma profunda interpenetração de diferentes elementos culturais, que se cruzam e se hibridizam de forma incessante. Essa dinâmica do cruzo cria uma cultura rica e complexa, que não pode ser compreendida a partir de categorias binárias e simplificadoras, como branco/negro, europeu/africano, tradicional/moderno, entre outras. Para Simas e Rufino, o cruzo é uma categoria que nos convida a pensar a cultura brasileira a partir de suas contradições, tensões e paradoxos, reconhecendo a pluralidade e a diversidade que a constituem. Nesse sentido, o cruzo é uma categoria que nos desafia a repensar nossas identidades e a nos abrir para outras formas de pensar, sentir e viver o mundo.

⁶ Para Deleuze (1999), a memória é uma das dimensões fundamentais da vida e da experiência humana. Ele entende a memória como uma capacidade criativa, que nos permite inventar novas formas de vida a partir daquilo que já vivemos e conhecemos. A memória não é, pois, uma faculdade que reproduz o passado de forma idêntica, mas sim uma atividade que produz diferenças e variações a partir daquilo que recordamos. A memória é, portanto, uma força produtiva que nos permite criar novas conexões e novas possibilidades a partir do que já vivemos. A memória é uma força criativa que nos permite romper com a repetição mecânica e produzir diferenças e variações. Deleuze mostra como a memória pode ser utilizada como uma força subversiva, capaz de questionar as formas de poder e as estruturas de dominação que nos são impostas. Em suas palavras, a memória é uma "arte de resistência" que nos permite inventar novas formas de vida e criar novas possibilidades de existência. Deleuze, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

⁷ Para Deleuze (1999), o encontro não se limita apenas às relações interpessoais, mas se estende a todas as dimensões da vida, incluindo a arte, a filosofia, a política e a ciência. O encontro é uma força criativa que nos permite escapar das estruturas de poder e de dominação que nos condicionam e nos oprimem. Em suas palavras, o encontro é uma "força de ruptura" que nos permite inventar novas possibilidades de vida e de pensamento, rompendo com os modelos pré-estabelecidos e criando novas conexões e novas formas de existência. Ele entende o encontro como um acontecimento imprevisível, que produz novas formas de vida e de pensamento.

⁸ Para Sussekind (2014), o ato de escrever em primeira pessoa – ou de escrevinhar – é uma prática emancipatória, onde literatura e vida caminham juntas, produzindo invenções que nos permitem narrar academicamente os cotidianos. Escrevinhar, no sentido que aqui assumo, é deixar-se levar pelas associações livres, registrar ideias soltas, sem que se saiba, muitas vezes, onde tudo isso vai dar. É uma forma de escrita despreziosa, sem compromisso com o resultado final, uma escrita que não busca a perfeição, mas que se dedica à exploração da imaginação, dos pensamentos e das emoções. Ou seja, é uma escrita marcada pela subjetividade de todos os sujeitos.

⁹ Para Santos (2022), o espelho de Oxum é uma alegoria que carrega em si nossas invenções e existências. É através do espelho que refletimos sobre os dilemas do cotidiano. É importante destacar que o espelho de Oxum é uma imagem estética e política de afirmação de todas as existências.

¹⁰ Na nota de rodapé nº 74, trago mais informações sobre o Dall.e. Por enquanto, basta saber que Dall.e é um modelo de inteligência artificial desenvolvido pela OpenAI, a mesma organização por trás do ChatGPT. Dall.e é um modelo de geração de imagens que utiliza a técnica de aprendizado de máquina conhecida como rede neural generativa. Ele foi treinado em um conjunto diversificado de imagens para criar ilustrações únicas e realistas a

lado de narrativas que tomei emprestado de Carolina Maria de Jesus, em seu livro Quarto de despejo - Diário de uma favelada (2014), e que misturei as minhas próprias narrativas escritas no diário de campo da pesquisa. Trata-se do exercício de uma escrita literária marcada e atravessada por nossa condição de mulher preta – minha, de Carolina, das minhas interlocutoras e de você, leitora, que suponho preta. Algumas dessas imagens produzidas por Inteligência Artificial foram impressas e mostradas para 16 crianças de 5 e 6 anos de idade, minhas alunas, companheiras de jornada nos anos em que realizei a pesquisa. Acho que ainda não contei que sou professora de crianças, né? Pois é, ainda tem isso! As crianças se dividiram em quatro grupos e começaram a narrar o que pensavam enquanto olhavam para as imagens. Algumas imagens não foram mostradas porque as considerei impróprias para a idade delas. Então, a síntese do que as crianças disseram virou legenda para as imagens. Imagens e narrativas em forma de diário de campo são personagens conceituais¹¹ que me ajudam a literaturizar a dissertação, criando outras possibilidades comunicativas com as linguagens. As notas de rodapé, por sua vez, serão utilizadas para aprofundar as discussões teóricas. Faço isso para deixar o texto mais fluido para o leitor menos acostumado ao acadêmiquês. Na mesma direção, usarei músicas para criar códigos afetivos com o leitor, de modo que ele também se veja na pesquisa por meio de textualidades que remetam aos seus repertórios. As músicas que aparecem no texto devem ser tomadas como narrativas que fazem parte da minha formação e que ajudam o pensamento a se movimentar. Elas pertencem a um tempo histórico e compõem as histórias que serão aqui narradas.

A temporalidade que servirá de recorte à pesquisa é o período pandêmico da COVID-19, mas já anuncio que essa será uma escrita de idas e vindas em minhas memórias. Revisitarei minhas pesquisas, atualizando-as no/com o presente. “Faço isso por entender que os nossos livros envelhecem, mas tornam a rejuvenescer quando atualizamos as histórias que contamos neles. Nós: autores e leitores tornados um só no gesto da leitura”. (NOLASCO-SILVA, 2022a, p. 72).

Para tecer os caminhos dessa pesquisa me debrucei sobre a ideia de uma cartografia online que, segundo Pocahy, Silva e Dourado (2020), é uma metodologia imersiva que

partir de descrições textuais. Dall.e é capaz de gerar imagens originais que vão além do que foi visto durante o treinamento, combinando elementos e conceitos de forma criativa. Por exemplo, se receber a descrição de um "cachorro feito de abacate", o Dall.e pode gerar uma imagem que represente essa descrição.

¹¹Para Alves (2010, p.1203) “Os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com quem se “conversa” e que permanece presente por muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se criem novos conhecimentos”.

acompanha a produção de territórios existenciais¹², por meio de práticas e discursos cotidianos, que produzem subjetividades¹³.

Logo, quando penso nas pesquisas *com* os cotidianos, a cartografia online parece ser uma metodologia capaz de vasculhar indícios¹⁴, de percorrer rastros de autoria que dão conta da complexidade dos processos de produção de subjetividades pretas tecidas no/com o ciberespaço, nos permitindo perceber conexões entre as múltiplas experiências¹⁵ cotidianas. Podemos dizer que a cartografia é o principal caminho para a tessitura das narrativas que compõem essa dissertação, porém, é preciso dizer que não existe aqui uma metodologia fechada, mas sim vários caminhos que se cruzam – caminhos mapeados por afetos que me permitem afetar e ser afetada por histórias.

Nesta pesquisa, quando pensamos em experiências cotidianas tecidas nos *‘espaçotempos’*¹⁶ online, vamos considerar o cotidiano conforme definido por Certeau

¹² Para Deleuze e Guattari (1995), os territórios existenciais são espaços de vida, de criação e de resistência, que se constituem através dos processos de territorialização e desterritorialização. Esses territórios podem ser físicos, sociais, psicológicos ou artísticos, e são o resultado das relações entre as pessoas, as coisas e os lugares. Os territórios existenciais não são entidades fixas ou estáticas, mas sim processos em constante transformação, que envolvem a criação de novos vínculos e novas formas de existência. Eles são espaços de encontro e de experimentação, nos quais é possível criar novas relações e novas formas de vida.

¹³ Para Foucault (2019), a subjetividade não é uma característica inata ou essencial do sujeito, mas sim um produto histórico e socialmente construído. Ele entende que a subjetividade é constituída por meio das práticas discursivas e das relações de poder presentes em uma determinada sociedade. Segundo Foucault, a subjetividade é construída através dos processos de normalização e de disciplinarização, que moldam os indivíduos a partir de padrões e normas sociais preestabelecidas. Esses processos acontecem por meio do controle social, que busca moldar o comportamento dos indivíduos e fazê-los se conformarem a determinados padrões sociais, culturais e políticos. Foucault enfatiza a importância de se estudar a subjetividade em sua dimensão histórica, isto é, em como ela é produzida e transformada ao longo do tempo. Ele analisa a forma como a subjetividade é elaborada em diferentes épocas e contextos, mostrando como ela é influenciada pelas condições materiais e políticas de cada sociedade.

¹⁴ Para Ginzburg (2006), indícios são elementos materiais, muitas vezes aparentemente insignificantes ou obscuros, que permitem identificar a presença de determinados padrões culturais e sociais em uma determinada época ou contexto. Esses indícios podem ser objetos, textos, imagens, gestos, práticas e outras manifestações materiais da cultura. Ginzburg argumenta que os indícios são importantes porque nos permitem rastrear padrões culturais e sociais que, muitas vezes, estão ocultos ou invisíveis em nossa história. Eles nos permitem identificar pistas sobre a forma como as pessoas pensavam, agiam e se relacionavam em uma determinada época, bem como sobre os valores, crenças e ideologias que orientavam suas ações. O método de investigação de Ginzburg, conhecido como micro-história, valoriza a análise minuciosa dos indícios e sua interpretação cuidadosa, buscando compreender a lógica cultural e social que subjaz a eles. Ginzburg defende que é preciso olhar para as margens, para o que é obscuro e aparentemente sem sentido, para compreender as culturas e as sociedades em sua complexidade e diversidade.

¹⁵ Para Larrosa (2019), a experiência é entendida como uma forma singular de relação entre o sujeito e o mundo, que implica um processo de transformação mútua, em que o mundo se torna sentido para o sujeito e o sujeito se torna sentido para o mundo. Segundo Larrosa, a experiência é sempre singular, ou seja, não é possível generalizar ou padronizar as experiências de diferentes sujeitos. Além disso, ela é sempre uma experiência do tempo, ou seja, implica em uma relação temporal entre o sujeito e o mundo.

¹⁶ Nas pesquisas com os cotidianos, aglutinamos algumas palavras para romper – no plano da linguagem – com algumas dicotomias criadas pela ciência Moderna. Entendemos que isso se faz necessário para que palavras consideradas contrastantes sejam percebidas como partes de um mesmo processo, sem o componente hierárquico entre elas. Assim, escrevemos, com aspas simples e em itálico, *‘aprenderensinar’*, *‘tempoespaço’*, *‘docentediscente’* etc.

(1994)¹⁷: como uma prática social que é constantemente recriada pelos indivíduos em suas vivências diárias. Um espaço de resistência e de invenção, onde os indivíduos buscam produzir sua própria subjetividade em meio às imposições sociais e culturais que permeiam suas vidas.

Os cotidianos são um espaço de negociação constante entre os indivíduos e o poder. Apesar das imposições dos sistemas de poder, os indivíduos têm a capacidade de reinventar suas práticas cotidianas e produzir novos sentidos a partir de suas experiências. "O cotidiano é o lugar do inventado, lugar de uma incansável operação cultural que não apenas produz os objetos materiais da vida cotidiana, mas também os significados e valores que lhes são atribuídos." (CERTEAU, 1994, p. 39). Dessa forma, o cotidiano é um espaço de criação e de reinvenção das práticas sociais, culturais e históricas, produzidas ao longo de nossas vidas, em processos de subjetivação.

Nesta pesquisa, a cartografia online acontece no twitter, no instagram e no facebook. Ao acessar essas redes sociais, procuro por narrativas produzidas e compartilhadas em perfis de pessoas pretas e brancas consideradas públicas, isto é, famosas, e também de pessoas pretas e brancas consideradas comuns¹⁸. Para acessar essas narrativas, busquei pelas hashtags #Blacklivesmatter e #vidasnegrasimportam, #racismoBBB21, #carrefourRacista, pois foram imperativas no começo da pandemia para o aglutinamento do debate racial nas redes. Também inseri no meu recorte a hashtag #BBB21, considerando a grande audiência que o programa teve na quarentena e a relevância da pauta racial por ele suscitada nas redes sociais. A partir delas, fiquei atenta às conversas, aos comentários, aos hipertextos, imagens, vídeos e áudios. Durante a escrita deste trabalho, que passou por quarentenas, vacinas, retomadas, recaídas e recomeços, alguns fatos importantes marcaram outras edições do Big Brother Brasil, o que me fez conversar também com esses acontecimentos de outras edições pós-pandemia. Isso se deu porque nas pesquisas *com* os cotidianos estamos sempre abertos ao que é imprevisível, à surpresa e ao

¹⁷ Para Certeau (1994), os cotidianos são as práticas e atividades que as pessoas realizam em seu dia a dia, que, muitas vezes, passam despercebidas ou são consideradas triviais. Essas práticas incluem coisas como caminhar pela cidade, cozinhar uma refeição, contar uma história, assistir televisão, entre outras. Segundo Certeau, essas práticas são importantes porque elas constituem a vida social e cultural das pessoas, e são fundamentais para a construção de identidades e para a formação de comunidades. Além disso, as práticas cotidianas são criativas e inventivas, pois os indivíduos muitas vezes precisam improvisar e adaptar suas práticas para lidar com as limitações e desafios que encontram no seu dia a dia. Em "A Invenção do Cotidiano", Certeau analisa as práticas cotidianas e as táticas que as pessoas desenvolvem para lidar com as estruturas de poder e dominação que permeiam a vida social. Ele destaca a importância da criatividade e da resistência enquanto modos de se opor às forças opressivas da sociedade.

¹⁸ A busca por narrativas não foi realizada diretamente em perfis de pessoas públicas e com grandes engajamentos. Meu interesse é saber como pessoas pretas, usuários comuns das redes, escrevem-vivem cotidianamente suas vidas na Cibercultura.

espanto. Nossa escrita está sempre enredada por fatos que acontecem no calor dos processos, dos encontros, da vida que não para de surpreender.

É importante destacar que a escrita da pesquisa não é uma produção individual, mas sim a manifestação literária de um corpo em colisão com histórias, memórias, afetos, lágrimas e resistências de pessoas pretas que conseguiram, apesar das inscrições em suas peles, produzir uma voz *‘ouvidapercebidasentida’* no ciberespaço, e também daqueles corpos que não conseguiram subverter as estruturas de poder de modo a chamar atenção para os seus pensamentos partilhados em rede. Vidas instagramáveis e vidas spam (NOLASCO-SILVA; MADDALENA, 2022b). A escrita deste trabalho deseja considerar todas essas vozes, mesmo sabendo que isso é improvável. Escrevo assim para produzir ciência, uma ciência preta e decolonial, atravessada pela minha condição de mulher negra.

Proponho-me a falar sobre como pessoas pretas têm produzido suas existências no ciberespaço e como o compartilhamento de nossas vivências nas redes sociais é uma importante tecnologia de luta antirracista. Aqui, falarei na condição de mulher preta, nascida e criada em Vigário Geral, Zona Norte do Rio de Janeiro, professora da Educação Infantil de uma escola privada e estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Esse trabalho nasce, assim, de minha escrevivência: vem dos lugares onde caminhei ainda criança, dos cheiros que senti, das trocas com minhas amigas, das inúmeras conversas tecidas no sofá da casa de minha avó Mariana, das mesas de bar, dos encontros do grupo de pesquisa, dos pensamentos elaborados enquanto atravessava a cidade de trem ou de ônibus para chegar à Universidade e de tantas outras vivências.

As narrativas apresentadas aqui são minhas e também de outras pessoas pretas que escrevem-vivem suas existências no ciberespaço, “é, portanto, uma escrita que não se esgota em experiência pessoal, mas se enreda, se cumplicia, se (con)funde com tantas outras vivências” (EVARISTO, 2022 p.6). Faço isso como um modo de reverenciar histórias e memórias que, historicamente, são colocadas à margem da sociedade,

Estar na margem (...) é ser parte do todo, mas fora do corpo principal [...] a margem se configura como um espaço de abertura radical [...] de criatividade, onde novos discursos críticos se dão. É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como ‘raça’, ‘gênero’, ‘sexualidade’ e dominação de classe são questionadas, desafiadas e desconstruídas [...] a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos [...] A margem é tanto um local de repressão quanto um local de resistência. (KILOMBA, 2019, p.67- 68).

Aqui, a escrita deixa de pertencer a um único personagem e passa a ser uma escrita coletiva, contaminada por pessoas pretas que se reescrevem a todo instante para produzir cultura, conhecimento científico e, sobretudo, para se manterem vivas.

Essa é uma escrita contaminada pelo choro incontido daqueles que o Estado matou, mas não conseguiu apagar: Kathlen Romeu, João Pedro, Vitor Augusto Marcos de Oliveira, George Floyd, Miguel Otávio Santana da Silva: PRESENTES!

Este trabalho, “é ainda um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência.” (EVARISTO, 2022 p.2). Escrevo, assim, com os cotidianos marginalizados, com as lágrimas de quem nunca pensou viver a universidade. Escrevo com sorrisos, com afetos, com produções negras, com subjetividade, com perdas, ganhos, gritos-vozes, desespero e calma. Escrevo para me salvar e reverenciar os meus; escrevo como forma de resistência e de luta.

*Já não somos como na chegada
Calados e magros, esperando o jantar¹⁹*



“A gente acha que a sua escola não era tão legal assim!”

5 de junho... *“Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando.”* (DE JESUS, 2018, p.173). Quando leio Carolina, me vem um sorriso no rosto – um sorriso que só uma mulher negra que lê outra mulher negra pode sentir. É como se todos os espaços do meu corpo fossem preenchidos por vento. Ao mesmo tempo meus olhos se enchem de águas e me fazem lembrar Conceição Evaristo e os olhos da mãe dela. *“A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Água de mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum .”* (EVARISTO, 2019, p.18-19). Águas que curam feridas coloniais e que nos fazem acreditar que “a carne mais barata do mercado, nunca mais será a carne negra”^{**}.

^{**}Verso da canção a carne, de Seu Jorge / Marcelo Yuka / Ulisses Cappelette. Cantada por Elza Soares. Disponível em: <https://11nq.com/JywGk> Acesso: 02/05/23. Cantada por Elza Soares.

¹⁹ Verso da canção Miserere nobis de Gilberto Gil e os Mutantes.



QR Code de Conceição Evaristo
recitando o poema “Olhos D’água.”

Para abrir os caminhos desse meu texto, contarei um pouco dos mapas que criei para chegar até aqui, e me tornar estudante do programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faço isso por entender que, se pesquiso os modos como pessoas pretas produzem redes antirracistas no ciberespaço, é necessário narrar os entraves à produção de práticas antirracistas nos demais *‘espaçostemapos’* da vida cotidiana, incluindo aí a Universidade. Ao contar a minha história, conto também a história dos que não chegaram até aqui. Falo, pois, de potências e de interdições. De lutas, de vitórias e do que precisamos reunir para outras escritas pretas na Academia.

Finalizei o ensino médio na formação de professores em 2011, mas só cheguei à universidade em 2015, após a realização de três vestibulares. Assim como muitas mulheres negras, eu também fui a primeira pessoa da família a ingressar na universidade pública e no ensino superior. Isso dimensiona como a educação é desigual e as estruturas articuladas à raça, gênero, classe e território são mecanismos potentes que trabalham segregando espaços de conhecimento-poder em prol de uma classe minoritária.

Traduzo minha chegada à universidade (Uerj), em 2015, como a materialização de um processo histórico. Processo tecido na soma das lutas de mulheres pretas que se propuseram a alargar nossas possibilidades de existência, subvertendo as marcas e as definições carimbadas em seus corpos, modificando a si mesmas e lutando para democratizar o acesso aos espaços em que, geralmente, pessoas pretas são colocadas à margem.

Em *Memórias da Plantação* (2019), Kilomba descreve sua chegada ao doutorado como um momento de dor, uma dor que vinha tanto das margens quanto da "impossibilidade" de entrar no centro. Se você é uma pessoa preta com vivências universitárias certamente já se sentiu dessa forma. Pessoas brancas possuem autorização para ser o centro quando falam/escrevem, enquanto pessoas pretas têm seus corpos direcionados para as margens. Não podemos esquecer, contudo, que as margens também são lugares de resistência, de produção de novas possibilidades de (re)existir: olha eu aqui!

Iniciei o primeiro semestre da graduação, estava feliz e aliviada por finalmente conseguir minha tão desejada aprovação. Muitos sentimentos me moviam: alegria, curiosidade e a descrença de minha capacidade em finalizar o curso. Sou uma mulher negra que cresceu em uma zona periférica da cidade do Rio de Janeiro e as vulnerabilidades sociais a qual corpos que habitam esses espaços estão expostos, criam abismos e provocam inseguranças difíceis de serem reparadas.

Durante muito tempo a estrutura social da universidade pública marginalizou minha existência. Eu estava ali, mas não conseguia, de fato, integrar aquele ambiente. Histórias como as minhas não eram contadas, autoras e autores pretos quase não estavam presentes nas bibliografias das disciplinas. A maior parte do corpo docente durante toda a graduação foi branca. Eu não reconhecia a minha estética naquele espaço e, como propõe Abdias do Nascimento, a estética é um lugar político de resistência e de afirmação da produção das identidades negras.

A estética é primeiramente uma condição política que determina quem são as pessoas que habitam determinados espaços. Eu, definitivamente, não me via ali, na universidade. Logo me apropriar dela e coexistir em um espaço majoritariamente branco é, até hoje, para mim, umas das funções mais difíceis quando penso-existo-vivo a Uerj.

*A cota é pouca e o corte é fundo.*²⁰

As vulnerabilidades sociais criadas e não resolvidas pelo Estado são muitas, se iniciam no deslocamento até as universidades e se estendem nos atrasos das bolsas que deveriam garantir a permanência dos alunos de baixa renda. O Rio Card universitário, por exemplo, só é possível de ser usado em ônibus que transitam no Município do Rio de Janeiro. Perdi as contas de quantas vezes vários amigos que vinham da Baixada Fluminense e de outros Municípios não conseguiam frequentar a universidade com regularidade, pois não tinham dinheiro para se deslocar. Eu mesma já tive que voltar para casa, porque o bilhete único universitário foi cancelado, sem nenhum aviso prévio ou alguma uma explicação coerente e eu não tinha como pagar a passagem.

Viver a universidade é um desafio. Fazer parte de um programa de Pós-graduação que é majoritariamente constituído por pessoas brancas, sendo uma estudante preta e pobre é mais desafiador ainda. O sistema educacional funciona como uma tecnologia que violenta a existência de corpos não brancos. Sueli Carneiro, em seu livro “Escritos de uma vida”, nos diz

²⁰Verso da canção: Pra que me chamas? de Xênia França.

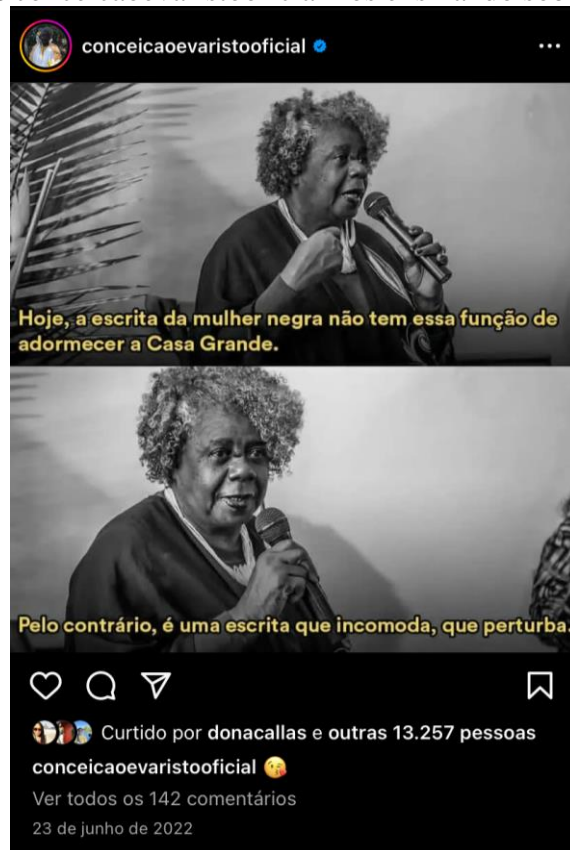
que “o racismo²¹, o ceticismo e a exclusão social que as mulheres negras estão submetidas se potencializa e se retroalimentam para mantê-la numa situação de asfixia social” (CARNEIRO, 2020, p.281). Nós, mulheres negras, estamos localizadas em encruzilhadas de opressões que tornam muito mais dolorosa a ascensão econômica e a disputa dos espaços de poder.

Em 2015, quando comecei minha trajetória acadêmica, minha mãe Solange, uma mulher preta de 58 anos, nascida e criada em Vigário Geral, iniciava sua jornada de trabalho como empregada doméstica, após ser demitida de uma fábrica de bolas, na qual trabalhou por 15 anos. Sua demissão aconteceu em decorrência de uma depressão ocasionada pela morte de seu companheiro. Nessa casa onde ela foi trabalhar mora uma família branca e fica localizada na Barra da Tijuca, um bairro do município do Rio de Janeiro ocupado em grande parte por condomínios luxuosos e mansões. Essa família é composta por um homem branco, médico, e uma mulher branca de 29 anos (mesma idade que a minha) que não exerce nenhuma profissão, mas que herdou os bens de sua família. Oito anos depois da minha iniciação na universidade e de minha mãe como empregada doméstica, minha irmã Karine, uma mulher preta de 22 anos, nascida e criada em Nova Iguaçu, se tornou babá do primeiro filho dessa família.

Ao escrever esse relato sinto raiva! Sim, eu sinto raiva! “Quando estou com raiva, quero ter a liberdade de ficar com raiva.” (KILOMBA, 2019, p.234). Um sentimento legítimo que não me deixa normalizar a marginalização dos corpos pretos. Conceição Evaristo, nos diz que “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, s/pág.). A raiva que sinto ao fazer esse relato, não será aqui interpretada, lembrada ou associada à irracionalidade dos corpos pretos. Mas será lembrada como um sentimento que jamais será interditado, será lida como parte de um processo de humanização das histórias que são empurradas para fora dos centros de representação. Quando você lembrar-se de mim dizendo que senti raiva, lembrará também que esse sentimento me potencializou para escrever esse trabalho.

²¹ Toda vez que eu usar o termo ‘racismo’ e falar sobre invisibilidade e marginalização dos corpos, estou falando sobre o racismo vivido e sofrido por pessoas pretas, porque não existe racismo reverso. A ideia de “racismo reverso” é uma tentativa de desqualificar as demandas dos movimentos antirracistas e reforçar a lógica do privilégio branco na sociedade brasileira. A não existência do racismo contra pessoa branca, se dá, sobretudo, pelo fato de que o racismo é um sistema que privilegia certos grupos em detrimento de outros e, portanto, só pode ser exercido por aqueles que detêm poder institucional e social, ou seja, grupos brancos. Grupos historicamente marginalizados não têm o poder institucional para discriminar ou oprimir outros grupos.

Figura 2 - @conceicaoovaristooficial nos ensinando sobre escrevivência.



Fonte: Print do perfil do Instagram de @conceicaoovaristooficial.²²

O racismo não é um evento isolado, mas uma estrutura social e cultural que permeia todas as áreas da vida. Ele está presente no cotidiano de maneiras sutis, invisíveis e também de forma escancaradamente violenta. O racismo afeta a autoestima e a identidade das pessoas pretas, levando a um sentimento de invisibilidade e de não pertencimento. É uma forma de violência psicológica que é perpetrada diariamente, tanto em níveis individuais como estruturais. Não é apenas uma questão de preconceito individual, mas é perpetuado pelas estruturas sociais e políticas que foram criadas para manter a dominação branca. “O racismo é a tecnologia de poder que torna possível o exercício da soberania.” (ALMEIDA, 2020 p.116).

Uma tecnologia tão potente de submissão e opressão que está enraizada em todas as estruturas da sociedade: política, econômica, cultural e social, favorecendo determinados grupos e estabelecendo fronteiras entre os indivíduos. É também uma tecnologia que controla a produção e a circulação de conhecimento, promovendo a falta de acesso equitativo ao ensino superior, que é uma das mais importantes ferramentas de ascensão econômica.

A relação entre economia, racismo e acesso à educação é complexa e multifacetada. Ao

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfKPIoUJW7r/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ==> Acesso em: 01/06/2023.

acessar a universidade, em 2015, consegui quebrar um ciclo social de subempregos ao qual minha família foi submetida por muitos anos. Mas a minha chegada à universidade não garantiu a continuidade de ascensão para minha irmã, porque o racismo condena corpos como o meu, como o dela, como o da minha mãe, da minha avó, como o das minhas primas...

*Experimenta nascer preto na favela, pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa a casa, outras coisas mais
Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão
E já que ela ta cansada quer carona no busão
Mas como é preta e pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou, não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já já da uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não se atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é três e oitenta, e você tem três na mão
Ela interrompe a professora e diz: Então não vai ter pão
E os amigos que riem dela todo dia
Riem mais e a humilham mais, o que você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que cota é esmola
Cansada de esmolas e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apartamentos no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades²³*

²³ Verso da canção: Cota não é esmola, de Bia Ferreira.

O racismo possui um caráter sistêmico que se manifesta na criação de fortalezas e estruturas que tornam quase impossível a ascensão econômica e intelectual de pessoas pretas. Essas estruturas e barreiras invisíveis, muitas vezes enraizadas em crenças e valores sociais, impactam diretamente na construção de nossas subjetividades.

Historicamente, as pessoas pretas têm sido vítimas de violências que são institucionalmente autorizadas pelo estado, tais como a escravidão, o racismo estrutural e a discriminação racial, que se fortalecem incansavelmente para promover o apagamento de nossas histórias e memórias através da prática de epistemicídios. Segundo nos informa Oliveira,

O epistemicídio é uma forma de violência, e ele ocorre quando determinados grupos ou sujeitos têm seus saberes e conhecimentos desqualificados, deslegitimados, desconsiderados, negados ou destruídos. É um ato de supressão e silenciamento de perspectivas epistêmicas diferentes daquelas que detêm poder e hegemonia no campo do conhecimento. (OLIVEIRA, 2019, p. 9).

O epistemicídio negro consiste na negação e no apagamento dos *'saberesfazeres'* produzidos pelas populações pretas, bem como na imposição de uma única forma de conhecimento que favorece um pequeno grupo dominante. Esse processo contribui para a perpetuação das desigualdades e para a manutenção do *status quo*. É fundamental que se reconheça a existência do racismo sistêmico e do epistemicídio negro, bem como a necessidade de combater essas estruturas opressoras, como sugere a filósofa Sueli Carneiro (2005):

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. [...] se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. [...] por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações. (CARNEIRO, 2005).

Quando nos debruçamos sobre a ideia de epistemicídio, entendemos que esse conceito é uma denúncia às tentativas de destruição sistemática do conhecimento produzido por grupos sociais marginalizados ao longo da história. Carneiro nos diz que o processo de negação da racionalidade do outro tem por característica a integração do dispositivo de racialidade²⁴ e do biopoder²⁵. Essas tecnologias de controle impõem disciplina e normalização, suprimindo ou anulando existências. Nesse sentido, é fundamental compreender que a luta contra o epistemicídio implica a descolonização do conhecimento e a criação de espaços de diálogo e troca entre diferentes perspectivas e experiências.

O epistemicídio não se limita apenas à anulação e desqualificação do conhecimento, mas também envolve a produção persistente da indigência cultural através da negação ao acesso à educação de qualidade, produção da inferiorização intelectual, deslegitimação do negro como produtor de conhecimento e rebaixamento da capacidade cognitiva. Essa é uma realidade que tem sido documentada ao longo dos séculos em várias áreas, como ciência, arte, literatura e política.

As universidades são um bom exemplo de onde isso acontece. Muitas das teorias e conceitos que são considerados fundamentais foram pensados por pesquisadores brancos, sobretudo europeus e norte-americanos, ou foram simplesmente embranquecidas ao longo dos séculos para serem legitimadas como acadêmicos. Logo, o currículo acadêmico é influenciado por perspectivas eurocêntricas, que tendem a colocar a Europa e o Ocidente no centro do conhecimento e da história, em detrimento das contribuições e perspectivas de outros povos e culturas.

Uma percepção que tive enquanto estudante da graduação de pedagogia, e que se estende no mestrado, é que quando teorizamos a partir de autores e pensadores brancos, estamos falando sobre o conhecimento que é construído dentro do currículo e da ementa oficial das

²⁴ Carneiro (2005) utiliza o conceito de dispositivo de racialidade como um conjunto de práticas, discursos, normas e instituições que são usados para diferenciar e hierarquizar grupos de pessoas com base em sua raça. Esse dispositivo tem como objetivo produzir e manter as desigualdades raciais presentes na sociedade. O dispositivo de racialidade não é algo estático ou fixo, mas sim uma construção social que muda ao longo do tempo e pode variar de acordo com o contexto e a sociedade em que se encontra. Ao integrar o dispositivo de racialidade e o biopoder, esse processo busca disciplinar e normalizar as pessoas, impondo regras e padrões de comportamento.

²⁵ Foucault (1979) utiliza o termo "biopoder" para descrever uma nova forma de poder que emerge na modernidade e que se preocupa diretamente com a vida e os corpos dos indivíduos, buscando regular e controlar a sua saúde, higiene, sexualidade e procriação. Segundo o autor, o biopoder se diferencia do poder soberano tradicional, que se baseava na possibilidade de tirar a vida dos súditos, porque ele busca "fazer viver" e "deixar morrer", ou seja, gerenciar e maximizar a vida da população em geral, ao mesmo tempo em que exclui ou sacrifica certos grupos considerados ameaças à ordem social. Foucault vê o biopoder como uma forma de poder difuso, que se expressa em instituições como a medicina, a psiquiatria, a educação e a mídia, e que se legitima pela ciência e pela ideologia da saúde pública. Ele argumenta que o biopoder tem efeitos importantes na produção de subjetividades e identidades individuais e coletivas, moldando as formas como as pessoas se percebem e se relacionam com os outros e com o mundo.

disciplinas. Mas, quando teorizamos a partir das perspectivas das negritudes, precisamos recorrer às brechas.

Contudo, percebo que a produção de conhecimento realizada por pessoas pretas, em sua maior parte, é personificada e não institucional. Isto é, é atribuída a indivíduos singulares, exemplos da exceção, e nunca é institucionalizada como política de democratização dos *'saberesfazeres'* localizados nos *'espaçoestempos'* das negritudes, enquanto coletivo intelectual. Logo, as chances de descontinuidade de uma educação decolonial em prol da manutenção de uma educação branca se torna um mecanismo de opressão e exclusão, na medida em que existem normas e convenções sociais que regulam implicitamente a relação de dominação racial através do conhecimento. Em outras palavras, é a tentativa de apagar ou silenciar os saberes e experiências das pessoas pretas que são historicamente excluídas do processo de construção de conhecimento.

2 ESCRIVIVÊNCIAS PRETAS CIBERCORPORAIS

Figura 3- Conceição Evaristo, por: *Mario Ladeira /Trip Editora.*



Fonte: Imagem do portal Geledés.²⁶

"Acho que ela está lendo alguma coisa."

26 de fevereiro...*"Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao repórter"*. (DE JESUS, 2018, p.172). Sonhei que falava isso pros meus vizinhos. Acordei cedo nesse dia, liguei o tablet. Tablet que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, nos deu (para estudarmos com maior qualidade no período pandêmico em que as universidades só poderiam dar cursos de maneira remota). Quando abri o site jornalístico estava lá a notícia, estampada na primeira página: Policial que matou jovem negro, é absolvido de seus crimes. E voltará a trabalhar!" Afinal de contas vidas negras importam mesmo? #confusa.

²⁶ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/> Data de acesso: 02/06/2023.

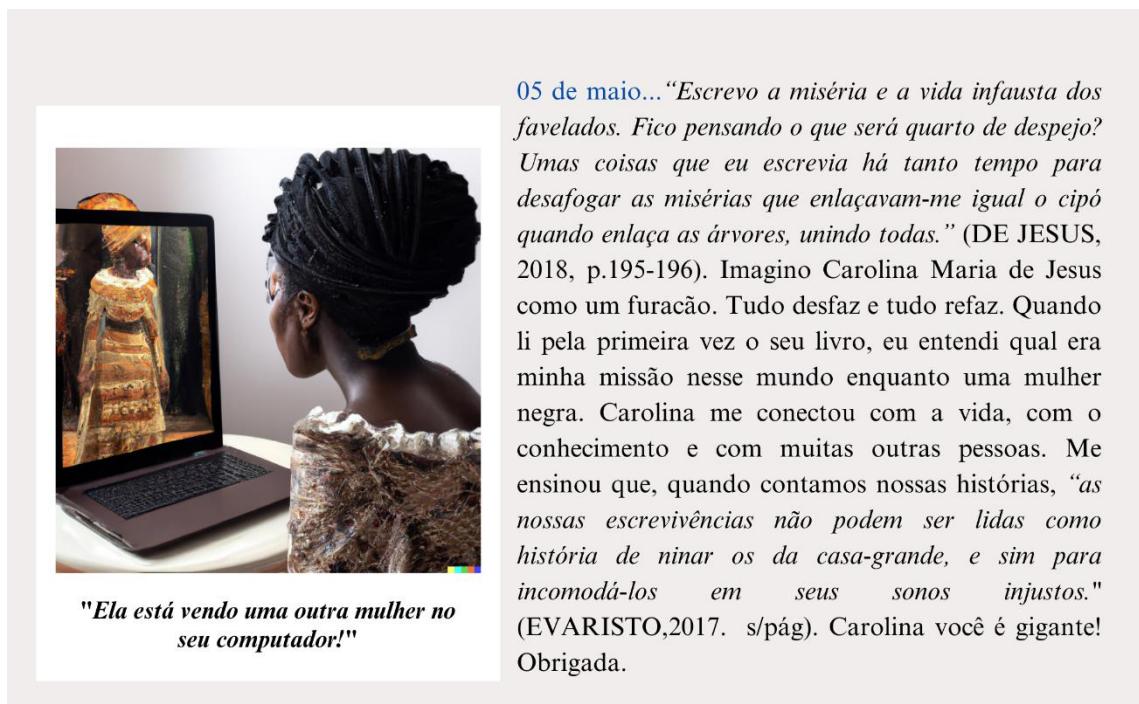
#VIDASNEGRASIMPORTAM... Começo está escrita com a hashtag vidas negras importam para remeter a um movimento de reação, reflexão e denúncia que tomou conta das redes no decorrer dos últimos anos, durante a pandemia de Covid-19. Ela é, ao mesmo tempo, uma declaração de amor às pessoas pretas e uma expressão de raiva pela maneira como nosso sistema nos trata há séculos. A Hashtag *black lives matter*, que traduzida para português pode ser pensada como *vidas negras importam*, foi criada pelas ativistas estadunidenses Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi, no ano de 2013, em resposta a absolvição de George Zimmerman, acusado de atirar e matar, no dia 26 de fevereiro de 2012, em Sanford, na Florida, EUA, o jovem negro Trayvon Martin, de 17 anos. Segundo Zimmerman, Trayvon foi identificado como alguém suspeito e, por isso, foi morto.

A hashtag *#blacklivesmatter* foi publicada pela primeira vez no facebook em 2013, como uma forma de manifestação pelo direito à vida da população negra e contra a violência policial. As *hashtags* são uma forma de unir ideias e agrupar publicações sobre determinado tema. Esse agrupamento de informações gera hiperlinks que direcionam as pesquisas para as páginas dos temas buscados. Por meio das *hashtags* podemos acessar, reunir e identificar os assuntos. Logo, a circulação e a visibilidade das informações ficam mais bem organizadas para que os usuários tenham acesso. Nesta dissertação uso as *hashtags* para localizar narrativas pretas tecidas no ciberespaço, em tempos pandêmicos, que pensam, problematizam e afirmam as negritudes.

Pensando em modos de operar com as redes sociais online, entendendo-as como ‘*espaçostempos*’ de disputas narrativas, de reivindicações, de (re) existências, de visibilidade e de tessitura da vida, a pesquisa pensa em que medida o ciberespaço, que é uma importante rede educativa²⁷ do nosso tempo, tem contribuído para a emergência de pautas antirracistas e para escrevivências (EVARISTO, 2018) pretas cibercorporais.

²⁷ Alves (2012) afirma que a nossa formação se dá nas relações que estabelecemos, cotidianamente, com os outros, com as instituições, com tudo aquilo que nos cerca, de modo que vamos tecendo, no encontro com os demais praticantes da cultura, redes de ‘*conhecimentossignificações*’. De acordo com Alves (2012, p.1), em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de ‘*espaçostempos*’ diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos etc. [...] a incorporação dessas redes do que se aprende fora da escola e que é trazido para escola como experiências vividas externamente, que passam a ser vividas internamente, é que movimenta o ensino, renova o ensino. Porque o ensino não é renovado por decreto, ele é efetivamente renovado no concreto dele, no cotidiano dele, na compreensão daquele conjunto de professores de uma determinada escola, com o acesso que eles começam a ter às múltiplas redes educativas e, dessa forma, começam a fazer transformações. (...). Então são essas tais redes das quais nós participamos e que não estão fora da escola, elas estão dentro da escola, porque vão dentro das pessoas que vão à escola fazer a escola (p. 3).

Um cibercorpo é um corpo pautado na ubiquidade; um corpo que se espalha pela cidade sem necessariamente sair de casa; um corpo fabulado com filtros, hipernarrado (MADDALENA; NOLASCO-SILVA, 2021), praticante de uma linguagem algorítmica, exposto à publicidade sob medida, vinte e quatro horas por dia, na palma da mão ou a um palmo da face. É o corpo que povoa o ciberespaço e que, através dele, produz ‘conhecimentossignificações’ que influenciam os demais ‘espaçotempos’ da vida. As redes educativas de ‘prácticasteorias’ cibercorporais partem, no plano sociotécnico, dos dispositivos que fabulam uma hipermobilidade criadora de “espaços fluidos, múltiplos não apenas no interior das redes, como também nos deslocamentos espaço-temporais efetuados pelos indivíduos” (SANTAELLA, 2013). (NOLASCO-SILVA; MADDALENA, 2022, p. 3).




Os saberes tecidos no ciberespaço ultrapassam os limites das telas e interferem significativamente em nossos modos de existir. Portanto, as redes sociais online são como ‘espaçotempos’ formativos que conectam pensamentos e criam redes de ‘conhecimentossignificações’ que potencializam os sujeitos em seus processos de subjetivação.

A cibercultura é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos ‘espaçotemporais’ emergem e com eles novas práticas educativas. Sendo a cibercultura o contexto atual, não podemos pesquisar sem a efetiva imersão em suas práticas. (SANTOS, 2019, p.20).

A internet, contudo, é um território que espelha as desigualdades existentes na sociedade, mas que, ainda assim, promove significativos processos de mudança nas vidas dos grupos minoritários a partir do momento em que existe algum rompimento com práticas discursivas hegemônicas. Por isso, é intenção desta pesquisa perguntar pelas possibilidades de ocupação preta do ciberespaço, de modo a tecer, com maior alcance e visibilidade, as nossas

histórias, nossas memórias, nossos cotidianos de produção simultânea de vida e morte para, a partir disso, num misto de celebração e de denúncia, reivindicar nossos direitos. Porque contar nossas histórias é uma tecnologia de sobrevivência, um meio de não nos tornarmos um objeto do discurso dos outros. Escrevemos para não morrer e contamos histórias para viver. Como sugere Adichie (2019), para combater os perigos de uma história única, devemos desconstruir a ideia de universalização e hierarquização da epistemologia ocidental. Para tanto, se faz necessário que as histórias das populações pretas sejam contadas principalmente por pessoas pretas.



13 de maio... Já cansei de procurar em mim as histórias perdidas. As histórias que a História insiste em esconder, agora serão contadas! “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (DE JESUS, 2018, p.39). Então, eu quero que as histórias negras escondidas dentro de mim sejam contadas. Quero que as minhas histórias, misturadas as suas, ecoem um grito de liberdade. “Abre essa boca mulher! Fala mesmo! [...] que todas as bocas falem. Que todos os olhos voem. Que todos os corpos libertem-se! Que todas existam! Nessa batalha de línguas falemos das dores dos dias, mas principalmente dos amores. Que cada palavra pedra acerte o rio dos corações e o vidro da mente. [...] seremos livres! Do que estar por vir somos só sementes.”

* Que todas as histórias sejam contadas e legitimadas.

*Versos do poema Manifesta – Slam das minas. Disponível em: <https://11nq.com/SKh65> Acesso: 03/05/2023.

*A história que a história não conta, o avesso do mesmo lugar. [...] Chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês.*²⁸

*Memória de um tempo onde lutar/ Por seu direito/ É um defeito que mata [...] São histórias que a história/ Qualquer dia contará.*²⁹

²⁸ Versos do samba enredo da Mangueira, em 2019 – Histórias Para Ninar Gente Grande.

²⁹ Versos da canção Pequena memória para um tempo sem memória, de Gonzaguinha.



Elas são gêmeas. Elas são duas!”


12 de outubro... “Ela perguntou-me se catar papel ganha dinheiro. Afirmei que sim. Ela disse-me que quer um serviço para andar bem bonita. Ela está com 15 anos. Época que achamos o mundo maravilhoso. Época em que a rosa desabrocha. Depois vai caindo pétala por pétala e surgem os espinhos.” (DE JESUS, 2018, p.60). Mulheres pretas produzem mulheres pretas. A soma dos atravessamentos das negritudes é coletiva. Quando uma mulher negra se olha no espelho, ela se vê, mas também enxerga o mundo.

Segundo Evaristo (2017), nossas escrituras são a soma dos atravessamentos políticos e culturais que experienciamos e têm como ponto de partida a nossa própria vivência atravessada, cruzada e experimentada por meio dos lugares onde estão fincados os nossos pés. Por isso, a autora define escritura assim: “A escritura é como o espelho de Yemanjá³⁰: Quando olhamos para ele, somos acolhidos. O espelho reflete a comunidade, a história de uma coletividade”³¹.

³⁰ Yemanjá é orixá considerada ‘mãe de todos os Oris’, ou seja, ela cuida de todas as cabeças. Ela é a divindade do mar e em sua mão carrega o abebé de prata, um espelho do mundo, que reflete nossas diferenças, cuida e protege nosso Ori.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-wfZGMV79A>

Data de acesso: 18/07/2022.



**"Acho que são várias pessoas
uma do lado da outra!"**

8 de abril... *"O dia de hoje me foi benéfico. As rascoas da favela estão vindo eu escrever e sabe que é contra elas. Resolveram me deixar em paz."* (DE JESUS, 2018, p.21).

Aqui na rua, todo ano no sábado de aleluia, dia que antecede a páscoa, malhamos o Judas. Essa é uma tradição cultural de exposição das fofocas de todo o bairro. Normalmente uma pessoa misteriosa pendura um boneco feito de pano em um poste. E durante todo o dia as pessoas vão até esse boneco para depositar e ler fofocas. As traições eram as campeãs de audiência, todo mundo descobria quem comprou e não pagou, quem pediu emprestado e não devolveu. Já vi até bilhete falando sobre pastor que roubava a igreja. Sobre mim, nunca falaram nada, ainda bem! Se eu fosse vizinha da Carolina ia me comportar, para não parar no diário!

Nesse sentido, as escrituras podem ser compreendidas como uma escrita que nasce dos cotidianos vividos-sentidos por cada pessoa preta que faz de suas narrativas e de suas histórias o ponto de partida para pensar a sociedade. Todavia, não se trata de uma escrita narcísica, mas sim de uma experiência pautada em uma coletividade que se carrega no corpo em forma de memórias, histórias e ancestralidade. Trata-se da escrita da vida de pessoas pretas que são historicamente empurradas para as margens, mas que resistem aos açoitamentos modernos e subvertem as ordens sociais. Em outras palavras, Evaristo diz:

Concebo meu texto a partir da minha condição de mulher negra. Minha concepção, o meu trabalho, a minha ficcionalização nasce a partir do lugar onde meus pés estão fincados, no lugar de mulher negra na sociedade brasileira, no lugar de mulher pobre na sociedade brasileira. Parte da minha história pessoal, uma mulher que nasceu e se criou em uma favela veio de uma situação subalterna. (EVARISTO, 2017).



Ao acessar esse QR Code, você assistirá Conceição Evaristo nos contando sobre a produção de literatura através da coletividade das experiências pretas.



"Ela tá lendo uma história!"

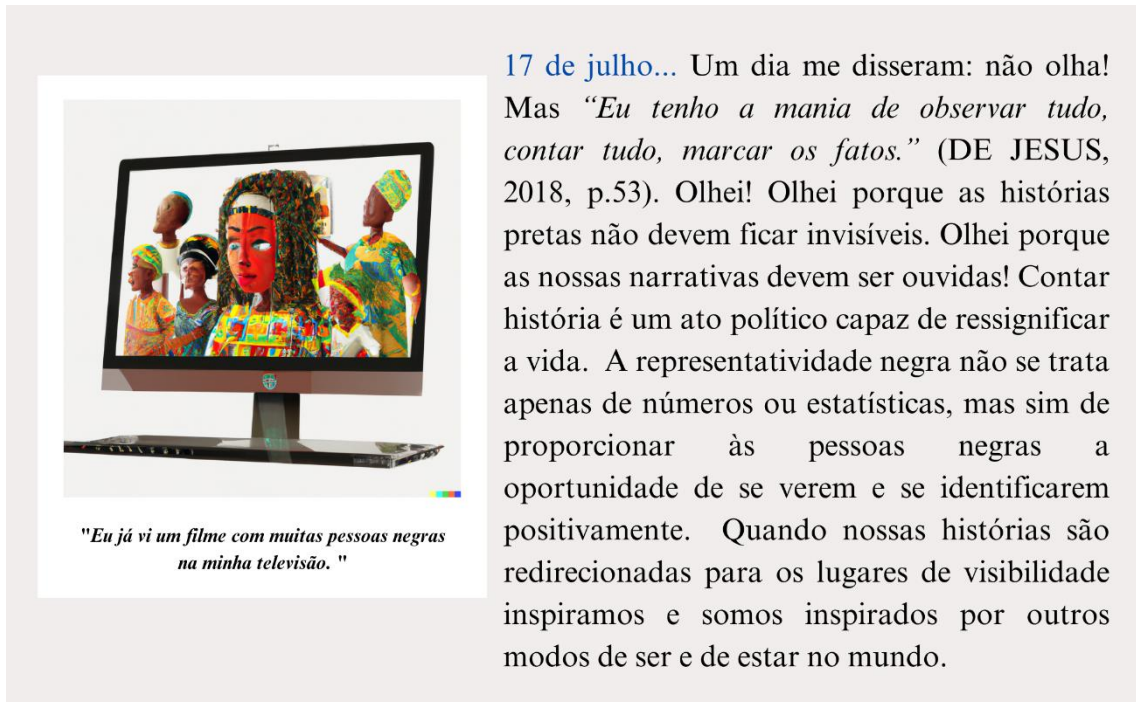
01 de novembro... "Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade." (DE JESUS, 2018, p.108). Esses dias, olhando as crianças brincando, me lembrei de minha infância. Mamãe dizia: - "Estou indo, mas eu volto!" Aquelas palavras confortavam dentro de mim sua ausência. Lembro-me de pedir para ela ficar, eu chorava, gritava e fazia promessas. Suplicava para que ela não fosse trabalhar! Mas ela sempre ia. Não tinha opção. Tinha que trabalhar! Eu sonhava com o dia que poderíamos ir juntas para a escola. Só queria segurar sua mão para atravessar a rua. Queria também chegar na sala de aula e poder dizer: Quem me trouxe hoje foi minha mãe! Confesso que essa última parte seria uma forma de me "aparecer", de me "exibir" para as outras crianças! Para o mundo! Uma forma de existir! Anos depois, já quase adulta, arrumando a casa, arrumando a vida, encontrei dentro de sua bíblia um bilhete que dizia: "Deus, te peço mais tempo para ficar com os meus três filhos". Essa é a escrita da vida da minha mãe, a escrita da minha vida e de tantas mães e filhas. "Dona Maria já se foi, só depois é que o Sol nasce [...] O Sol só vem depois. É o astro rei, ok, mas vem depois. O Sol só vem depois."*

*Verso da canção: A ordem natural das coisas de Emicida. Disponível em: <https://encr.pw/vqJOx> Acesso: 05/05/23.

Compreendendo que as tecnologias digitais em rede são '*espaçostempos*' de produção e de circulação de '*conhecimentossignificações*' e que parte das nossas escrevivências são compartilhadas nessas redes, entendo que o enegrecimento desses espaços estabelece conexões, oportunizando interações que são capazes de produzir debates e (re)conhecimentos acerca de uma história preta compartilhada. Afinal, as narrativas cotidianas que registram memórias – textuais, imagéticas e/ou sonoras – de pessoas pretas comuns, podem evidenciar tanto as costuras sociais racistas que alimentam o sistema de dominação e manutenção de vulnerabilidades que atravessam os nossos corpos, mas também relatos de reexistências, de aquilombamentos virtuais³² formados por pessoas pretas que afirmam e inspiram outras

³²O aquilombamento virtual é uma expressão que emerge da interseção entre o conceito de "aquilombamento" e o espaço virtual. O termo "aquilombamento" remete à ideia de criar espaços de resistência e fortalecimento coletivo, uma inspiração nos quilombos históricos, que eram comunidades formadas por pessoas negras escravizadas que buscavam liberdade e por pessoas negras livres. O Quilombo de Palmares, por exemplo, foi uma comunidade livre formada por pessoas negras que fugiam da escravidão durante o período colonial no Brasil. Palmares se estabeleceu como uma resistência efetiva contra a opressão e a exploração dos africanos escravizados. Abdias do Nascimento (2002), cria o conceito de Quilombismo como uma tecnologia de produção de vida preta no Brasil. O autor destaca que o Quilombismo dialoga com as necessidades de criar uma forma de produção da vida cotidiana a partir das experiências e dos referenciais pretos, como a oralidade, a musicalidade, os terreiros, as expressões culturais... Aliado ao pensamento Pan Africanista, Abdias do Nascimento, propõe pensar uma comunidade negra fora do continente africano que tenha entre si articulação e força política para produzir, teorias, estética e política, ou seja, produzir existências a partir de uma perspectiva preta. O quilombo não se restringe a uma ideia do passado. Ele é um conceito vivo e atual que representa a luta contínua e a resistência das comunidades pretas. O quilombo transcende o tempo e o espaço, manifestando-se como um símbolo de enfrentamento ao racismo e à opressão em diferentes contextos. Segundo a historiadora Beatriz Nascimento (1989), aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica. Quando penso em ciberaquilombamento, vislumbro um movimento que

estéticas, outras poéticas, outros modos de ser e de estar no mundo.



Sendo assim, compreendo que a produção, o registro e a circulação de experiências pretas no ciberespaço, em forma de narrativas hipertextuais, educam e deseducam os corpos, na medida em que possibilitam a proliferação de narrativas em disputa. É o caso, por exemplo, de perfis como *Ativismo Negro*³³ e *História Preta*³⁴ que, entre outras coisas, produzem conteúdos voltados para a visibilidade das negritudes, operando como redes que se contrapõem às lógicas da exclusão. Eles apresentam pessoas pretas e falam de suas colaborações na construção de uma sociedade mais igualitária, expandindo nossas oportunidades de formação no campo do pensamento racial praticado na cibercultura.

O conhecimento produzido através das redes de sociabilidade online não se restringe às telas do computador, do celular, do tablet, uma vez que transborda e ultrapassa os limites do ciberespaço. Como um rio, desemboca em afluentes sem fim, recriando novas possibilidades de aprendizagem. As redes sociais são, pois, espaços formativos de produção de inúmeros saberes. Quando nos conectamos a elas, passamos a produzir subjetividades a partir daquilo que observamos no outro e, do mesmo modo, o outro pode ir alargando seus territórios existenciais a partir daquilo que compartilhamos acerca das nossas vidas.

representa a resistência e a luta dos povos pretos nas redes sociais, onde encontramos espaço para publicizar nossas vozes, denunciar o racismo e promover ações coletivas de empoderamento. O ciberaquilombamento é uma forma contemporânea de organização e atuação política, onde podemos nos expressar, compartilhar vivências, debater questões raciais e construir uma rede de solidariedade, afeto e apoio.

³³ Acesso ao perfil Ativismo negro no Instagram link: <https://www.instagram.com/ativismonegro/>

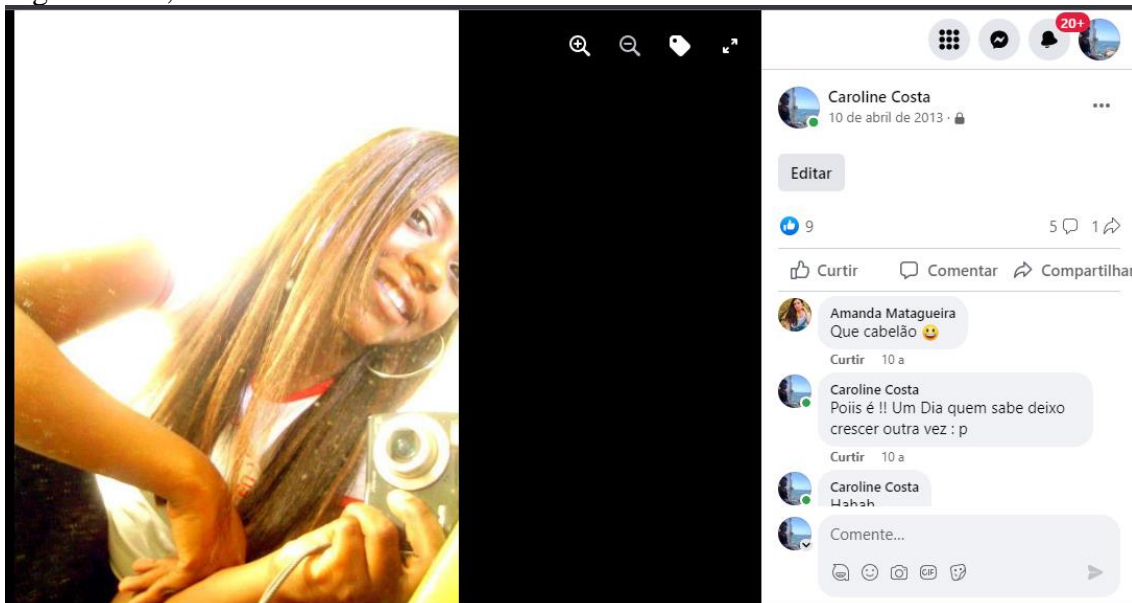
³⁴ Acesso ao perfil História Preta no Instagram link: https://www.instagram.com/historia_preta/

Narrar a vida nas linguagens da hipermídia, de acordo com Maddalena e Nolasco-Silva (2022₂) implica explorar outros modos de estar no mundo e de se anunciar enquanto sujeito-contador-de-histórias. O hiperescritor de si é alguém que borra as fronteiras que separam o corpo orgânico do corpo online, transformando-se em um cibercorpo, atuante – entre telas – nas redes de ‘*prácticasteorias*’ cibercorporais.

A tela representa, portanto, a possibilidade de imersão numa realidade que põe à prova muitos dos nossos hábitos, costumes, crenças, instituições, modos de habitar o mundo, de lidar com o corpo, de narrar a vida, de produzir a nós mesmos. (MADDALENA; NOLASCO-SILVA, 2022₁, p.9)

Ainda falando da vida que se produz outra nas linguagens da hipermídia, lembro, por exemplo, da relação que eu mantinha com os meus cabelos, antes de encontrar – na Internet – relatos de blogueiras pretas que debatiam estética, opressão e resistência negra: Meu cabelo foi quimicamente tratado durante 21 anos (se é que posso chamar esse processo de apagamento epistemológico de tratamento) para ficar com os fios alisados. O cabelo crespo nunca foi uma estética aceitável, para mim, para minha família e para as meninas pretas que cresciam junto comigo. A qualquer sinal de crescimento da raiz do meu cabelo eu corria para o salão, para refazer o alisamento e, quanto mais o secador queimava meu couro cabeludo, mais feliz eu ficava. Feliz e aliviada, porque tinha certeza que meus fios estavam ficando mais “lisos”.

Figura 4: Eu, com meu cabelo alisado.



Fonte: Print retirado de meu perfil pessoal no Facebook.³⁵

³⁵Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4848594658857&set=t.1416663244&type=3>
Data de acesso: 01/06/2023.



26 de julho... Estava caminhando pelas ruas do centro da cidade, em busca de uma roupa que me vestisse. “Quando passei diante de uma vitrine e vi meu reflexo: desviei o olhar” (DE JESUS, 2018, p.182). Quando me virei para o outro lado, dei de cara comigo mesma! Não foi um encontro bonito e amigável. Pelo contrário, parecia um filme de terror. Éramos só nós. Sem nenhuma fantasia e história de personagens brancos! Toda minha referência de beleza, se desfez naquele instante. Os olhos azuis, o cabelo longo, liso e loiro se foi. Eu me olhei e sorri! Eu senti medo!

“Quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve, comiam maçãs”³⁸.

Narrar a história do meu cabelo me ajuda a enfrentar o perigo de uma história única, aludida por Adichie (2019). Essa é uma história que me faz viajar até a infância para contemplar ‘*temposespaços*’ de não representatividade – uma espécie de “não lugar” da existência. Cresci em uma família majoritariamente feminina. Todas as mulheres que fizeram parte da minha criação eram mulheres pretas que tiveram, desde as suas infâncias, os cabelos alisados. Até hoje elas não sabem como seriam os seus cabelos sem a influência da química.

Quando acesso minhas fotos mais antigas, postadas nas redes sociais, percebo o quanto o mundo foi/é cruel com mulheres pretas. Lembro-me de pessoas desconhecidas que paravam minha mãe na rua e diziam para ela “domar” meu cabelo. Como se meu cabelo fosse um animal, como se a minha humanidade não existisse. Eu me sentia constrangida, ficava com muita vergonha, quase não olhava para as pessoas. Meu olhar era sempre direcionado ao chão, pois dessa forma eu imaginava que a minha presença não seria tão visível a ponto das pessoas comentarem sobre mim. Tenho 30 anos de idade e passei mais tempo da minha vida me odiando por ter nascido preta e com cabelo crespo do que, de fato, sendo livre. Se é que existe liberdade para corpos pretos.

³⁸ Trecho do discurso de Chimamanda Ngozi Adichie, no TED Talk, em 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=60s> Data de acesso: 28/11/2022.

Revisitando minhas memórias, lembrei que, em 2014, Jasmine Toliver recorreu às redes sociais para fazer uma petição para que a cantora Beyoncé e Jay-z penteassem o cabelo de sua filha, Blue Ivy, de apenas dois anos. A petição foi nomeada de “Comb her hair” que, traduzindo para o português, seria: PENTEIE O CABELO DELA. Essa petição recebeu cerca de 5.770 assinaturas. O racismo não dá trégua. Nós, pessoas pretas, somos ridicularizadas desde a infância. Nossas estéticas são frequentemente desvalorizadas e marginalizadas. Não importa o grupo social ao qual pertencemos, os lugares que frequentamos, as universidades nas quais nos formamos. Os racistas estão em todos os lugares e isso é muito cruel.

Figura 7: Jay-Z com sua filha Blue Ivy.



Fonte: Print retirado do Twitter. ³⁹

³⁹ Disponível em: <https://twitter.com/boosie19/status/503713779268747264> Data de acesso: 01/06/2023.

Esse tweet com a foto da Blue no colo de seu pai, Jay-Z, foi legendado com a seguinte mensagem: “How come they never comb her hair poor blue”, que traduzindo para o português significa: “Como é que eles nunca penteiam o cabelo dela, pobre Blue”.

A memória da petição para pentear o cabelo da Blue Ivy, me invadiu quando estava no Instagram assistindo alguns vídeos da turnê da Beyoncé - Renaissance World Tour - e a página @blueivycter postou um dos vídeos em que Blue aparece dançando a música “Black Parade”. Essa música foi feita por Beyoncé em 2020, como forma de celebração e empoderamento da cultura negra. A música foi escrita em resposta aos protestos contra a violência policial e o racismo sistêmico que ocorreram nos Estados Unidos e em todo o mundo.

“Parada Preta”, como sugere a tradução de Black Parade, destaca a importância da ancestralidade, da identidade negra e do orgulho cultural. Beyoncé menciona símbolos e referências da cultura africana, como o Baobá, árvore sagrada conhecida por sua longevidade e resiliência, e a energia de Oshun, uma divindade iorubá associada à fertilidade e ao amor.

“Black Parade” também aborda questões de justiça social e reparação histórica. Beyoncé menciona a necessidade de um exército para lutar por direitos e reparações para o povo negro, destacando a importância do ativismo e da solidariedade na busca por igualdade.

A música celebra a beleza e a diversidade da cultura negra, destacando a resiliência, a força e a determinação dos indivíduos negros. É um chamado para valorizar e apoiar a comunidade negra, enquanto também reconhece a luta contínua contra o racismo e a busca por justiça e igualdade. “Black Parade” é uma música que busca promover o orgulho e a autoafirmação de nós negras e negros, incentivando a celebração da cultura e a luta por um futuro melhor.

Apesar de todo racismo presente nas redes sociais, nesse momento desejo acreditar – quase desacreditando – que um futuro melhor tem batido à porta. Hoje celebro por ver tantas pessoas pretas construindo narrativas críticas e produzindo sua existência no ciberespaço. Celebro a existência delas e a minha. Como disse antes, esse trabalho é um júbilo à vida. Por insubmissão estamos vivas.



Esse QR Code nos levará ao vídeo da música “Black Parade”, em que Blue Ivy se apresenta junto com sua mãe Beyoncé, na turnê Renaissance world tour.

Figura 8 - Blue Ivy dançando no show de sua mãe Beyoncé.



Fonte: Print retirado do Twitter.⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <https://twitter.com/BorbaRamana/status/1666943771286683689>

Figura 9 - Comentários positivos sobre o cabelo de Blue Ivy.



Fonte: Print retirado do Twitter.

⁴¹Não posso esquecer que minha história é a história dela!
Ser negra, talvez seja esse o motivo
De eles estarem sempre bravos,
sim, eles estão sempre bravos, sim
Estar acima deles, eu sei que esse é o motivo
De eles estarem tão incomodados, e eles sempre estiveram (...)
Precisamos de paz e reparação para o meu povo
Fodam-se esses cabelos escovados, eu vou deixá-lo enrolar
Fodam-se essas ondas murchas, eu vou deixar virarem dreads
Coloque seus punhos para o alto, mostre o amor preto (mostre o amor preto)
ranças da mãe terra sobre mim, mãe terra, heranças da mãe terra sobre mim⁴²

Data de acesso: 01/06/2023.

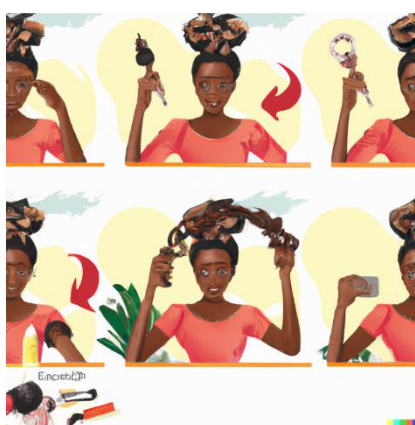
⁴¹ Disponível em: <https://twitter.com/livionce/status/1666923300986011651>

Data de acesso: 01/06/2023.

⁴² Verso da canção Black Parade de Beyoncé, traduzida para português.



Vamos assistir ao clipe da música
“Black Parade”, da Beyoncé?



"Acho que ela tá arrumando o cabelo dela,
pra sair!"

9 de novembro... Se eu soubesse antes como é o meu cabelo, eu nunca o teria usado de forma diferente. *“A realidade é muito mais bonita que o sonho”*. (DE JESUS, 2018, p.173). Para fazer minha transição capilar e me livrar de toda química utilizada, usei tranças. Não tinha coragem de me olhar sem elas. Sair na rua? Muito menos! Até que esse dia chegou! Que felicidade! Estava voltando para casa depois de um dia de trabalho, estava muito cansada. Encostei a cabeça na janela do ônibus para tentar dormir. Comecei a chorar! Parecia que meu cabelo tinha criado uma pequena cama para que eu pudesse descansar. Descansei! “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”.*

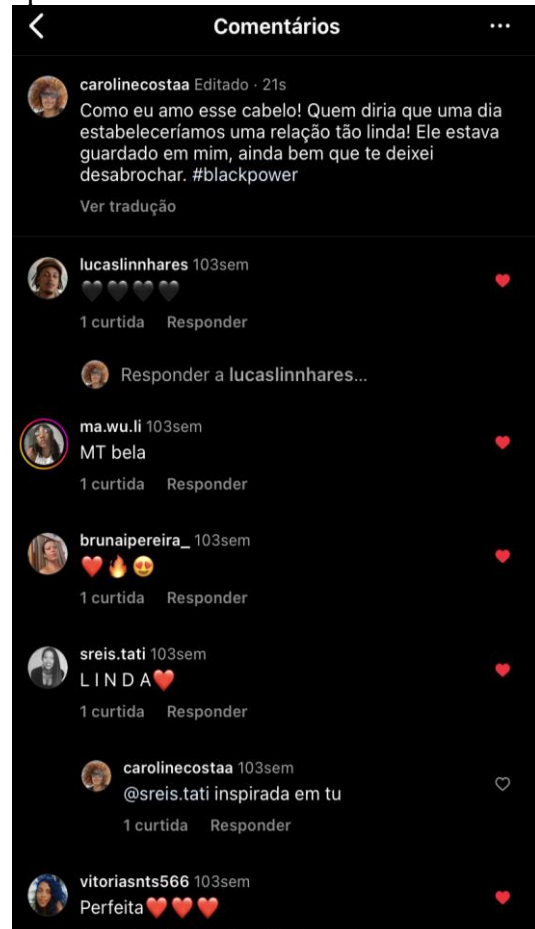
*Verso da canção Sujeito de sorte de Belchior. Disponível em: <https://encr.pw/S9DeS> Acesso: 02/05/23 .

Figura 10 – Eu, com meu cabelo natural



Fonte 1: Print retirado de meu perfil pessoal no Instagram.

Figura 11 - Comentários sobre a foto postada com meu cabelo natural.



Fonte 2: Print retirado de meu perfil pessoal no Instagram.⁴³

Não podemos nos esquecer que a construção dos padrões eurocêntricos de beleza antecede nossa existência. Pessoas pretas são representadas a partir do imaginário branco e o estereótipo racista – produzido e propagado através das grandes mídias – objetifica e generaliza os nossos corpos, roubando nossa singularidade e, muitas vezes, nossa vida. Afinal, de onde vem a vontade tão prematura, entre pessoas pretas, de alisarem os cabelos?

*Nega do cabelo duro
Que não gosta de pentear⁴⁴
Nega do cabelo duro (Oh minha nega)
Qual é o pente que te penteia?⁴⁵*

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQT-EWYJpgO/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ%3D%3D>

Data de acesso: 01/06/2023.

⁴⁴ Verso da canção Fricote, de Luiz Calda.

⁴⁵ Verso da Canção Nega do cabelo duro, do Planet Hemp.



“Acho que eles são irmãos, mas pode ser de mãe diferente também!”

28 de abril... Desliguei a televisão para não pensar mais no BBB. É um programa muito difícil de assistir quando se é uma pessoa preta. Fui pro meu quarto brincar de conversar sobre outras coisas, mas tem assunto que persegue quem não nasceu com a pele branca. Era uma conversa com uma menina branca. Só uma conversa. Ela perguntou por que deus me odiava tanto para me fazer assim. – “É uma pena você ser preta.” (DE JESUS, 2018, p.64). Essa conversa com a menina branca eu tive diante do espelho, olhando para mim mesma enquanto chorava. Era só ela e eu no quarto. Essa menina branca é a sociedade que insiste em me chamar para uma conversa, “esquecendo ela que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta.” (DE JESUS, 2018, p.64). “Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”. (DE JESUS, 2018, p.167).

Ao longo da exibição do Big Brother Brasi⁴⁶, edição de 2021, um caso típico de racismo recreativo, tendo o cabelo afro como disparador, ganhou os holofotes. Durante uma conversa trivial, enquanto se arrumavam para uma atividade do programa, o participante Rodolfo – um homem branco, cis, hétero, rico, cantor sertanejo – comparou o cabelo do participante João – um homem preto de cabelo crespo – com a peruca que outro participante – Caio, homem branco – usava, aludindo a uma estética do que seria, no imaginário da produção do programa, um homem das cavernas.

Ser branco em uma sociedade estruturada pelo racismo confere a essas pessoas uma identidade social privilegiada. As relações, nesse tipo de sociedade, são estabelecidas a partir de hierarquizações e, via de regra, cabe às pessoas pretas as posições de subordinação. O estereótipo associado à branquitude é formado por elementos positivos. À negritude, por sua vez, a linguagem e os costumes atribuirão imagens negativas. Essa divisão social do capital cultural se manifesta, em prol da branquitude, de diferentes formas, inclusive nos programas de televisão. Trata-se de estruturas tão sólidas que, mesmo diante de várias câmeras, com transmissão ao vivo, 24 horas por dia e mesmo diante dos argumentos de pessoas pretas que apontam para o racismo praticado, o participante Rodolfo não reconheceu seu erro.

João: No sábado, aconteceu uma situação lá no quarto cordel em que estava eu, Caio, Rodolfo e Juliette. E eu estou dizendo isso aqui agora porque é um momento de muita coragem de poder estar falando. [...] o Rodolfo chegou a fazer uma piada do monstro da pré-história com o meu cabelo. Então, isso para mim tocou num ponto muito específico, porque o jogo pode ser, sim, de coisas que a gente vive aqui dentro, mas

⁴⁶ É um programa em formato *reality show*, exibido no Brasil, pela Rede Globo, desde 2002. Nele, um grupo de pessoas permanece confinado dentro de uma casa, sendo vigiado por inúmeras câmeras, 24 horas por dia.

aqui dentro é um jogo de respeito. Eu te daria mais umas quatro flechas de jogo sujo [referência à dinâmica do Jogo da Discórdia – uma espécie de lavagem de roupa suja entre os participantes do programa, onde cada um deveria colocar uma flecha no avatar da pessoa que, segundo sua percepção, estaria fazendo um “jogo sujo” no reality.].

Rodolffo: Cara, se todo mundo observou como que era a peruca do monstro, acredito eu que é um pouco semelhante [Ao cabelo crespo do João]. Não tem nada a ver isso [A acusação de racismo].

João: Naquela hora, lá dentro, eu me calei, não falei nada. Mas você não sabe o quanto aquilo que você falou me machucou. Não adianta vir com discurso que você não teve a intenção de fazer. Eu estou cansado de ouvir isso. Não é só aqui dentro, é lá fora também. Nunca ninguém tem a intenção de machucar, nunca ninguém tem a intenção de fazer as coisas com a gente.

Rodolffo: Eu não tive intenção, não!

João: Por que não é mais fácil você reconhecer que errou? Você reafirmou para mim que meu cabelo é semelhante ao cabelo do “homem das cavernas”. Você acabou de reafirmar! Eu não estou num desenho animado, não sou a Pedrita, para ficar usando peruca de pré-história, não. Tem osso no meu cabelo, irmão? Não tem, não! Você pode não sentir, mas eu sinto isso todos os dias desde o dia em que eu nasci!

Pocah: O mínimo que você deveria fazer era pedir desculpas! O mínimo era se desculpar!

Rodolffo: Desculpa, cara! Eu só fiquei sabendo disso agora! Perdão.

João: Por favor, Rodolffo, por favor [Pedindo para que o Rodolfo se afastasse].

Camilla de Lucas: O cabelo do João não é o mesmo daquela peruca. Hoje eu uso peruca porque quero voltar com o meu cabelo natural que é igual ao do João. Então, isso que você fez com ele me deixou mal. E o que cansa a gente não é essa coisa de você não saber o que é, é que as justificativas sempre são essas.

Rodolffo: O cabelo do meu pai é igualzinho ao do João. Se fosse para machucar, eu iria querer machucar o meu pai?

Camilla de Lucas: A gente está em 2021, Rodolffo. Você é uma pessoa jovem que tem acesso à internet, tem acesso ao conhecimento, você não é uma pessoa que vive isolada. Seu cabelo não é julgado como o cabelo crespo. Pesquisem, estamos cansados de ter que explicar sobre nossa cor de pele e nosso cabelo. Eu entendo o João, porque o meu próprio cabelo é parecido com o cabelo do João! Eu uso esse alongamento que é uma peruca, porque eu estou em transição, estou tirando uma química do meu cabelo para deixar o meu cabelo igual ao do João! Então, às vezes eu sempre comento e explico nas redes sociais, eu não uso isso aqui pra esconder quem eu sou e a minha origem, é justamente para trazer de volta o que é o meu [Cabelo] e que por anos eu aprendi a odiar, o que vem de mim, vem da minha família. Eu conversei com o Rodolffo, eu falei pra ele. Eu realmente entendo que não foi na maldade, mas a gente que está do outro lado, a gente também não aguenta mais ouvir essa justificativa. Então, [...] eu consegui enxergar que talvez não tenha sido de propósito, mas também é uma coisa que a gente não aguenta mais ouvir! Eu escuto esses termos e essas comparações desde 1994, desde quando eu nasci! Então, hoje eu já me coloco numa posição de que eu não aceito mais! Também não quero mais ficar ensinando. E se as pessoas falam que é mimimi, estão cansadas de ouvir isso, eu estou cansada de ter que falar também. Se é cansativo pra vocês ouvirem, é cansativo pra mim viver [Falando sobre isso], não quero mais! [...] essa cobrança também, de que a gente só vai aprender se vocês ensinarem... Pesquisem na Internet! Eu estou cansada, estou cansada de ficar explicando pra todo mundo! Eu faço meus posicionamentos na internet, reclamo de maquiagem [Que não é feita para peles pretas], porque eu estou

cansada de não ter! Estou cansada de ouvir, é cansativo! Estamos esgotados! Vou continuar falando, sim, porque eu sei que é necessário, porque a gente só consegue transformar essa sociedade falando e lutando, mas eu também estou cansada de ficar ensinando essa merda, toda vez! Eu não aguento mais! Não aguento mais!⁴⁷

Figura 12 - Postagens sobre o caso de racismo que sofreu no programa Big Brother Brasil.



Fonte: Print retirado do Twitter.⁴⁸



Este QR Code te levará para a cena em que Rodolfo compara a peruca do monstro com o cabelo de João.

A cena ocorrida no Big Brother remete à minha infância, adolescência e vida adulta. Se você for uma pessoa preta de cabelo crespo, certamente se lembrará de algum episódio de racismo em que seu cabelo foi marginalizado por discursos, olhares e gestos. Recentemente na escola em que trabalho, uma criança branca de seis anos de idade olhou para o cabelo de uma criança preta da mesma idade, riu e, ao ser questionada por mim, disse a seguinte frase: “*Estou rindo porque acho o cabelo dela engraçado!*”

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=76r87tNi7hA&t=612s> Data de acesso: 06/12/2022.

⁴⁸ Disponível em: <https://twitter.com/joaoluizpedrosa/status/1378445077249462272?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA> Data de acesso: 01/06/2023.

O humor decorre da comparação entre grupos sociais, um meio que as pessoas utilizam para afirmar um sentimento de superioridade em relação a membros de outros grupos. Portanto, mais do que produzir sentimento de prazer, o humor atende também outras necessidades emocionais, notoriamente a necessidade de distinção em relação a outras pessoas. O humor racista satisfaz a necessidade de diferenciação que pessoas brancas sentem em relação a indivíduos considerados inferiores e também cria um sentimento de solidariedade entre os membros desse grupo. (MOREIRA 2019 p.70)

Figura 13 - Postagens sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil.



Fonte: Print do twitter.⁴⁹

⁴⁹ Disponível em:

<https://twitter.com/kkkkkkaique/status/1379632935599362050?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA> Data de acesso: 01/06/2023.

Figura 14 - Postagens sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil



Fonte: Print retirado do Twitter.

Figura 15 - Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil



Fonte: Print retirado do Twitter.

O racismo recreativo, segundo Adilson Moreira (2019), mascara a realidade, legítima e

justifica o sistema de dominação que marginaliza as identidades sociais pretas e confere privilégios a uma pequena parcela da sociedade que se inscreve como maioria social. Vivemos em uma sociedade onde os discursos racistas são aceitáveis e pouco questionados. Seguindo a proposta de Nolasco-Silva e Maddalena (2022₁), ao pensarem as práticas na cibercultura, podemos dizer que o debate racial no Brasil, seja através das mídias tradicionais ou da internet, assume a brevidade de uma estética *zapping*. Em outras palavras, toda vez que algum debate acerca da produção de corpos negros ganha relevância na pauta social, a sociedade brasileira “muda de canal”. Este movimento de “mudar de canal” indica que a sociedade brasileira não tem interesse em se demorar muito neste tema.

O debate racial tem sido tratado pela grande mídia como algo eventual, rapidamente consumido e esquecido no frenesi de conteúdos exibidos em nossas telas. Em tempos de cibercultura, o debate racial acaba seguindo a *ifoodização* das práticas, isto é, obedece ao imperativo do desejo acessado por um clique, usufruído brevemente e logo esquecido, pois são substituídos por outros quereres algorítmicos.

O discurso que o apresentador Tiago Leifert produziu para o participante Rodolfo pode ser pensado como um exemplo de *ifoodização* dos debates antirracistas. Em outras palavras, precisa chegar rápido, ser consumido brevemente e abrir espaço para outro item da pauta (ou do cardápio). Contudo, há que se observar uma mudança na postura de Leifert em relação à pauta racial, provavelmente ocasionada pela pressão das redes sociais. Se nas edições anteriores do programa, o apresentador fazia discursos alegando que os participantes não representavam um coletivo, mas só a si mesmos, o tom adotado por ele no BBB 21 faz menção à representatividade:

Tiago Leifert: Eu vi sua defesa, Bastião. E quando eu era mais novo, no colégio, também brincavam com o meu cabelo. Aliás, o pouco que me resta não é liso. As pessoas brincavam que era cabelo de lixa, mas isso nunca fez a menor diferença para mim. Um cabelo black power, não é um penteado. É mais do que um penteado. É um símbolo de luta, resistência, foi o que os pretos americanos usaram como símbolo antirracista, eles vestiam o black power para mostrar que eles se amavam. Há pouquíssimos anos atrás uma pessoa negra tinha que levantar de um ônibus para um homem branco sentar. Historicamente, o cabelo do João foi associado a uma coisa errada, suja, feia. Não existia cosmético para a pele da Camilla até pouquíssimo tempo atrás. E é por isso que quando a gente faz um comentário sobre o cabelo do João não é sobre um penteado. Você está falando de um símbolo, da ancestralidade do João, tem muito aí. O cabelo black power, que é o cabelo do João, não é um penteado, é mais que um penteado. É um símbolo de luta e resistência, foi o que pessoas pretas americanas dos anos 70, usaram como símbolo antirracista. Eles vestiram o black power para mostrar para as pessoas que eles se aceitavam, que eles se amavam. Porque até pouquíssimo tempo atrás, uma pessoa como o João, como a Cami, lá nos Estados Unidos, tô falando do país mais livre do mundo, tinha que levantar do banco pra um branco sentar. Não podia ir em um restaurante. Então, historicamente, o cabelo do João foi associado a uma coisa errada, uma coisa suja, uma coisa feia. Não existia cosmético para pele da Camilla, não existia nada para o cabelo do João. Até

pouquíssimo tempo... É por isso que quando a gente faz um comentário sobre o cabelo do João, a gente não está falando de penteado que é o que você achou que você estava fazendo. Como você encararia, e eu como homem branco por muitos anos encarei. Você está falando de um símbolo. Você está falando do que o João é, do que o João sente, do que o João viveu na pele dele, da história do João, da ancestralidade do João. Tem muito ali. 'O black é a coroa'. E isso não sou eu que tô falando. Quem me ensinou isso é um cara que eu tenho um amor profundo [...] O nome dele é Alexandre Santana, mas vocês devem conhecer pelo apelido, um apelido racista. Babu, que vem de babuíno, vem de macaco. Mas o Babu pegou o apelido e usou como símbolo de resistência, ele decidiu usar seu nome artístico de Babu. Ele nos deu uma aula, sobre o que é o black power, sobre o que é a coroa. Mas isso é o Babu e talvez o seu pai. Eu vi a foto do seu pai, seu Juarez, aliás um beijo para ele. Realmente, é muito parecido com o João. Para ele também significava outra coisa. Mas isso não muda a dor do João. A dor do João é legítima e eu sei que nesse momento eu devo estar sendo trucidado na internet. Porque chega um momento aqui que ou você bota fogo no Rodolfo ou você acha o João *mimimi vitimista*. E eu não consigo ser uma coisa nem outra. Eu não vejo maldade no que você fez e ao mesmo tempo legítimo a dor do João. Porque tem milhares de meninos e meninas pretos e pretas que sentem a dor que o João sentiu. E a dor que o João sentiu não discerne entre um comentário ingênuo e um comentário maldoso, a dor é igual! Sem querer e ou de propósito doem do mesmo jeito. É por isso que nós, brancos, precisamos nos informar. Bora ver filme, ver filme do Spike Lee, 'Infiltrado na Klan', filme maravilhoso. Bora ver vídeos no YouTube, pesquisar. Eles não querem mais ensinar, eles estão de saco cheio de ensinar. [...]. Eles não querem mais, toda vez ter que ensinar pra gente. Nós, a gente tem acesso, você é um artista. Eu sou jornalista. É a nossa obrigação ir atrás desse tipo de informação e não cometer esse tipo de erro, mesmo que ela seja sem querer.

Camilla de Lucas: Eu entendo o João, porque meu cabelo é parecido com o cabelo do João! Eu uso esse alongamento que é uma peruca, porque estou em transição. Eu estou tirando uma química do meu cabelo para deixar igual ao do João. Sempre explico em minhas redes sociais que eu não uso isso aqui para esconder quem eu sou, é justamente para trazer de volta o que é meu e que por anos eu aprendi a odiar. O que vem de mim, que vem da minha família. E eu conversei com o Rodolfo e falei que realmente entendo que não foi na maldade, mas a gente que está do outro lado não aguenta mais ouvir essa justificativa. Eu escuto esses termos essas comparações desde 94, quando nasci, então hoje eu já me coloco na posição de não aguento mais. E se as pessoas dizem que é mimimi, se é cansativo para vocês ouvirem, é cansativo para eu viver. Não quero mais! Pesquisem, a internet está aí. Eu estou cansada de ter que ficar explicando isso para todo mundo. Eu faço meus vídeos, faço meus posicionamentos na internet, reclamo de maquiagem! Estou cansada de não ter, estou cansada de ouvir. Vou continuar falando sim! Porque sei que é necessário, porque a gente só consegue transformar essa sociedade falando e lutando. Mas eu também estou cansada de ficar ensinando essa merda toda vez. Não aguento mais!

João: É muito importante você fazer isso e falar para as pessoas que estão assistindo. Eu fiquei engasgado e esse esgotamento eu não consegui externalizar o que eu estava sentindo [...] E você fazer isso, esse movimento didático, de ensinamento, eu te agradeço por esse momento e acho que a gente deve fazer isso sempre[...].

Rodolfo: Eu quero novamente pedir desculpas para o João, para a Camilla, para todo mundo que se sentiu ofendido. Não foi novamente numa posição de ofender [...] até por conta que meu cabelo não é lisinho [...].

Tiago Leifert: [...]. Não é sobre isso, é sobre símbolo. Meu cabelo não representa nada do que eu sou. Mas para o João representa muito. É por isso que pega num lugar diferente do dele.

Rodolfo: Eu fiquei muito arrependido de ter magoado, de ter te chateado, de ter causado isso em você e todas as pessoas que se sentiram mal.

Figura 16 - Apresentador Tiago Leifert, fazendo discurso sobre caso de racismo ocorrido no programa.



Fonte 1: Print retirado do Twitter no perfil de @tvglobo.

Figura 17 - Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil.



Fonte 2: Print retirado do Twitter no perfil de @tvglobo.⁵⁰

⁵⁰ Disponível em: <https://twitter.com/tvglob/status/1379629041834164227>
Data de acesso: 01/06/2023.

Figura 18 - Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil



Fonte: Print retirado do Twitter.

Figura 19 -Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil.



Fonte: Print retirado do Twitter.⁵¹

⁵¹ Disponível em: <https://twitter.com/joaoluizpedrosa/status/1378445077249462272>
Data de acesso: 01/06/2023.

Figura 20 - Comentários sobre o caso de racismo no programa Big Brother Brasil.



Fonte: Print retirado do Twitter.⁵²



Aqui você assistirá ao episódio de racismo sofrido por João no programa de televisão Big Brother Brasil, edição

Navegando pelo twitter durante a exibição do programa Big Brother Brasil 23, pude

⁵²Disponível em: <https://twitter.com/tvglobo/status/1379629041834164227>

Data de acesso: 01/06/2023.

acompanhar as discussões sobre as legendas feitas pelo programa Mais Você,⁵³ para se referir aos participantes pretos e brancos da edição de 2023. As postagens cartografadas e apresentadas a seguir foram acessadas através da página @africanize.

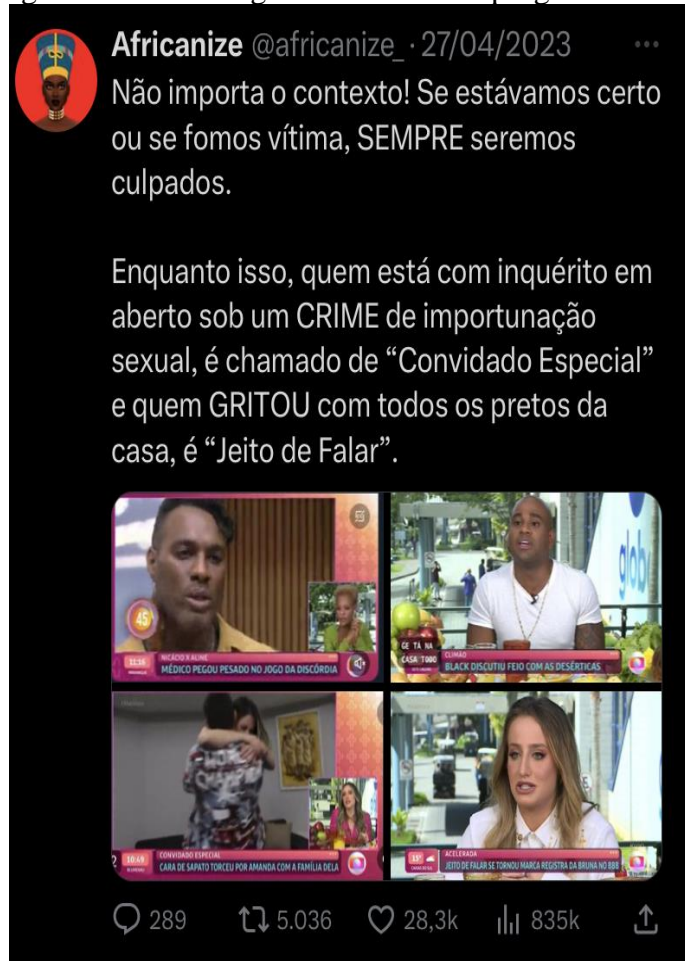
Ao visualizar as postagens me surpreendi com as legendas, produzidas pelo programa. Surpreendi-me não por ingenuidade, mas, pelo fato de que não importa o contexto, a qualquer momento podemos ser violentados pelo racismo, inclusive quando estamos certas. A construção do imaginário racista produzido pelas instituições midiáticas desumaniza nossas existências. E essas estruturas racistas se reinventam na ‘sutileza’ dos acontecimentos cotidianos.

Ao pensar o racismo institucional, Silvio Almeida (2020) nos informa que a dimensão dos conflitos raciais dentro de uma sociedade não está contida apenas nas ações individuais, mas seu reflexo se dá, sobretudo, através da criação de mecanismos institucionais que perpetuam a dominação sobre determinados grupos raciais. É a partir desse lugar de dominação, que as instituições criam parâmetros discriminatórios, a partir da construção de padrões estéticos e comportamentais que servem para hierarquizar grupos raciais.

É dentro desses espaços que o racismo se impõe como uma armadilha que fornece o sentido e a base para a construção de discursos midiáticos que produzem o corpo negro, o corpo indígena e o corpo branco. Segundo o autor, o racismo fornece o sentido e lógica que molda a sociedade na contemporaneidade. A partir da imagem exposta abaixo é possível compreender a naturalização desses estereótipos sobre corpos racializados que são constantemente retroalimentados pela mídia hegemônica.

⁵³ Mais Você é um programa exibido pela emissora Rede Globo. O programa é apresentado pela Ana Maria Braga de segunda a sexta-feira às 10h35.

Figura 21 - Sobre legendas racistas no programa de televisão Mais Você.



Fonte: Print retirado do Twitter.⁵⁴

⁵⁴ Disponível em:

https://twitter.com/africanize_/status/1651625233449664512?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA

Data de acesso: 02/06/2023.

Figura 22 - Legenda dada ao participante Cézar Black do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você.



[Fonte:](#) Print retirado do Twitter.

Figura 23 - Legenda dada a Amanda vencedora do Big Brother Brasil 23, para se referir ao participante “cara de sapato” que foi expulso do programa por importuna o sexual.



[Fonte:](#) Print retirado do Twitter.

Figura 24 - Legenda dada à participante Bruna Griphao do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você.



[Fonte:](#) Print retirado do Twitter.

Figura 25 - Legenda dada ao participante Fred Nicácio do Big Brother Brasil 23, ao participar do programa Mais Você.



[Fonte:](#) Print retirado do Twitter.

Figura 26 - Comentários sobre os casos de racismo no programa Big Brother Brasil e sobre as legendas racistas do programa Mais Você.



Fonte 1: Print retirado do Twitter.

Figura 27 - Comentários sobre os casos de racismo no programa Big Brother Brasil e sobre as legendas racistas do programa Mais Você.

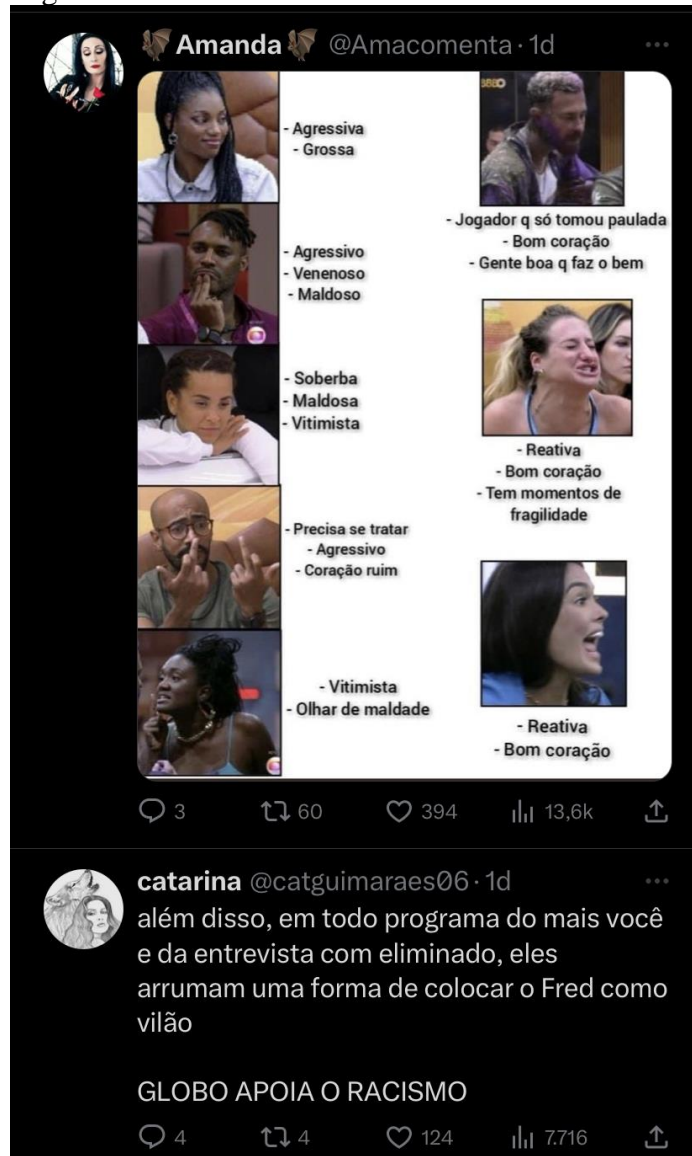


Fonte 2: Print retirado do Twitter.

“O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo o momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras um indivíduo vai acabar se convencendo que mulheres negras têm uma vocação natural para o emprego doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações.” (ALMEIDA, 2020, pg.65).

Se de um lado há a evidente tentativa de manutenção de estereótipos, com a exposição de legendas notoriamente racistas para participantes que foram alvos de discriminação dentro do programa, do outro lado há a amenização da imagem de corpos brancos.

Figura 28 - Comentários sobre os adjetivos racistas relacionados aos participantes pretos durante o programa Big Brother Brasil.



Fonte: Print retirado do Twitter.

“Chora criança. A vida é amarga”.

(DE JESUS, 2018. p.36).

A circulação das informações, sobretudo daquelas que nos foram negadas pela grande mídia, pelas propagandas dos produtos de beleza, pelos livros de História etc, cria redes de sociabilidades que mobilizam ética, estética, poética e politicamente as nossas ações dentro e fora do ciberespaço. Num desses acessos da informação interdita, descobri que existe uma festa chamada *batekoo*⁵⁵. Essa festa é majoritariamente frequentada e produzida por pessoas

⁵⁵Segundo Portal Geledés, a BATEKOO começou como uma festa e hoje é um importante manifesto do

pretas. Foi um projeto que conheci pelas redes sociais usando o instagram e que me fez repensar a minha negritude. Quando fui pela primeira vez nessa festa, fiquei bastante chocada com a quantidade de pessoas pretas, com os cabelos volumosos e crespos. Foi um estranhamento ver tantos corpos pretos vivos e iguais ao meu. Essa é uma experiência que gosto de lembrar, pois foi realmente um espaço que me colocou frente a frente comigo mesma, disposta a realizar o ato de traçar com os meus pares uma escrevivência.



“Acho que ela tá no festa de samba igual à que meu pai toca!” Crianças de 5 anos.

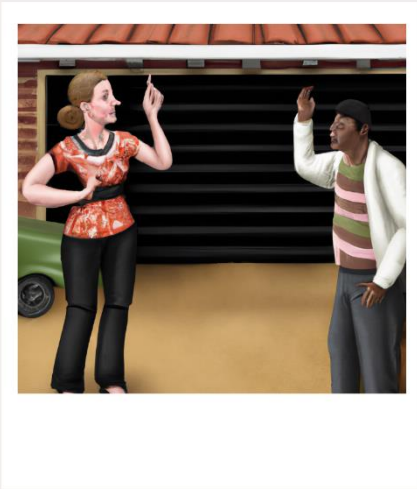
28 de abril... Um dia, voltando de uma festa, chamei um carro de aplicativo – desses aplicativos que moram no celular. Queria muito ir para casa, estava cansada depois de dançar a noite inteira. Sabe como é, “banho de caneco, partiu pro boteco, pagode e cerveja pra anestesiá”*. Quando dois amigos e eu entramos no carro, o motorista seguiu viagem. Fomos em direção ao Méier. Ao passarmos pela Central do Brasil, fomos parados em uma blitz. O policial nos olhou de cima a baixo e perguntou para o motorista se estava tudo bem. O motorista e o policial eram homens brancos. O motorista respondeu que sim, que estava tudo bem. Ufa! Sempre que saio de casa peço: “*Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes*” (DE JESUS, 2018, p.30). Cheguei a casa e dormi. “*Amanheci contente. Estou cantando*”. (DE JESUS, 2018, p.27). “Não tenho dinheiro, nem carro maneiro. Meu samba me basta e me deixa feliz”**.

*Verso da canção “Castelo de um quarto só” de Vinny Santa fé. Disponível em: <https://encr.pw/wxLOv> Acesso: 02/05/23.

** *Ibid.*

Porém, nem só de alargamentos dos territórios existenciais vive a internet. Diariamente o racismo dá a tônica dos relatos pretos nas redes. No dia 18 de outubro de 2022, por exemplo, o influenciador digital Eddy Junior postou em suas redes sociais um vídeo em que uma vizinha – Elisabeth Morrone – comete contra ele o crime de racismo. Após a divulgação do vídeo no seu perfil do Instagram, seus seguidores foram até o condomínio em que Eddy Jr mora para reivindicarem justiça contra o crime cometido.

movimento negro e LGBTQIAP+ no Brasil. Seus organizadores ficam espalhados pelo Brasil, cada um cuidando de sua respectiva cidade. Em Salvador, a responsável é a Adrielle Coutinho. No Rio de Janeiro, Mauricio Sacramento. Em São Paulo é o Wesley Miranda, a Renata Prado e o Artur Santoro.” Informação Disponível em: <https://www.geledes.org.br/como-batekoo-se-tornou-um-forte-movimento/>
Data de acesso: 05/12/2022.



01 de fevereiro... “O dedo! Desde pequeno geral te aponta o dedo. No olhar da madame eu consigo sentir o medo. 'Cê cresce achando que 'cê é pior que eles. Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo”*.

Era um dia de sol, mas fui dar aula! Eu estava animada. Naquela época, era professora da creche. As crianças de minha turma tinham apenas um ano de idade. Eu trabalhava a tarde, então conseguia ir à praia pela manhã, fazer as atividades físicas: andava de bicicleta e fazia uma aula coletiva de corrida na areia. Naquele dia eu estava feliz. As crianças foram chegando e começamos a brincar. Lá vinha ele, uma criança carinhosamente apelidada por mim de Grudinho (pois ele não desgrudava de mim). Ele chegou com a sua avó e já ia se jogando para o meu colo quando ela, rapidamente, o puxou de volta. Me olhou nos olhos e disse com repulsa: – “É você a moça que toma conta do meu neto?”. – “Não! Eu não sou a moça que toma conta do seu neto. Eu sou a professora dessa escola. E só estou aqui porque sou qualificada para esse trabalho”. Era o que eu deveria ter respondido a ela, mas permaneci em silêncio. “*O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco?*” (DE JESUS, 2018, p.65).

*Verso da canção Hat-Trick de Djonga . Disponível em: <https://11nq.com/gsaTu> Acesso: 02/05/23

Caí fora, macaco! Tu é sujo, imundo, sujo. Aqui é um prédio de família, não de um bandido [...] Cai fora, bandido, ladrão, vagabundo, imundo, horroroso, Cai fora vagabundo! Neguinho perigoso que não merece morar aqui! Eu vou chamar a polícia pra vir aqui. Babaca, trouxa. Você é violento, agressivo. Você intimida todo mundo aqui. Aqui é um prédio de famílias, não de bandido. De onde sai esse dinheiro?⁵⁶

Ao abrir esse QR Code, infelizmente você assistirá um crime de racismo sofrido pelo humorista Eddy Jr. em sua própria casa.



Alguns pontos na fala da vizinha racista merecem destaque. Primeiro, ela o chama de bandido, alegando que o prédio onde eles moram é um prédio de família. Uma pessoa preta não tem família? Não tem direito a morar em um prédio onde moram outras famílias, incluindo famílias formadas por pessoas brancas? O discurso em prol de determinada concepção de família foi um alicerce das campanhas de Jair Bolsonaro: “família de bem”, “cidadão de bem”.

⁵⁶ Falas da vizinha racista de Eddy Junior, Elisabeth Morrone. Disponível em: https://twitter.com/eddj_r/status/1582457195689832448?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA
https://twitter.com/eddj_r/status/1582457832271597568?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA
Data de acesso: 09/11/2022.

Nesta concepção – conservadora, necropolitizada e claramente defensora do *apartheid* – ficam de fora quaisquer outras possibilidades de família, sobretudo as constituídas por pessoas não brancas, não heterossexuais, não cisgênero, enfim, toda vida produzida na diferença. A fala racista destinada ao artista preto revela o quanto os corpos pretos são marginalizados e empurrados para os quartos de despejos (DE JESUS, 2019). Em segundo lugar, a vizinha racista alega que a presença de Eddy intimida e causa medo aos moradores do prédio, o que nos informa que os corpos pretos, só por existirem, causam medo, insegurança, ojeriza, desejo de aniquilação por parte das pessoas brancas. E assim, centenas de crimes são cometidos contra homens pretos no país, indivíduos considerados perigosos e suspeitos, mesmo quando estão dentro de suas casas.

Militar da Marinha mata homem negro e diz tê-lo confundido com bandido⁵⁷

Polícia confunde guarda-chuva com fuzil e atira e mata um jovem negro⁵⁸

PM mata homem negro com 3 tiros durante abordagem⁵⁹

Polícia confunde vape (cigarro eletrônico) com arma, atira e mata homem negro de 20 anos⁶⁰

Este foi apenas um, entre os tantos eventos que ultrapassam os limites do ciberespaço, transbordam para a vida “real” e provam o quanto as redes sociais são ‘*espaçostempos*’ de formação e de reivindicação de direitos e de políticas públicas que pleiteiam a humanização do povo preto.

⁵⁷Disponível em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/02/03/sargento-da-marinha-mata-vizinho-negro-no-rj-e-diz-que-o-confundiu-com-bandido.ghtml> Data de acesso: 24/11/2022.

⁵⁸Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/policia-confunde-guarda-chuva-com-fuzil-e-atira-e-mata-um-jovem-negro/> Data de acesso: 24/11/2022.

⁵⁹ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/07/18/homem-negro-e-morto-a-tiros-pela-pm-durante-abordagem-policial-em-mg-veja.htm> Data de acesso: 24/11/2022.

⁶⁰Disponível em:

<https://www.faroldabahia.com.br/noticia/policia-atira-e-mata-homem-negro-nos-eua-apos-confudir-vape-com-arma> Data de acesso: 24/11/2022.

Figura 29 – Postagens sobre o racismo que ele sofreu enquanto tentava subir no elevador de seu condomínio.



Fonte 1: Print retirado do Twitter.⁶¹

Figura 30 – Postagens sobre o racismo que ele sofreu enquanto tentava subir no elevador de seu condomínio.



Fonte 2: Print retirado do Twitter.⁶²



10 de abril... Era uma vez uma mulher branca. Ela se chamava Sandra. Sandra morava em um lindo apartamento em São Conrado, bairro nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro. A história que vou contar aconteceu em uma tarde ensolarada de domingo, enquanto Sandra passeava com seu cachorro. Quando caminhava pelas ruas do bairro em que mora, encontrou com um grupo de entregadores de compras, dessas que fazemos online através daqueles aplicativos que moram nos celulares. Ao ver o grupo de entregadores Sandra começou a gritar: "Você não está na favela. Você está aqui. Quem paga o IPTU aqui sou eu, rapaz"! Sandra começou a agredir aquelas pessoas, tirou a coleira de seu cachorro e chicoteou um dos entregadores que tentava trabalhar. O branco assalta a dignidade do preto. "Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira!" (DE JESUS, 2018, p.46).

⁶¹ Disponível em: <https://twitter.com/EddJr/status/1582470689126506496> Data de acesso: 02/06/2023.

⁶² Disponível em: <https://twitter.com/EddJr/status/1582457195689832448> Data de acesso: 02/06/2023.

Figura 31 - Publicação sobre o racismo sofrido por Max Angelo dos Santos ao ser atacado violentamente por uma mulher branca.



Figura 32 - Comentários Sobre o racismo sofrido por Max Angelo dos Santos ao ser atacado violentamente por uma mulher branca.



[Fonte 1](#): Print retirado do Twitter.

[Fonte 2](#): Print retirado do Twitter.⁶³

*Na conversa com uma menina branca
Eu falei que não era sobre ela
Que se fosse individual
Existia uns barracos e não tinha favela
E ela disse que preferia
Debater com uma mina preta*

*Homens negros são violentos
Quase sempre perdem a cabeça [...]
[...] Ouvir aquilo me machucou
Levantei a voz, senti a malícia
A conversa com a mina branca acabou*

⁶³ Disponível em: <https://twitter.com/TeresaCristina/status/1648083055100174342>

Data de acesso: 02/06/2023.

*Com ela chamando a polícia.*⁶⁴

3 PRODUÇÃO DE EXISTÊNCIAS PRETAS NO CIBERESPAÇO

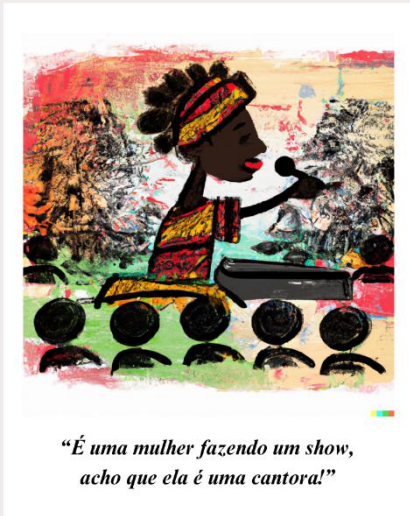
Legenda: Criadora de conteúdo digital Josy Ramos.



Fonte: print do Instagram.⁶⁵

⁶⁴ Verso da canção *Conversa com uma menina branca* de Coyote Beatz e Djonga.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrGiHhJOW8E/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==> Data de acesso: 02/06/2023.



08 de março... *“Não serei interrompida, não aturo interrupção [...] Eu não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas. [...] no dia de hoje, as rosas da resistência nascem do asfalto. Nós recebemos rosas, mas também estaremos com os punhos cerrados, falando do nosso lugar de vida e resistência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas”**. *“Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores.”*** (DE JESUS, 2018, p.39).

*Último discurso de Marielle Franco na Câmara Municipal do Rio de Janeiro em 08/03/2018. Disponível em: <https://11nk.dev/Atsyj> Acesso: 02/04/2023.

**Significado da palavra açambarcadores: Açambarcar significa monopolizar ou tomar posse de algo em grande quantidade, geralmente com o objetivo de obter controle ou lucro excessivo. Assim, um açambarcador é alguém que busca monopolizar recursos, bens ou oportunidades, muitas vezes em detrimento dos outros.

A produção de conteúdos para a Internet, realizada por *blogueiros, youtubers, instagrammers* pretos e pretas etc. amplia as possibilidades de compreensão política do que significa ser uma pessoa preta na contemporaneidade. O *TEDx Talks* intitulado “Um novo olhar sobre a pessoa negra, novas narrativas importam”⁶⁶ – com mais de duzentas mil visualizações – e o vídeo “Tour pelo meu rosto”⁶⁷ – com mais de um milhão de visualizações – produzidos pela Influencer Gabi de Pretas, demonstram o quanto os modos como habitamos e vivenciamos o ciberespaço podem colaborar para construir e reconstruir nossas percepções a respeito da negritude tornada o outro da sociedade branca. A influencer digital Bielle, também compartilhou em seu perfil do instagram um vídeo, onde faz uma tour pelo seu corpo, Bielle é uma mulher preta e gorda, e produz no ciberespaço narrativas de si que valorizam a negritude. É importante dizer que ao escrever sobre si mesmo, os indivíduos pretos contribuem para a ampliação das vozes e perspectivas negras. Seus vídeos tem aproximadamente 153.092 visualizações e 27.850 curtidas.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FYg-vQwm3Lo&t=5s> Acesso: 10/06/2022.

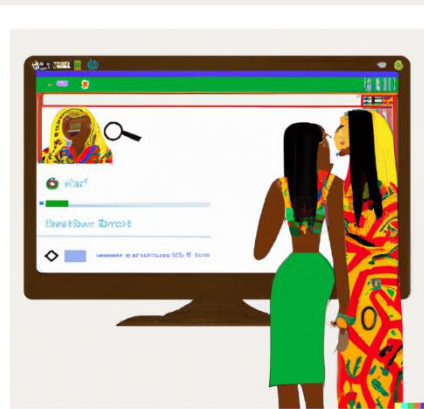
⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=10s> Acesso: 10/06/2022.



Ao direcionar a câmera do seu celular para esse QR Code, você assistirá um lindo vídeo, em que Gabi de Pretas, faz um tour pelo seu rosto.



Ao acessar esse QR Code, acessaremos também o perfil do Instagram de @bielle.e. Lá assistiremos Bielle, produzindo sua existência no espaço online.



"Elas estão assistindo televisão!"

20 de novembro...Tem um verso que não sai da minha cabeça: *"Experimenta nascer preto na favela, pra você ver. O que rola com preto e pobre não aparece na TV."** E quando aparece é sempre de forma negativa. O preto não tem um segundo de paz na televisão. *"Eu me preparava para deitar quando surgiu a Duca, que pediu-me para eu dar parte do senhor Manoel, porque ele comprou uma televisão e a televisão captava toda a força elétrica e deixava a favela sem luz. Equívoco. A televisão não estava ligada".* (DE JESUS, 2018, p. 144). Então, o que tira a luz da favela é outra coisa – pensei. Outro dia me lembro de chegar à escola e uma criança dizer: - *"Carol, finalmente eu assisti ao filme do pantera negra! Eu tenho a mochila e as garras dele, mas nunca tinha assistido ao filme. Você sabia que as pessoas são negras e elas são as mais poderosas de todas? No filme a gente é que ganha tudo! Mas na vida real só as vezes, né Carol?"* Quantas vezes a televisão (in)visibilizou corpos pretos e esteve desligada para nos representar? A representatividade negra na televisão não se trata apenas de números ou estatísticas, mas sim de proporcionar às pessoas negras a oportunidade de se verem e se identificarem positivamente na tela. É, acho que Duca pode ter razão... a televisão tira a luz da favela.

*Verso da canção Cota não é esmola de Bia Ferreira. Disponível em: <https://lnq.com/QepBY> Acesso: 02/05/23.

É uma decisão política produzir conteúdos como esses, já que o alcance dessas plataformas é mundial e pode desinvisibilizar uma parcela muito grande da população que quase não se vê representada pelas mídias e pelas grandes marcas. Eu mesma, quando decidi que era o momento de redescobrir minha negritude, fui atravessada por diferentes questões e a

estética foi a principal delas. A primeira coisa que fiz, naquela ocasião, foi recorrer à internet. Busquei por imagens e vídeos no youtube onde mulheres pretas protagonizassem o cuidado com os seus cabelos naturais/trançados/penteados. Busquei conteúdos que falassem sobre cuidado com a pele e estilos de roupa já que todas as minhas referências antes desse processo eram voltadas para elementos que me aproximasse de uma estética branca. Todas as buscas que fiz no Google, no Youtube e no Facebook – rede social que eu mais usava em 2015 – precisavam ser acompanhadas do termo “preta”, porque se as buscas fossem só por cabelo as plataformas entregavam conteúdos de pessoas brancas, mulheres loiras com cabelos lisos, cabelos lisos trançados, produtos para cuidados da pele branca... Mesmo realizando as buscas direcionadas para a minha cor, o algoritmo se mantinha branco. A maior parte dos conteúdos entregues tinha pessoas brancas como referências.

A busca por representatividade – compreendida como uma reivindicação concreta de ocupação dos espaços⁶⁸ que, ao longo da história, estiveram majoritariamente ocupados por pessoas brancas – em tempos de cibercultura, implica (re)alocar corpos e existências pretas, marginalizados pelo padrão eurocêntrico, deslocando-os do espaço privado-offline para o espaço público-online, de modo a possibilitar que essas pessoas protagonizem as suas próprias existências, afirmando ainda a existência do outro-preto, igual a si na diferença – positiva e afirmativa, como defende Deleuze (1991). Tal mudança de perspectiva é extremamente necessária, tendo em vista que vivemos em uma sociedade onde os corpos pretos são direcionados para encruzilhadas de violências que se interseccionam⁶⁹ (AKOTIRENE, 2018), produzindo mortes físicas e simbólicas.

⁶⁸ Ocupar esses espaços significa criar ações políticas para desmarginalizar a população preta e torná-la dirigente. Não basta sermos objeto de estudo, precisamos contar nossas próprias histórias. (XAVIER, 2019).

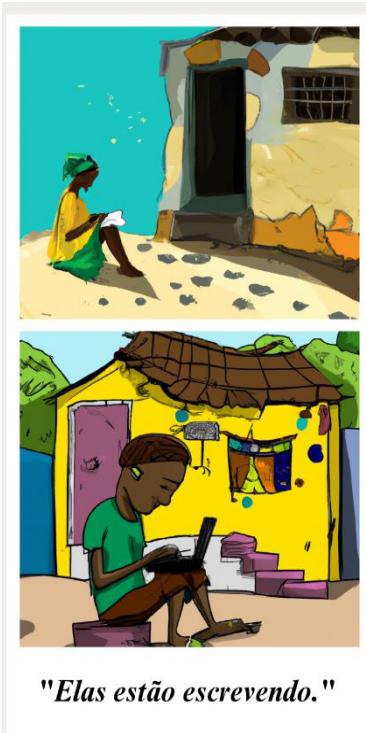
⁶⁹ Segundo Carla Akotirene (2018), em seu livro *O que é interseccionalidade?*, “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (p. 14). Ou seja, a interseccionalidade aponta que as pautas sobre raça, classe, gênero, sexualidade e etnia precisam ser debatidas de maneira indissociável, quando pensamos a organização estrutural de uma sociedade racista.



"Essa mulher do meio parece a minha mãe. Ela é linda!"

14 de março... *"Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irão respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: — Muito bem, Carolina!"* (DE JESUS, 2018, p.74). Então, eu digo: muito bem, Carolina! Sua escrivência revolucionou a minha existência! Estou aqui hoje produzindo narrativas e memórias, depois de ter lido você. Sua escrita faz com que eu me sinta viva. Você tornou possível em mim algo que nunca pensei que fosse capaz de fazer: escrever.

Para tecer os caminhos dessa pesquisa, tenho feito, como você deve ter notado, uma interlocução teórica com os escritos de Carolina Maria de Jesus que publicou, em 1960, seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Em seus escritos, a autora recortou histórias, costurou vozes e memórias que a atravessaram. Carolina evidenciou os abismos sociais através de sua literatura e tornou visíveis as escrivências de Canindé, cenário de suas narrativas. *"Escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês"* (DE JESUS, 2014, p.172). Narrar através da escrita a sua existência e a existência de tantas outras pessoas, igualmente pretas e pobres, se tornou uma arte de (re) existência para Carolina, assim como fazemos, diariamente, com os nossos registros de pessoas pretas comuns, a narrar para o mundo, através da internet, o que significa ser uma pessoa preta no Brasil.



11 de dezembro... Mas por que você vai fazer mestrado? Por que estudar tanto assim? “*Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você*” (DE JESUS, 2018, p.26). Vai procurar outra coisa para fazer! A universidade é muito seletiva. Dificilmente você vai conseguir se manter lá! O mestrado é perda de tempo para você. Foi o que me disse um homem branco, doutor. “*Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.*” (DE JESUS, 2018, p.58). É preciso criar um ambiente de fantasia, para esquecer que estou em um país racista.

Se Carolina usou a literatura para narrar seus modos de existir, através da escrita de um diário⁷⁰, hoje usamos as redes sociais para marcar nossa passagem pelo mundo, nas escritas breves do twitter, nos stories do Instagram – que comunicam ao mundo o que comemos, onde e com quem estamos –, nos conteúdos curtidos e compartilhados nas outras redes, enfim, nos rastros de uma memória inventada que vão constituindo uma história coletiva, apta a ser acessada, transformada, afetada pelas histórias que também acessamos nas redes das outras pessoas. Falando delas, das memórias, preciso compartilhar algumas histórias que sustentam essa dissertação.

⁷⁰ Sibilia (2008), argumenta que o diário, que antes era um espaço privado e íntimo, tornou-se uma forma de espetáculo, uma performance pública da vida cotidiana. Antes das redes sociais, o diário costumava ser um espaço íntimo e pessoal, de registrar pensamentos, sentimentos e experiências sem a intenção de se expor a um público amplo. Lembro que durante quase toda minha pré-adolescência, tive um diário. Ele era trancado e ninguém podia acessá-lo. Apesar de não lembrar exatamente os registros que fazia nele, existia a cultura do secreto. Lembro-me que nesse mesmo período eu assistia uma novela que se chamava ‘O diário de Daniela’ e a música de abertura falava sobre essas escritas íntimas: “Eles não sabem, nem imaginam, que uma pessoa e uma folha, podem falar e ouvir. Por mais que pense com quem conversar, fico pensando e passo horas sem poder decidir. E todo dia espero pelo momento, para conversar com o meu diário a sós, eu me sento para escrever (...) no diário de Daniela são escritas tantas coisas, seus segredos escondidos, e seus momentos entre amigos.” (Disponível em: <https://encl.pw/auzLV> .Acesso:25/05/2023) Sibilia compreende que essa transformação da intimidade da escrita em publicidade se dá com o advento das redes sociais e da cultura do compartilhamento incessante. O ato de escrever um diário se torna uma atividade mediada pela busca de visibilidade e aprovação, onde os indivíduos moldam suas identidades de acordo com as expectativas e os olhares do público. Se antes trancávamos nossas escritas, hoje as compartilhamos. A escrita dos diários nas redes sociais não são mais diários íntimos, mas sim ‘diários éxtimos’.

3.1 Memória 1

Figura 34 – Imagem da manifestação Vidas pretas importam.



Fonte: Imagem printada do site da Universidade Federal do Espírito Santo .⁷¹

⁷¹Disponível em : <https://www.ufes.br/conteudo/estudo-aponta-black-lives-matter-internacionalizou-debate-da-violencia-contra-negros> Data de acesso: 02/06/2023.



28 de novembro... Fui convidada para dar aula em uma escola. A conversa era sobre o dia da consciência negra. Pedi para que os estudantes escrevessem em um papel alguma experiência racializada vivida por eles. Em um dos bilhetes, cuidadosamente dobrado, estava escrito: 111 tiros. Descobri ali, diante deles, que um dos meninos que estavam naquele no carro, era estudante da escola. Fiquei sem palavras. “*Temos só um jeito de nascer e muitos de morrer.*” (DE JESUS, 2018, p.183). Saímos mortos daquele lugar. A morte também é uma forma de existência. “Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada: Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada [...] Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles. Nega o deus deles, ofende, separa eles. Se algum sonho ousa correr, cê para ele. E manda eles debater com a bala que vara eles, mano. Infelizmente onde se sente o sol mais quente. O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente. Quis ser estrela e virou medalha num boçal. Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral. Um primeiro salário. Duas fardas policiais. Três no banco traseiro. Da cor dos quatro Racionais. Cinco vidas interrompida. Moleques de ouro e bronze. Tiros e tiros e tiros. O menino levou 111”.*

*Verso da canção Ismália de Emicida com participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro Disponível em: <https://11nq.com/s6Mnu> Acesso: 02/05/23.

E SE FOSSE UM **HOMEM BRANCO MORTO POR UM POLICIAL PRETO NA SUA TIMELINE**⁷²?

“**NÃO CONSIGO RESPIRAR**”... No dia 25 de maio de 2020, em Minneapolis, nos Estados Unidos, George Floyd, de 46 anos, foi abordado pela Polícia dentro de seu carro após ter comprado cigarros com notas de dinheiro supostamente falsas. Os policiais Tou Thao, Thomas Lane, J. Alexander Kueng e Derek Chauvin, que realizaram a abordagem, o imobilizaram brutalmente mesmo sem George Floyd ter oferecido qualquer perigo e resistência. Mesmo ele estando **DESARMADO**.

Floyd foi **ALGEMADO E BRUTALMENTE DEITADO NO CHÃO**. Depois de ter seu corpo completamente imobilizado, o policial Derek Chauvin permaneceu ajoelhado sobre o seu pescoço enquanto George Floyd clamava por socorro.⁷³

⁷² É a linha do tempo das redes sociais. Trata-se de uma interface digital por onde passam as postagens dos usuários.

⁷³ As imagens que ilustram esta dissertação foram produzidas através de Inteligência Artificial. O site utilizado foi o DALL.E (Disponível em: <https://labs.openai.com/>). Data de acesso: 05/12/2022. Quando instruímos a IA para gerar as imagens não conseguimos chegar a resultados de um homem branco sendo violento com um homem preto. Por mais que o comando tenha sido claro – “Policial branco agride homem preto” – todos os resultados apresentaram homens pretos como executores da violência. As tecnologias, sobretudo as digitais em rede, têm se mostrado um mecanismo de potencialização da discriminação, já que estão inseridas em contextos de racismo. Por isso, é fundamental que os desenvolvedores e os programadores estejam preparados para atuarem criticamente na criação das novas tendências, das automatizações, dos bancos de dados e de imagens etc. Em todos esses campos é preciso não reproduzir (e combater) o racismo já impregnado na sociedade. Por isso, modelos de aprendizagem devem considerar esses vieses raciais e evitá-los. Isso requer a observância de certos parâmetros e a criação de grupos que possam observar e estabelecer diretrizes para os usos dessas tecnologias de maneira mais adequada.

3.2 Memória 2

Figura 35 – Imagem de manifestação pela morte de George Floyd.



Fonte: Print do site acegis ONGD.⁷⁴

A série americana *Orange Is the New Black*⁷⁵, exibida pela plataforma de streaming Netflix, retrata o cotidiano de mulheres de diferentes raças e etnias dentro de um presídio feminino nos EUA. OITNB, como é conhecida a série, retrata o quanto as mulheres pretas estão alocadas em encruzilhadas de violências que se multiplicam em seus corpos, gerando vulnerabilidades. A ficção confirma o que diz Akotirene (2018, p. 58) a respeito das inúmeras camadas de opressão dispostas sobre os corpos de mulheres pretas:

⁷⁴Disponível em: <https://www.acegis.com/2021/05/racismo-e-violencia-policial-o-caso-de-george-floyd/> Data de acesso:02/06/2023.

⁷⁵ OITNB é uma série produzida por Jenji Kohan, Sara Hess e Tara Herrmann, para a empresa Netflix, entre os anos 2013 e 2017. E conta a história de mulheres de diferentes etnias que fazem parte do sistema carcerário Federal nos Estados Unidos.



“Duas mulheres um pouco tristes na janela da casa delas, vendo as pessoas passarem na rua! Será que elas não têm a chave ou será que a mãe delas não deixa elas irem para rua?”

03 de maio... Quarta-feira, por volta das 15:30, estava indo para o ponto de ônibus. Era dia de grupo de pesquisa, precisava chegar logo! Me apressei! Quando fui atravessar a rua, percebi que duas mulheres negras se olhavam. Cada uma de um lado da calçada. Até que uma gritou para a outra: *“Se você for preso e eu estiver perto, hei de favorecer-te.”* (DE JESUS, 2018, p.161). Eu sei como é viver aqui: se a gente se mexe errado, já é culpada. Aqui a negra só é livre quando morre!

A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos [...] O cruzamento do racismo e sexismo geram vulnerabilidades e ausência de seguridade social pra mulheres negras. (AKOTIRENE, 2018, p.58).

*Pobre e rico são feridos
Porque a guerra é uma coisa brutal
Só que o pobre nunca é promovido
Rico chega a Marechal
Rico chega a Marechal⁷⁶*

Em OITNB, a personagem Poussey Washington, interpretada pela atriz Samira Wiley, é brutalmente assassinada pelo policial Baxter Bayley, interpretado pelo ator Alan Aisenberg – um homem branco que, no auge de sua fúria, pressiona o pescoço de Poussey contra o chão e a asfixia até à morte, enquanto ela grita por socorro!⁷⁷ Este é o ápice do décimo segundo episódio

⁷⁶ Verso da canção “O pobre e o Rico”, de Carolina Maria de Jesus.

⁷⁷ Na série “Orange Is The New Black”, Poussey, como era chamada a personagem interpretada pela atriz Samira Wiley, foi presa em Litchfield, por tráfico de drogas. Poussey era filha de militar e conhecia muitos lugares do mundo, por conta das constantes mudanças do pai. Ela foi uma das protagonistas da série, e se destacava, sobretudo, por sua inteligência e generosidade. Poussey falava mais de um idioma, era uma grande conhecedora da história da arte, cantava e cozinhava. A quarta temporada era para nós, fãs de Poussey, uma das mais esperadas, pois sua saída do presídio estava próxima. Até que durante uma manifestação dentro do presídio, onde a reivindicação era que os guardas tratassem melhor as detentas, Suzane, conhecida como “crazy eyes” interpretada por Uzo Aduba, uma mulher negra com transtornos psicológicos, tem um surto e Poussey tenta acalmá-la, mas o guarda Bailey, interpretado por Alan Aisenberg, um homem branco, se aproveita da situação

da quarta temporada da série que foi ao ar em 17 de junho de 2016, **quatro anos antes do assassinato de George Floyd em Mineapolis.**

Figura 36 – Série Orange Is the New Black. Cena em que a personagem Poussey é asfixiada por um policial branco.



Fonte 1: Print de tela da série Orange Is the New Black.

Figura 37 – Série Orange Is the New Black. Cena em que a personagem Poussey é asfixiada por um policial branco.



Fonte 2: Print de tela da série Orange Is the New Black.

A cena protagonizada na ficção, em 2016, pela atriz Samira Wiley e (re)vivida, no mundo real, por George Floyd, demonstra o quanto as vidas pretas são percebidas e tratadas como descartáveis pela indústria cultural e pelas instituições de homens brancos e mulheres brancas. “A população negra foi confinada, entre outras práticas, na desumanização de escravizados de ontem e de hoje.” (BERTH, 2018 p.48). O debate racial, impulsionado pelos movimentos sociais e pela entrada tardia (embora potente) de pretos e pretas na universidade e nos ‘*espaçostempos*’ de produção de pautas sociais, tem buscado pensar modos de alargar o conceito de humanidade, construindo novas bases estruturais para que possamos coexistir socialmente de maneira segura. Enquanto continuarmos sendo alvo do Estado e da “segurança pública”, enquanto os postos de trabalho não forem ocupados por pessoas pretas e os salários equiparados, enquanto continuarmos sendo encarcerados em massa, sendo mortos por segurar

para atacar violentamente Poussey. O guarda Bailey, a joga no chão, e a imobiliza se ajoelhando sobre seu pescoço. Poussey pede por socorro, algumas vezes enquanto repete que não consegue respirar. Alguns segundos depois, um silêncio toma conta do presídio. Era a hora de sua morte. A violência vivida pela personagem Poussey, em “Orange Is The New Black”, não se limitou à ficção, ela foi revivida por tantas outras pessoas pretas. Eric Garner, um homem negro de 43 anos, foi morto em 17 de julho de 2014 em Staten Island, Nova Iorque, após ser asfixiado pela polícia, por supostamente estar vendendo cigarros. Em maio de 2020, George Floyd revive esse episódio ao ser asfixiado pelo policial branco Derek Chauvin. Infelizmente a ficção está a um passo de nos violentar.

um guarda-chuva⁷⁸, ou alvejados enquanto brincamos na rua e saímos da escola ninguém estará seguro.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, porque são indissociáveis. (RIBEIRO, 2018, p.123).

“Ican’t breathe!” (não consigo respirar) foram as últimas palavras ditas por George Floyd, enquanto o policial Derek Chauvin⁷⁹ o mantinha imobilizado e o asfixiava por quase **NOVE MINUTOS**, ajoelhado sobre seu pescoço. O crime cometido pelo policial foi gravado por pessoas que assistiam a cena e as imagens foram disponibilizadas nas redes sociais por Darnella Frazier, de dezessete anos. Ela presenciou, filmou e compartilhou o assassinato no facebook.

⁷⁸ Aos 26 anos de idade, morador do Morro Chapéu-Mangueira, no Leme, zona sul do Rio de Janeiro, Rodrigo Serrano, um homem preto, foi morto por um policial ao andar com um guarda-chuva preto, item confundido com um fuzil. Hélio Ribeiro estava no terraço de casa, pregando uma lona com a furadeira, para proteger o pavimento da chuva. Segundo o policial do BOP, a ferramenta foi confundida com uma arma.

⁷⁹ O ex-policial Derek Chauvin, que aparece com o joelho no pescoço de George Floyd, sufocando-o até a morte, foi condenado há vinte e dois anos de prisão pelo assassinato. Os policiais Tou Thao, Thomas Lane e J. Alexander Kueng, que estavam no local, também foram julgados e incriminados por não fazerem nada para impedir a morte de George Floy.

Figura 38 – Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin.



Fonte 1: Imagem retirada do Google.

Figura 39 - Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin.



Fonte 2: Imagem retirada do Google.

Figura 40 - Imagem de George Floyd sendo asfixiado pelo policial Derek Chauvin.



Fonte 3: Imagem retirada do Google.

Um homem negro deitado no chão, com um policial branco ajoelhado sobre seu pescoço repetindo: “Não consigo respirar” (*I can't breathe!*), “Não consigo respirar” (*I can't breathe*), “Não consigo respirar” (*I can't breathe*)... Até a morte.

A felicidade do branco é plena. A felicidade do preto é quase [...] Porque um corpo preto morto é tipo os hit das paradas: Todo mundo vê, mas essa porra não diz nada [...] Quis tocar o céu, mas terminou no chão⁸⁰

“De quem são as vidas que importam? De quem são as vidas que não importam como

⁸⁰ Verso da canção *Ismália*, de Emicida, com participação de Larissa Luz e Fernanda Montenegro.

vidas, não são reconhecidas como vivíveis ou contam apenas ambigualmente como vivas?” (BUTLER, 2018, p.8). A dualidade identitária entre humano e não humano descaracteriza as existências e a subjetividade de uma parcela muito grande da sociedade, mas a memória preta não nos deixa silenciar e esquecer que “a diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do mar” (AKOTIRENE, 2018, p.37). O mar-vida grita por justiça histórica.



Música I Can't Breathe de H.E.R -Tradução.
Uma denuncia a morte de George Floyd e de tantas outras pessoas pretas. Vamos assistir?



“Esse é o continente africano com as pessoas descansando”

16 de setembro... “Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal, mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dividida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem. Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações”. (DE JESUS, 2018, p.70). Eu também não queria ser vaca.

- “O que você tem pra falar de vaca? O que você tem eu vou dizer e não se queixe: Vaca é sua mãe: de leite. Vaca e galinha... Ora, não ofende: enaltece, elogia. Comparando rainha com rainha: óvulo, ovo e leite. Pensando que está agredindo, que tá falando palavrão imundo. Tá, não, homem. Tá citando o princípio do mundo!” (LUCINDA, 2013, p. 43).

*Tentando várias vezes, o tempo todo
Destruição de mentes, corpos e direitos humanos
Ancestralidade destruída, chicoteada e confinada
Este é o orgulho americano
Que justifica um genocídio
Romantizando o roubo e o derramamento de sangue
Isso fez da América a terra dos livres*

*Tirar a vida de uma pessoa preta, terra dos livres
 Trazer uma arma para uma luta pacífica pelos direitos civis
 Você se mantém indiferente ao puxar o gatilho para tirar a vida de inocentes
 Porque é assim que chegamos aqui em primeiro lugar
 Essas feridas machucam mais do que um tiro
 Suas mãos autorizadas nunca poderiam alcançar
 Gerações e gerações de dor, medo e ansiedade
 Igualdade é não andar alerta o todo tempo
 Sabendo que o protetor e o assassino estão usando o mesmo uniforme
 A revolução não é mostrada na TV
 A percepção da mídia é forçada garganta abaixo das pessoas com as mentes fechadas
 Então, as manchetes mostram mentiras
 E gerações de supremacia branca mostram resultado em seus olhos ignorantes e
 privilegiados
 Nós respiramos e sangramos do mesmo jeito
 Mas ainda assim, não conseguimos ver o mesmo
 Seja grato, nós somos tementes a Deus
 Porque não buscamos vingança
 Buscamos justiça, nós temos medo do passado
 Estamos cansados de comer sua merda
 Você acha que o fato de ter um amigo negro
 Te mostra ciente da nossa realidade e te isenta do seu racismo?
 Esse tipo de conversa é desconfortável demais para os seus fundos de segurança enfrentarem
 Para enfrentar a anomalia presente na minha árvore genealógica
 Por causa da sua audácia
 De dizer que todos os homens são criados iguais aos olhos de Deus
 Mas é o primeiro ao julgar um homem por causa da cor da sua pele
 Não diga que você não vê cores
 Quando você nos vê, nos vê
 Não podemos respirar⁸¹*

⁸¹Verso da canção: I Can't Breathe da cantora H.E.R (Gabriella Wilson).

3.3 Memória 3

Figura 41- Imagem do Clipe Formation de Beyoncé.



Fonte: Print do clipe Formation de Beyoncé.⁸²

Um jovem de 14 anos, um jovem com um futuro brilhante pela frente, que já sabia o que queria do seu futuro. Mas, infelizmente, a polícia interrompeu o sonho do meu filho. A polícia chegou lá, de uma maneira cruel, atirando, jogando granada, sem perguntar quem era. Se eles conhecessem a índole do meu filho, quem era meu filho, não faziam isso. [...] Quero dizer, senhor governador [Wilson Witzel], que a sua polícia não matou só um jovem de 14 anos com um sonho e projetos. A sua polícia matou uma família completa, matou um pai, matou uma mãe e o João Pedro. Foi isso que a sua polícia fez com a minha vida⁸³.

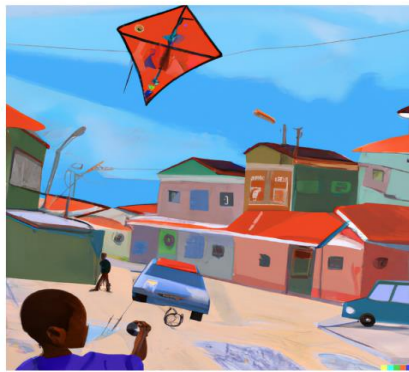
No dia 18 de maio de 2020, durante uma operação realizada pelas Polícias Federal e Civil, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, João Pedro Mattos, de 14 anos, **um menino preto**, foi brutalmente assassinado com um tiro na barriga após ter sua casa invadida e alvejada por policiais.

⁸² Disponível em: https://youtu.be/WDZJPJV_bQ Data de acesso: 02/06/2023.

⁸³ Trecho da entrevista dada pelo pai de João Pedro, postada em 19 de maio de 2020, quando Wilson Witzel ainda era Governador do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/delegacia-de-homicidios-deve-ouvir-policiais-que-participaram-da-operacao-que-resultou-na-morte-de-jovem-em-sao-goncalo-8566661.ghtml>

Data de acesso: 23/12/21.

A minha esperança era encontrar ele com vida. Se eles realmente socorreram, por que não entraram em contato? Por que não levaram para um hospital perto? [...] Fomos encontrar somente no dia seguinte já no IML⁸⁴.



“É um menino soltando pipa.”

18 de maio... 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10...
Prontos ou não, lá vou eu! Achei vocês! – risadas de crianças, brincando –. Mas o barulho das risadas começam a ser abafados por um doloroso silêncio!

“-Ué! Mas onde será que o João se escondeu?”

Não conseguimos achar ele! João é o melhor no pique esconde! *“As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários”* (DE JESUS, 2018, p.60).

O corpo de João foi levado pelos policiais e sua família precisou procurar por ele por aproximadamente 17 horas, até ser localizado no Instituto Médico-Legal. João Pedro foi assassinado dentro de sua casa, sete dias antes do assassinato de George Floyd nas ruas de Minneapolis.

Meu filho estava cumprindo a quarentena, dentro de casa. Na época, eu cheguei a comprar uma máscara do Fluminense, que era o time que ele gostava, mas ele nem chegou a usar.⁸⁵

⁸⁴Trecho da entrevista dada pela mãe de João Pedro à revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2020/5/20/meu-filho-no-estava-em-troca-de-tiro-estava-dentro-de-uma-casa-de-familia-diz-pai-de-joo-pedro-75374.html> Data de acesso: 23/12/21.

⁸⁵ Trecho da entrevista dada pela mãe de João Pedro à revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2020/5/20/meu-filho-no-estava-em-troca-de-tiro-estava-dentro-de-uma-casa-de-familia-diz-pai-de-joo-pedro-75374.html> Data de acesso: 23/12/21.

Figura 42 - Imagem da casa onde estava João Pedro, quando foi morto pela polícia.

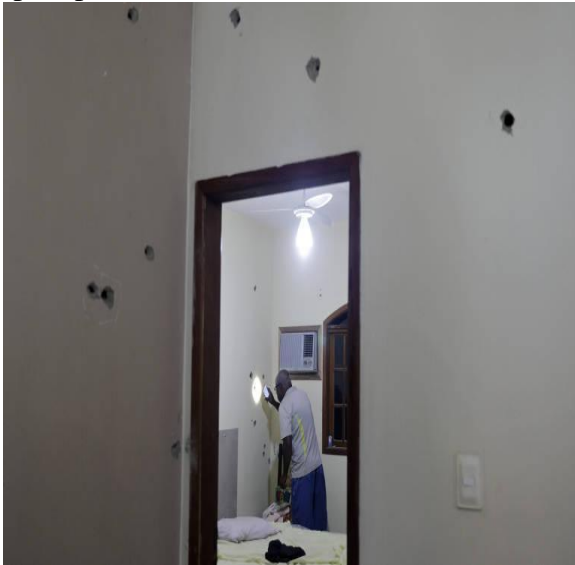


Figura 43- Imagem da casa onde estava João Pedro, quando foi morto pela polícia



[Fonte 1](#): Imagem retirada do Google.

[Fonte 2](#): Imagem retirada do Google.⁸⁶

O Estado deveria proteger, mas acabou com os sonhos do meu filho⁸⁷.
Meu filho não estava em troca de tiro. Estava dentro de uma casa de família⁸⁸.

⁸⁶ Segundo a publicação feita pelo Jornal O Globo, a casa em que se encontrava João Pedro possuía 72 marcas de tiros. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/rio/casa-onde-joao-pedro-morreu-tem-72-marcas-de-tiros-24437890>

Data de acesso: 23/12/2021

⁸⁷ Trecho da entrevista dada pela mãe de João Pedro à revista Fórum. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/brasil/2020/5/20/meu-filho-no-estava-em-troca-de-tiro-estava-dentro-de-uma-casa-de-familia-diz-pai-de-joao-pedro-75374.html> Data de acesso: 23/12/21.

⁸⁸ Trecho da entrevista dada pelo pai de João Pedro, postada em 19 de maio de 2020, quando Wilson Witzel ainda era Governador do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/delegacia-de-homicidios-deve-ouvir-policiais-que-participaram-da-operacao-que-resultou-na-morte-de-jovem-em-sao-goncalo-8566661.ghtml>

Data de acesso: 23/12/21.

Figura 44 – Imagem das manifestações contra o genocídio preto.



Fonte 1: Imagem retirada do Google.

Figura 45 - Imagem das manifestações contra o genocídio preto.



Fonte 2: Imagem retirada do Google.

O trabalho do racismo consiste em relegá-lo ao segundo plano ou cobri-lo com um véu. No lugar desse rosto, faz-se emergir das profundezas da imaginação um rosto de fantasia, um simulacro de rosto e uma silhueta que, desse modo, tomam o lugar de um corpo e um rosto humano. (MBEMBE, 2014, p. 69)

A carne mais barata do mercado é a carne negra [...] Que vai de graça pro presídio e para debaixo do plástico⁸⁹.

O racismo institucional ultrapassa os comportamentos individuais e atua na maneira como as instituições estão estruturadas, conferindo privilégios a partir da branquitude e marginalizando toda população não branca. (ALMEIDA 2018). Ou seja, o sistema de segurança pública segue como uma engrenagem arraigada de perpetuação escravocrata, baseada na desumanização das corporeidades não brancas, onde vigiar, punir e eliminar se torna parte concreta da política de extermínio do Estado.

O racismo que dá vida às instituições públicas e privadas estabelece conexões com o passado colonial de opressão e hierarquização das raças. Opera um sistema que confere vulnerabilidades e violências às existências não brancas. Logo, as abordagens policiais também são racializadas e operam cotidianamente, segundo kilomba (2019), de maneira legalizada para o extermínio da população preta brasileira.

[...] essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um "ataque único" ou um evento discreto, mas sim uma "constelação de experiências de vida", uma "exposição constante ao perigo", um "padrão contínuo de abuso" que se repete

⁸⁹ Versos da canção A carne, gravada por Elza Soares.

incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (KILOMBA, 2019, p.80).

Registros de violência policial contra pessoas pretas são narrados cotidianamente nas redes sociais, comprovando que a cibercultura é lócus de um coletivo de vozes pretas amplificadas, contestadoras da história oficial e criadoras de outras versões de si mesmas.

O Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) lançou, em fevereiro de 2022, o livro *Negro trauma: racismo e abordagem policial no Rio de Janeiro*. O Cesec fez um estudo aprofundado sobre a relação da polícia com os jovens negros moradores do Rio de Janeiro. Segundo dados divulgados pela instituição, 63% das abordagens policiais a pessoas paradas na rua são direcionadas às pessoas pretas. Por sua vez, 68% das abordagens realizadas com pessoas que estão andando a pé na rua ou estão na praia, são feitas com pessoas pretas, enquanto apenas 25% das pessoas brancas são abordadas nessa mesma situação.

Lembro-me que, aos 12 anos de idade, eu estava com o meu irmão e com os meus primos também adolescentes, brincando em frente ao portão de casa, quando um carro da polícia parou e nos obrigou a entrar no imóvel e mostrar onde guardávamos as drogas que vendíamos. Depois de revirar toda a casa e não encontrar nada, eles afirmaram que se passassem pela nossa rua e nos encontrasse novamente brincando “levaríamos bala”.

Nessa cena todo mundo é bandido, mas quase ninguém pegou num revólver⁹⁰.

O sistema, cuja estrutura é racista, legitima a ação hostil da polícia contra os corpos pretos, legalizando uma política de extermínio dessa população.

Afirmamos que, por ser estrutural, o racismo perpassa todas as instituições e relações na sociedade. Mas o sistema criminal ganha outros contornos mais profundos neste processo. Mais do que perpassado pelo racismo, o sistema criminal é construído e ressignificado historicamente, reconfigurado e mantendo esta opressão que tem na hierarquia racial um dos pilares de sustentação (BORGES, 2018, p.40).

⁹⁰ Verso da canção Deus e o Diabo na terra do Sol, de Djonga e Filipe Ret.

Figura 46 - Manifestação pelo assassinato de João Alberto dentro do supermercado Carrefour.



Fonte: Imagem retirada do Google.

E SE FOSSEM DOIS HOMENS PRETOS ESPANCANDO ATÉ A MORTE UM HOMEM BRANCO? Afinal de contas, como pensar os processos que definem quais corpos devem ser passíveis de luto e quais corpos devem ser desumanizados? (BUTLER, 2018). O Estado, por meio de seus discursos e instituições, engendra um aparato tecnológico disciplinar, uma biopolítica, que objetiva a normalização de um grupo populacional, promovendo a vida de alguns e permitindo a morte de outros (FOUCAULT, 2010, p. 206-207). Quais são os critérios que definem que vidas serão encaradas como vivíveis e quais as mortes deverão ficar escondidas em suas casas, fora dos espaços públicos do pranto e da indignação social?

Certidão de óbito⁹¹

*Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.*

*Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.*

*A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.*

*A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.*

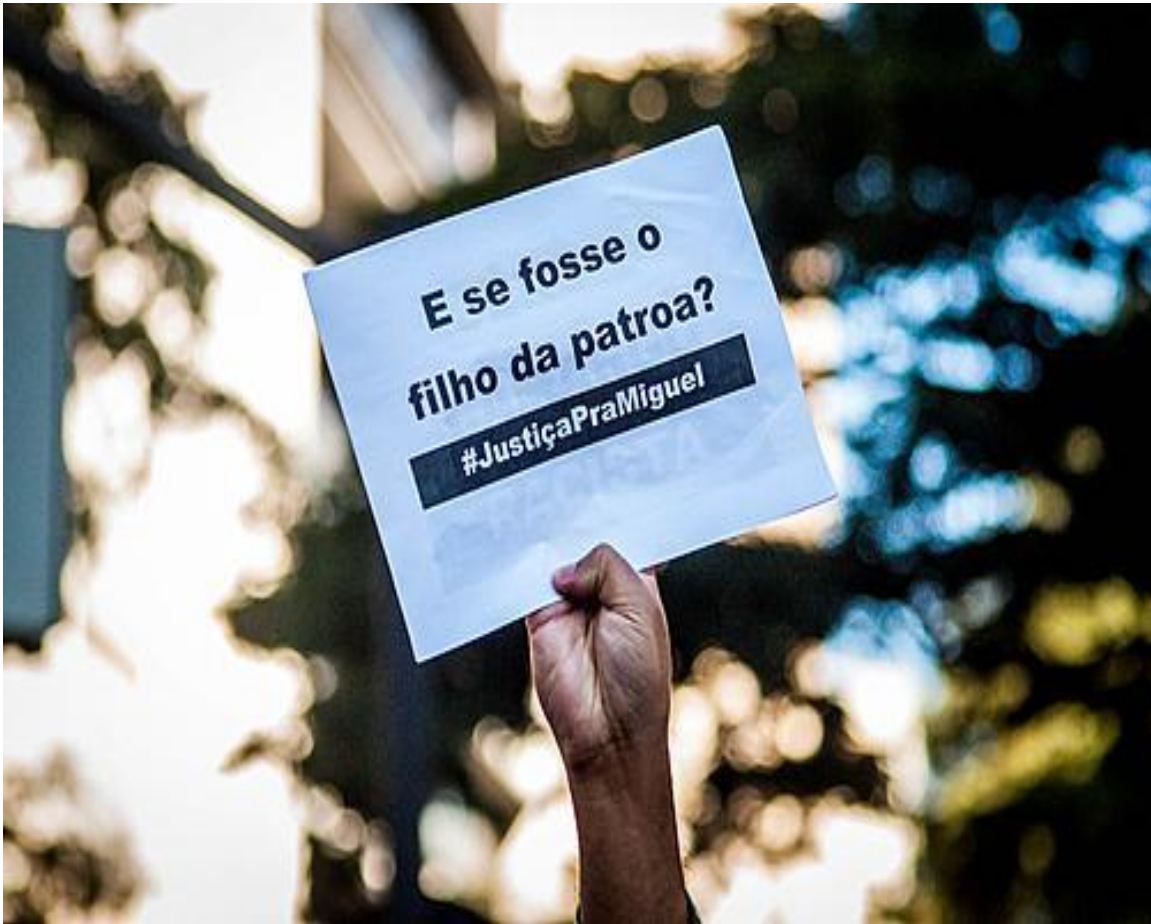
⁹¹ Poema Certidão de óbito escrito por Conceição Evaristo.

Disponível em: <https://primeirosnegros.com/negra-a-certidao-de-obito/>

Data de acesso: 22 /02/2022.

4 DISPOSITIVOS E VIDAS CONECTADAS EM REDES

Figura 47 – Imagem da manifestação contra a morte de Miguel.



Fonte: Imagem da página Brasil de Fato.⁹²

Após a divulgação do vídeo do assassinato de George Floyd em redes sociais como Twitter, Instagram, Facebook, e Youtube, por exemplo, a morte de um homem preto ganhou proporções internacionais. Pessoas de diferentes localidades se organizaram através das redes sociais e ocuparam pelo menos 75 cidades americanas para protestar contra as estruturas racistas que dão vida à polícia norte-americana. As redes sociais, nesse contexto, foram extremamente necessárias para denunciar não só a polícia, mas toda a estrutura governamental que condena politicamente, pela seletividade racial e por estereótipos coloniais, pessoas pretas. “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta e, outras vezes, sangra.” (KILOMBA, 2019).

⁹²Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/06/09/artigo-vidas-negras-importam-para-quem> Data de acesso:02/06/2023.

Imagens de várias cidades em chamadas foram espalhadas pela internet. Os vídeos feitos ao vivo – as chamadas lives – durante as manifestações foram transmitidos para o mundo e serviram de tática para uma garantia mínima de segurança dos manifestantes naqueles espaços. Foi tamanha a repercussão das manifestações e da *hashtags* #blacklivesmatter que elas reverberaram em outros países, inclusive no Brasil, sob a hashtag #vidasnegrasimportam.

Figura 48- Imagem das manifestações, contra o genocídio preto nos Estados Unidos.



Fonte: Imagem retirada do Google.

Figura 49- Imagem das manifestações, contra o genocídio preto no Brasil.

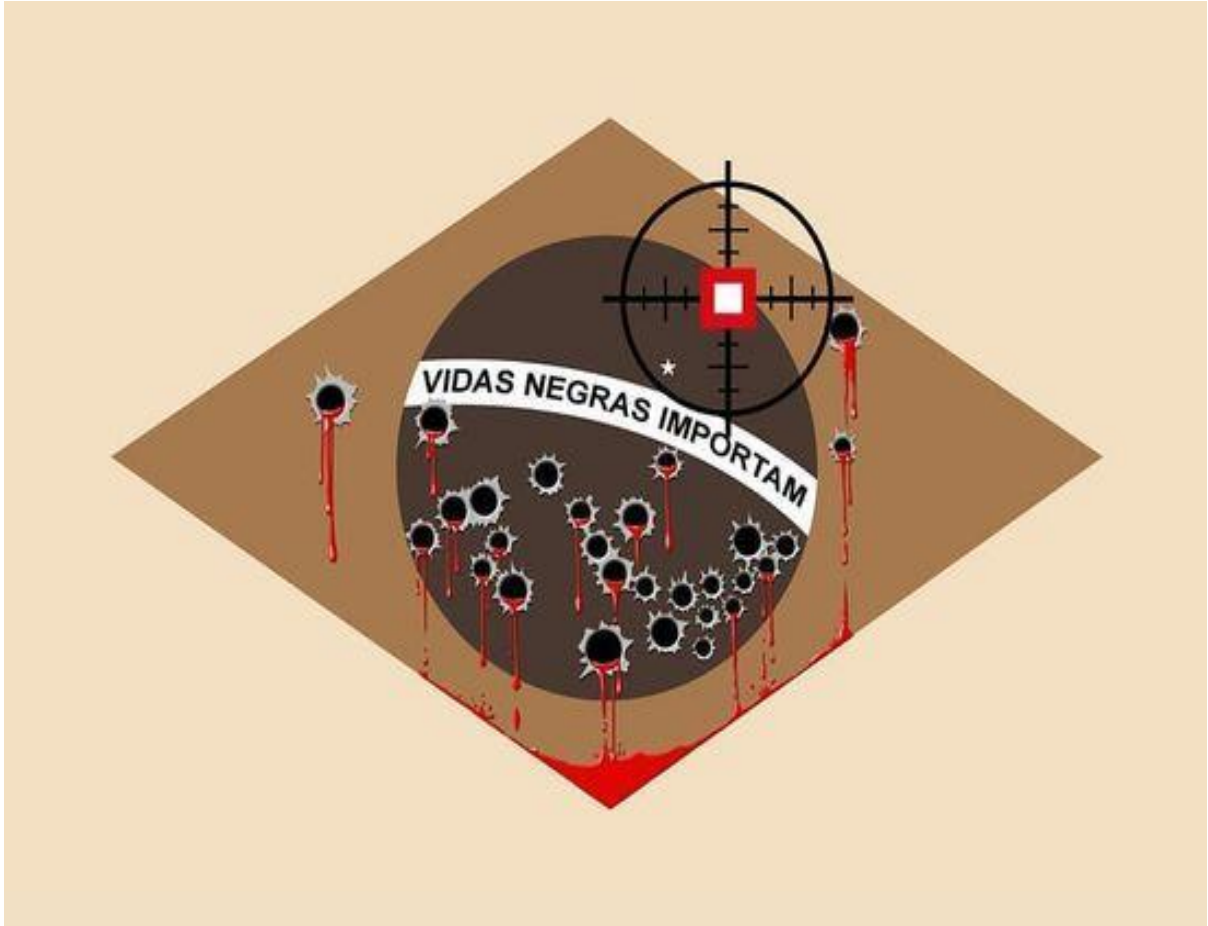


Em consequência da publicidade produzida no bojo dessas grandes manifestações – em ‘*temposespaços*’ oportunizados pela intensificação da vida no ciberespaço – contra as estruturas racistas, as redes sociais mobilizaram ações para debater o racismo e todas as violências que ele ocasiona e também para falar sobre a construção das negritudes e seus atravessamentos na contemporaneidade.

Assim como nos EUA, no Brasil, pessoas – sobretudo pessoas pretas – de diferentes regiões, se encontraram nos grandes centros para reivindicar mudanças na atuação da polícia e no sistema de governo racista. Nessas manifestações também se cobrou respostas acerca da morte de João Pedro, ocorrida dentro da sua casa, em um espaço privado, não acessado pelas câmeras de vigilância e de selfie, onde a existência e a morte, na maioria das vezes, ficam fora do campo de visibilidade e de registro.

5 QUAL É A FORÇA DA HASHTAG?

Figura 50 – Imagem da bandeira do Brasil em protesto as mortes das pessoas pretas.



Fonte: Imagem da página Mídia Ninja.⁹³

O ativismo antirracista online, intensificado a partir do assassinato do George Floyd, fez surgir nas redes sociais uma série de manifestações que dominaram as *timelines* por semanas. As hashtags #blacklivesmatter, #vidasnegrasimportam, #paremdenosmatar, #blackouttuesday⁹⁴, entre outras, foram publicadas e compartilhadas acompanhando textos, imagens, vídeos e áudios. Por meio delas, a luta por justiça social e pelo direito à vida da população preta – pauta que vem sendo debatida e estudada há anos por diferentes organizações e movimentos sociais – logrou maior visibilidade e alcance.

⁹³Disponível em: <https://midianinja.org/brunoramos/foram-80-tiros-mano-e-nao-era-gravacao-do-rambo/> Data de acesso: 02/06/2023.

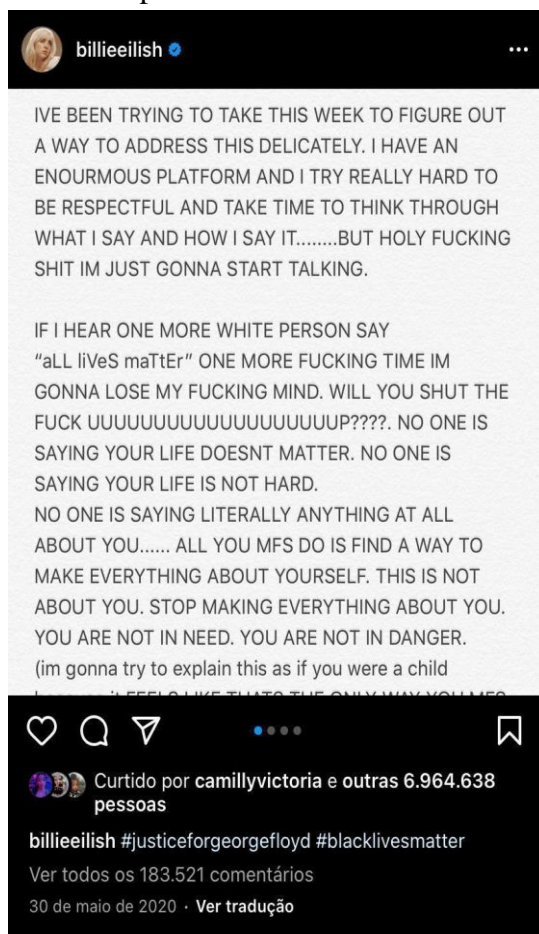
⁹⁴ Consistia na postagem de uma imagem preta nos perfis dos usuários. A manifestação virtual, batizada de Blackout Tuesday (terça-feira do apagão), foi um movimento importante no combate ao racismo e à truculência policial postada, sobretudo no Instagram.

De acordo com os dados produzidos pela marca Viu Hub⁹⁵ e disponibilizados pelo site Gente.globo⁹⁶, o impacto das #hashtags que denunciaram o racismo no Instagram e no Twitter tiveram alcance mundial. A #Blacklivesmatter começou a ser mencionada com mais frequência a partir do dia 25 de maio de 2020 e no dia 06 de junho de 2020 foi mencionada 206 mil vezes, alcançando o maior número de vezes que foi postada em um único dia no ano de 2020. As interações produzidas nessas postagens, no intervalo citado, atingiram a marca de 563.753.804 compartilhamentos. O post com maior número de interações foi feito através do perfil do Instagram da cantora e compositora Billie Eilish – @billieeilish. O perfil da cantora tem aproximadamente 99 milhões de seguidores. A cantora fez duas publicações: a primeira, postada no dia 30 de maio de 2020, tiveram aproximadamente 4.551.087 curtidas e 29.921 comentários. A segunda postagem, realizada no dia 30 de maio de 2020, tiveram, aproximadamente, 6.964.637 curtidas e 183.521 comentários.

⁹⁵ É uma plataforma criada pela Globosat para conectar as marcas aos influenciadores digitais, ou seja, um espaço para promover parcerias entre as empresas que desejam fazer publicidades em rede e as/os influenciadores digitais que podem potencializar a divulgação de determinado produto.

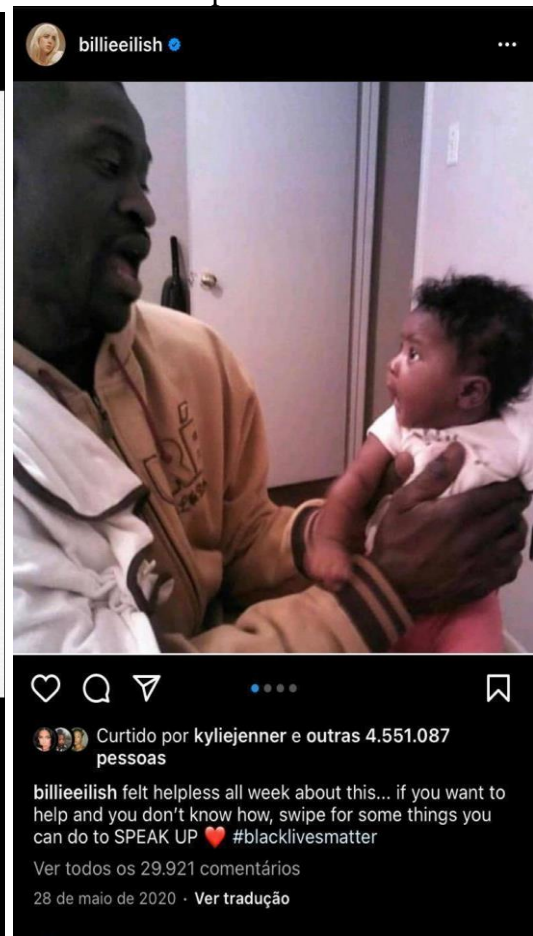
⁹⁶ Disponível em: <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numeros/> Data de acesso: 30/12/2021.

Figura 51 - Publicação contra o assassinato de George Floyd e a violência policial.



Fonte: Print do Instagram.⁹⁷

Figura 52 - Publicação contra o assassinato de George Floyd e a violência policial



Fonte: Print do Instagram.⁹⁸

De acordo com dados disponíveis no site gente.globo⁹⁹, no Brasil a #Blacklivesmatter foi mencionada 8.684 vezes e houve 29.903.931 interações a partir do uso da *hashtag*. O post que ganhou maior destaque, usando #vidasnegrasimportam #Blacklivesmatter e #Icanbreathe¹⁰⁰, foi compartilhado pela página Quebrando o Tabu no Instagram e teve 627.625 curtidas e 7.491 comentários. O site computou que o maior número de postagens foi feito no dia dois de junho de 2020, dia em que Miguel Otávio Santana da Silva, um menino preto de 5 anos, caiu do nono andar de um prédio de luxo em Recife. O menino tentava encontrar sua mãe que, em serviço, passeava no condomínio com um animal de estimação de sua patroa – Sarí Corte Real. A patroa foi condenada (em primeira instância, cabendo recurso, em liberdade) a

⁹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAzwnCFm7G/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ==>
Data de acesso: 25/11/2022.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAwUJcBIVaY/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ==>
Data de acesso: 25/011/2022.

⁹⁹ Disponível em: <https://gente.globo.com/blacklivesmatter-em-numericos/> Data de acesso: 30/12/2021.

¹⁰⁰ Não consigo respirar.

oito anos e seis meses de prisão, por abandono de incapaz que resultou em morte. Esse cenário confirma o quanto a vida de pessoas pretas é negligenciada e o tanto que o sistema capitalista, aliado ao racismo, nos submete a viver muitas violências.



“Esse aqui é um anjo que protege todas as pessoas no mundo”

02 de junho... Essa noite sonhei que fui trabalhar com a minha mamãe. Eu estava muito feliz. Onde ela trabalha tem uma cachorrinha chamada Mel e eu amo brincar com ela. No sonho, a mamãe me prometeu que íamos passear com a Mel pelo condomínio. Mamãe também me disse que se o moço que vende picolé estiver por lá, nós vamos comprar um. "O meu castelo tem um quarto só, e amianto pra cobrir minha cabeça. Meu guarda roupa é feito de uma só gaveta e mora lá, o passarinho verde da esperança."*

03 de junho... Acordei e vi muita gente chorando, eu estava deitado e não conseguia avisar para mamãe que o moço do picolé vinha correndo ao nosso encontro.

02 de junho... Acordei novamente, fui para cama da mamãe e dormimos agarradinhos. Naquele dia ela não foi trabalhar.

02 de maio... “Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”. (DE JESUS, 2018, p.137).

*Verso da canção Castelo de um quarto só de Vinny Santa fé. Disponível em: <https://encr.pw/wxLOv> Acesso: 02/05/2023.

Dois de Junho¹⁰¹

*No país negro e racista
No coração da América Latina
Na cidade do Recife
Terça-feira dois de junho de dois mil e vinte
Vinte e nove graus Celsius
Céu claro
Sai pra trabalhar a empregada
Mesmo no meio da pandemia
E por isso ela leva pela mão
Miguel, cinco anos
Nome de anjo
Trinta e cinco metros de voo
Do nono andar
Cinquenta e nove segundos antes de sua mãe voltar
O destino de Ícaro
O sangue de preto
As asas de ar
O destino de Ícaro
O sangue de preto
As asas de ar
No país negro e racista
No coração da América Latina*

¹⁰¹ Dois de Junho é uma música composta por Adriana Calcanhoto e interpretada por Maria Bethânia. É uma crônica poética do caso em tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DBhswZ3Ec> Data de acesso: 16/07/2022.

#BlackoutTuesday

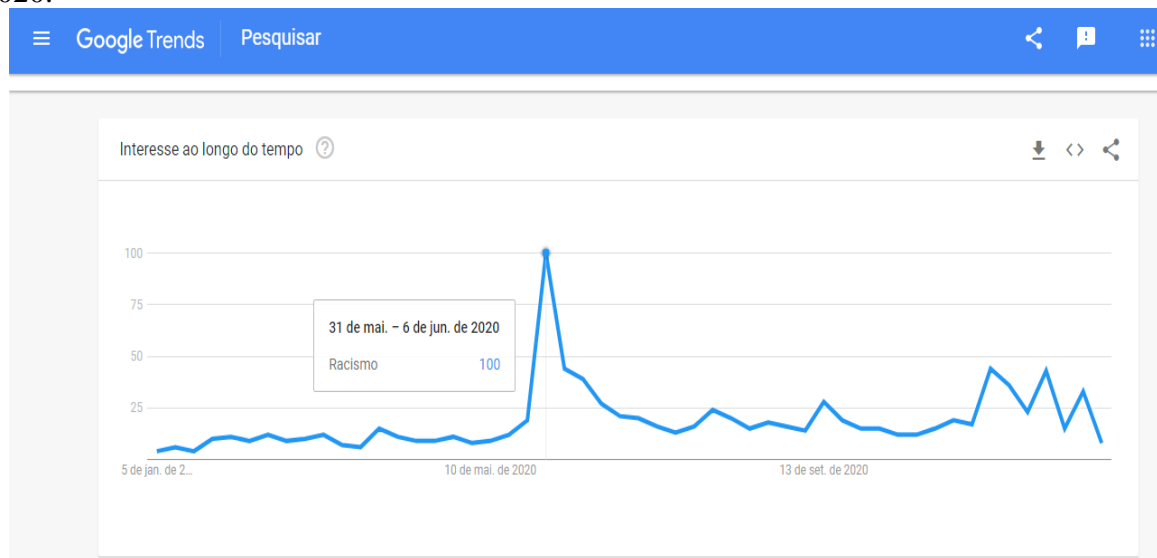
O Blackout Tuesday (terça-feira do apagão) colocou o debate antirracista na pauta das redes sociais. Caracterizou-se por uma postagem de tela preta, no feed dos usuários do Instagram, fomentando uma manifestação virtual contra o racismo e a truculência policial. No dia 02 de junho de 2020 as telas pretas e a *#hashtag* citada começaram a se espalhar pelos perfis do instagram.

A hashtag foi compartilhada, aproximadamente, 28 milhões de vezes em posts de pessoas localizadas em diferentes lugares do mundo, o que resultou em mais ou menos 465 milhões de interações. No Brasil, cerca de dezessete mil *posts* foram criados com a *hashtag* e, pelo menos, trinta e oito milhões-de pessoas interagiram com essas publicações. O perfil do jogador de futebol Neymar tem aproximadamente 177 milhões de seguidores e foi, no Brasil, o perfil que teve mais acesso em curtidas: 1.627.215,00. Essa manifestação não ficou restrita ao instagram. No twitter, a *hashtag blackoutTuesday* ocupou o primeiro lugar nos *trending*

*topics*¹⁰² do país, com mais de 1,7 milhão de tweets.

Na primeira semana de Junho de 2020, quando a *hashtag* *blackoutTuesday*, começou a ser compartilhada, um processo de invisibilidade foi se formando diante dos olhos de quem fez buscas direcionadas ao *Black Lives Matter*. O compartilhamento de uma tela preta com as *hashtags* *#blacklivesmatter* e *#blackouttuesday* fez com que usuários que pesquisassem sobre o movimento ‘vidas negras importam’ encontrassem apenas uma tela preta nos perfis. Tamaña foi a repercussão das postagens que o CEO do Instagram, Adam Mosseri, solicitou, através de uma postagem no twitter¹⁰³, que as pessoas parassem de compartilhar as *hashtags* *#blacklivesmatter* e *#blackouttuesday* juntas, a fim de que todas as buscas direcionadas às manifestações que estavam acontecendo naquele período não fossem abafadas por uma tela preta.

Figura 53 – Imagem de gráfico referente às buscas pelo termo racismo nos sites do Google em 2020.

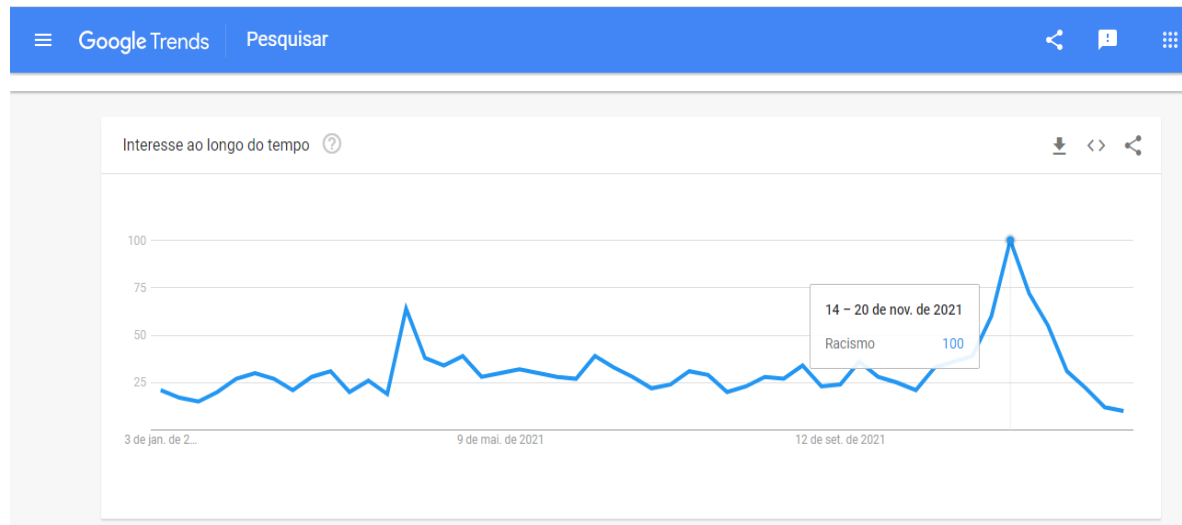


Fonte: Google.

¹⁰²*Trending topics* são as postagens mais comentadas, aquelas que se destacam diante de todos os assuntos que estão sendo abordados no dia. Os *trending topics* auxiliam as pesquisas dos usuários para localizar nas redes o que está acontecendo no mundo.

¹⁰³ Disponível em: <https://twitter.com/mosseri/status/1267861199539957761> Data de acesso: 09/11/2022.

Figura 54 – Imagem de gráfico referente às buscas pelo termo racismo nos sites do Google em 2020.



Fonte: Google.

De acordo com dados obtidos através do Google Trends¹⁰⁴, as pesquisas relacionadas ao racismo, em 2020, alcançaram o pico mais alto do gráfico no mês de maio e junho, quando as manifestações contra a morte de George Floyd começaram. No mês de julho, às pesquisas no Google sobre o tema começaram a cair e só voltaram a crescer no mês de novembro, que é considerado o mês da consciência negra e foi também o mês, neste ano, em que João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, foi cruelmente assassinado dentro do supermercado Carrefour pelos, até então, seguranças do estabelecimento – Magno Braz Borges e Giovane Gaspar da Silva¹⁰⁵, dois homens brancos que espancaram até a morte um homem preto. Ser branco, em uma sociedade estruturada pelo racismo, confere aos sujeitos desta cor, como disse anteriormente, uma identidade social privilegiada.

Enquanto escrevia essa dissertação, Isabel Oliveira, de 43 anos, uma mulher negra, professora e moradora de Curitiba, estava fazendo compras em um supermercado da rede Carrefour, quando foi perseguida por um segurança dentro do estabelecimento. Após o acontecimento, Isabel decidiu deixar o supermercado e voltar algumas horas depois. Quando retornou ao supermercado, escreveu em seu corpo a frase: “SOU UMA AMEAÇA”. Essa frase foi escrita, pois pessoas pretas são diariamente tratadas como ameaça nos espaços públicos ou privados. Isabel tirou suas roupas, para que o segurança tivesse a certeza de que ela não estava roubando. Estou narrando a história de uma mulher negra viva, que por insubmissão não teve

¹⁰⁴ Disponível em:

<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2020-01-01%202020-12-31&geo=BR&q=RACISMO&hl=pt>

Data de acesso: 22/07/2022.

¹⁰⁵ Segundo o portal de notícias Afropress, os assassinos de João Alberto seguem presos. Disponível em:

<https://www.afropress.com/124022-2/> Data de acesso: 19/11/2022.

sua vida roubada por uma estrutura branca racista que insiste em dizer que somos nós, pessoas pretas, que roubamos.

Isabel tira sua roupa e uma mulher que não aparece no vídeo lhe pergunta se está tudo bem.

Tudo bem, tudo mais ou menos! Agora que estou nua, tudo bem. Porque quando eu vim vestida estava com o segurança atrás de mim. Agora eu voltei, nua. Para garantir que eu vou levar a lata de leite para minha filha e não estou roubando nada! É um ato! Não deveria nem comprar, porque o mercado que trata nossos corpos como uma ameaça, não deveria ter nosso suado dinheiro! Mas faço questão de voltar para pagar a lata de leite que eu estava comprando antes, quando fui perseguida pelo segurança. E vim em repúdio. Que é para poder ter o direito de ser tratada com dignidade.

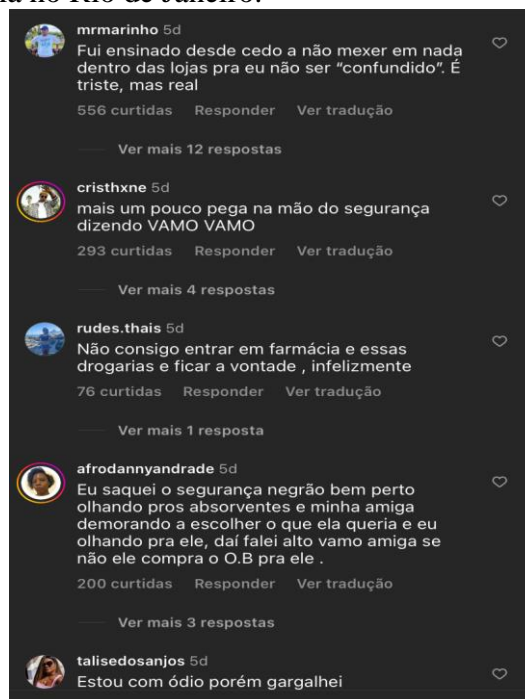
A imagem de Isabel sem roupa no supermercado não ilustrará este trabalho. Essa é uma decisão política. Antes que você, pessoa branca, se questione porque um “ato revolucionário” não aparecerá aqui, devo lhe perguntar: Você já precisou tirar suas roupas, em algum supermercado, farmácia, padaria, shopping, ou em qualquer estabelecimento que você entrou para comprar alguma coisa? Pois é! Esse não foi um ato revolucionário, foi uma violência, uma violência enraizada no racismo que dá vida a nossa sociedade.

Quando as notícias sobre o que aconteceu com Isabel começaram a tomar conta das redes sociais e dos jornais online, me vi em Isabel, era o meu corpo ali exposto junto com o dela. Eram milhares de corpos-pretos-ameaças. Escrevi no texto que Isabel foi insubmissa ao sair viva do supermercado, porque para nós pessoas pretas, entrar em lojas, supermercados, shoppings, restaurantes... E conseguir sobreviver é um ato de insubmissão ao sistema racista que se articula para nos matar a todo tempo.



Ao acessar esse QR Code, você será direcionado para o perfil de @Danmendesoficial. Dan compartilhou com seus seguidores um vídeo, que conta que ele e seus amigos foram perseguidos por um segurança dentro de uma drogaria na Barra da Tijuca, bairro do Rio de Janeiro.

Figura 55 - Comentário sobre um vídeo postado, onde o Dan, conta que foi seguido por um segurança em uma drogaria no Rio de Janeiro.



Fonte: Print do Instagram.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Csr06t2PIV4/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ==> Data de acesso: 02/06/2023.

Figura 56 - Print retirado do Instagram no perfil de @danmendesoficial. Comentário sobre um vídeo postado, onde o Dan, conta que foi seguido por um segurança em uma drogaria no Rio de Janeiro.



[Fonte](#): Print do Instagram.

Hoje mesmo eu fui ao supermercado, precisava comprar sabão em pó. O roteiro é o mesmo: Entre com calma no mercado, evite fazer movimentos bruscos ou parecer acelerada demais. Depois, pegue um carrinho para ninguém achar que você vai colocar alguma coisa no bolso. Mas eu só vou comprar um sabão, precisa mesmo de carrinho? Sim! Precisa. Lembro do que Solange, minha mãe, me ensinou: nunca carregue nada na mão. Sempre carrinho ou cesta! Seja educada, haja com naturalidade para o segurança não achar que você pegou nada! Mas eu não peguei! Se estiver com uma bolsa, nunca abra, eles podem achar que você furtou alguma coisa. Seja natural! Como? Não demonstre estar assustada! Sim, eles estão andando atrás de você, conversando entre eles no radinho e a cada corredor que você passar, alguém vai estar lhe esperando, mas não se assuste, com sorte você conseguirá lavar roupa hoje.

Isabel sofreu uma violência, uma violência que teve começo, meio e fim em sua negritude. Ou seja, vivenciou uma situação de racismo. Apesar de conseguir reagir e se manifestar através de seu próprio corpo, não podemos deixar de evidenciar que uma pessoa preta não consegue fazer compras sem morrer. O racismo institucional é o rosto sorridente e polido da opressão que nega e mata o espírito de tantas pessoas, de uma só vez, nos mercados, nas farmácias, nos shoppings, em suas casas...

Outro caso de racismo envolvendo a rede Carrefour, aconteceu no supermercado Big

Bompreço, em Salvador. O casal Jeremias e Jamile, que vivem em extrema situação de vulnerabilidade, furtaram três pacotes de leite em pó. Ao serem abordados pelos seguranças, foram direcionados para um espaço privado do supermercado e foram brutalmente espancados e xingados.

“É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la”. (DE JESUS, 2014, p.29).
“Percebi que no frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer.” (DE JESUS, 2014, p.44).

*“Bateram com barra de ferro nas minhas pernas, me mandaram ficar agachado e abrir as pernas, só para chutar as minhas partes íntimas”.*¹⁰⁷

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino marcou-me para passar fome”. (DE JESUS, 2014, p.44). O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suportam a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. (DE JESUS, 2014, p.46).

Quando eu fui catar papel encontrei um preto. Estava rasgado e sujo que dava pena. Nos seus trajas rotos, ele podia representar-se como diretor do sindicato dos miseráveis. O seu olhar era um olhar angustiado como se olhasse o mundo com desprezo. Indigno para um ser humano. Estava comendo uns doces que a fábrica havia jogado na lama. Ele limpava o barro e comia os doces. Não estava embriagado, mas vacilava no andar. Cambaleava. Estava tonto de fome! (DE JESUS, 2014, p.54).

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome. (DE JESUS, 2014, p.99).

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carrefour-resiste-e-nao-firma-acordo-para-indenizar-homem-agredido-em-mercado/> Data de acesso: 20/05/2023.

Figura 57 - Caso de racismo e agressão física sofrida por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour.



[Fonte:](#) Print do Twitter.¹⁰⁸

Figura 58 - Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrida por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour.



[Fonte:](#) Print do Twitter.

¹⁰⁸ Disponível em:

<https://twitter.com/choquei/status/1655002480193748992?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA> Data de acesso: 02/06/2023.

Figura 59 - Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrido por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour.



Fonte: Print do Twitter.

Figura 60 - Comentários sobre o caso de racismo e agressão física sofrida por um casal em situação de vulnerabilidade que furtou leite em pó para sua filha, no supermercado Carrefour.



Fonte: Print do Twitter.

O caso do Carrefour nos faz refletir sobre as raízes profundas do racismo em nossa sociedade e a violência que nós, pessoas pretas, enfrentamos diariamente. A morte de João Alberto Silveira Freitas, o espancamento de Jeremias e Jamile, a perseguição sofrida por Isabel, revelam a existência de um sistema estrutural de discriminação que precisa ser desmantelado. Esses e tantos outros casos evidenciam mais uma vez que o racismo é uma realidade persistente em nossa sociedade, e o quão urgente são os debates raciais. A luta contra o racismo exige esforços coletivos, desde a conscientização individual até mudanças estruturais nas instituições. Essa é uma pauta que está longe de se esgotar, afinal de contas, o que define se uma pessoa pode ser torturada ao roubar um leite em pó? A cor de sua pele. #carrefourRacista.

*O dedo, desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
'Cê cresce achando que 'cê é pior que eles
Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
Ladrão!
Do alto do morro, rezam pela minha vida*

*Do alto do prédio, pelo meu fim
Ladrão!¹⁰⁹*



Babu cantando a música Hat-Trick do Djonga, na festa do Big Brother Brasil.

Figura 61 - Babu Santana cantando a música Hat-Trick, do Djonga.



Fonte: Print retirado do Twitter.¹¹⁰

¹⁰⁹ Verso da canção Hat-track de Djonga.

¹¹⁰Disponível em: <https://twitter.com/gabicoelho/status/1251507871407386624>

Data de acesso: 02/06/2023.

CONCLUSÃO

Figura 62 – Criadora de conteúdo digital Bielo.



Fonte: Print retirado do Instagram.¹¹¹

Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É época das flores brancas, a cor que predomina. E o mês de Maria e os altares devem estar adornados com flores brancas. Devemos agradecer a Deus, ou a Natureza que nos deu as estrelas para adornar o céu, e as flores para adornar os prados e as várzeas e os bosques. (DE JESUS, 2018. p.36)

Ando tão preocupada com a escrita dessa dissertação que ainda não tive tempo para contemplá-la. Quando comecei a escrever as considerações finais deste trabalho, minha memória me levou para dezembro de 2020, me lembro que chorei quase o dia inteiro, depois de saber de minha aprovação. Liguei chorando para minha mãe, me lembro que nesta data ela estava se curando da COVID 19, e apesar das flexibilidades que tornariam possível nosso encontro, nos resguardamos e nos encontramos só no natal.

¹¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtXNFLDvstT/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==> Data de acesso: 02/06/2023.

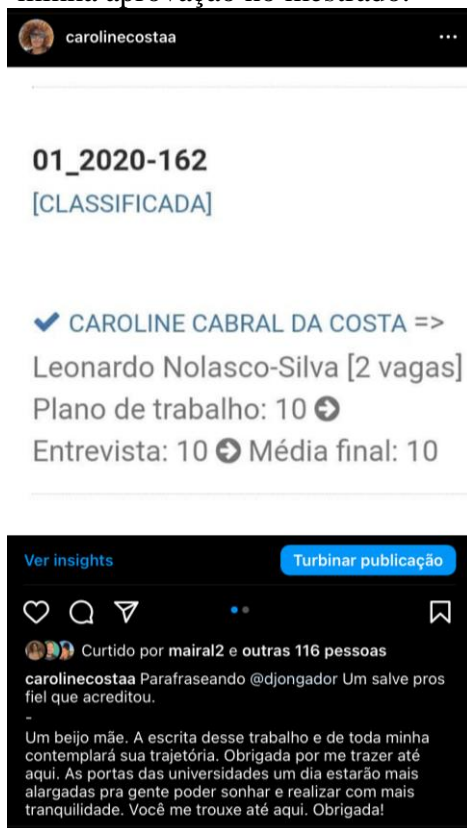
Quando minha mãe me olhou, começamos a chorar e rir ao mesmo tempo. Nos abraçamos, nos acalmamos e minha mãe, no auge de sua inocência perguntou: “Mas o que é esse negócio de mestrado? Ganha dinheiro com isso?” Eu achando que sabia o que era o mestrado, contei a ela que ficaria mais uns anos na faculdade para estudar. E quando acabasse eu não seria formada apenas em pedagogia, mas me tornaria mestre.

Ela perguntou: “Mas mestre em que?” Eu respondi: “Sei lá! Acho que isso é só um nome.” Rimos, muito! Ela achou incrível que eu seria mestre, mesmo que essa palavra naquele momento não produzisse nenhum significado para a gente.

Alguns minutos se passaram e ouço ela no telefone: “Carol, vai ser mestre agora, menina! É mole, essa aí não cansa de estudar não! Já falei pra ela descansar, mas ela disse que quer dar aula na escola dela - se referindo a UERJ - e que precisa estudar mais ainda! Deixa eu desligar que agora eu vou ligar para minha patroa para contar!”

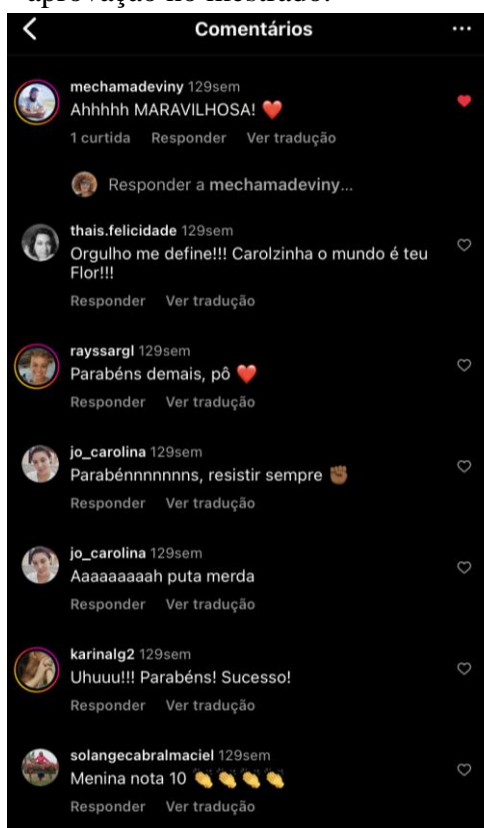
Depois de todos os seus telefonemas, disse a ela que ao final do curso eu apresentaria um trabalho e que esse trabalho seria escrito para ela. Prometi a ela, mas também prometi para mim, que a escrita dessa dissertação seguindo os passos de minha monografia, seria para incomodar os da casa grande. Conceição Evaristo (2018), em seu perfil no instagram, nos fala que: “Essa escrita da vida das mulheres negras, essa escrita de nossas experiências, que vazam na nossa literatura, não é para adormecer os da casa grande e sim para acordá-los”. Estou orgulhosa de ter chegado até aqui, afinal de contas, foram muitos ensaios para construção desta dissertação, muitos caminhos feitos e desfeitos e nenhuma certeza

Figura 63 – Publicação sobre minha aprovação no mestrado.



Fonte 1: Print do Instagram.¹¹²

Figura 64 - Comentários sobre minha aprovação no mestrado.



Fonte 2: Print do Instagram.

No ato de cartografar as narrativas tecidas no ciberespaço, penso que as mobilizações políticas e sociais na internet têm desempenhado um papel significativo na luta contra as opressões racistas, permitindo que pessoas pretas denunciem as violências vividas e fabulem nas redes sociais a criação de um espaço de resistência e empoderamento criando novos modos de existência e novas formas de subjetividade através dos registros dos cotidianos.

O ciberespaço tem se revelado um espaço fundamental para a denúncia do racismo, uma vez que oferece a possibilidade de compartilhamento de relatos pessoais, imagens, áudios e vídeos que documentam atos discriminatórios. Pessoas pretas têm usado as redes sociais online para expor situações de racismo vivenciadas, rompendo o silêncio e trazendo à tona questões que muitas vezes são invisibilizadas na sociedade.

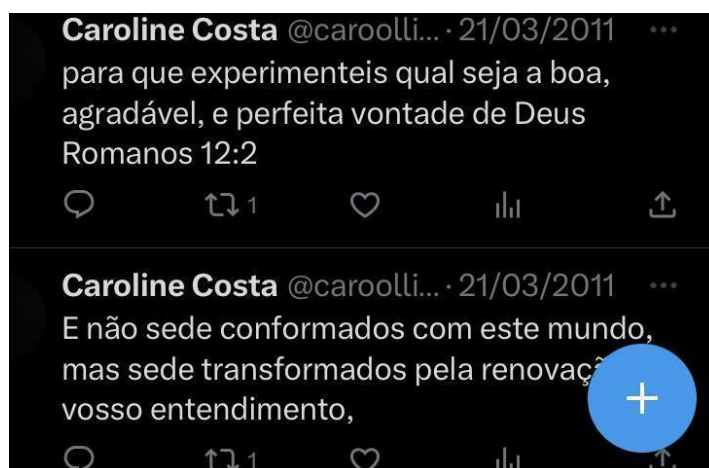
Outro aspecto relevante da cibercultura é a hipertextualidade. A estrutura não-linear da internet permite que os usuários naveguem entre diferentes páginas, links e informações, construindo uma rede de conexões e significados. Essa multiplicidade de caminhos e

¹¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CI1cfzFJ2rX/?igshid=ZWQyN2ExYTkwZQ==> Data de Acesso: 02/06/2023.

possibilidades torna a cibercultura um espaço propício para a criação de novos sentidos e narrativas, desafiando as estruturas hierárquicas e lineares dos discursos hegemônicos brancos.

O ciberespaço também tem sido um lugar crucial para a visibilidade de pessoas pretas e suas conquistas. Através de perfis nas redes sociais, canais no YouTube, blogs e outras formas de expressão digital, pessoas pretas têm compartilhado suas narrativas, talentos e conhecimentos, desafiando estereótipos e ampliando a representatividade. As redes sociais se tornaram uma parte intrínseca da vida contemporânea, oferecendo um espaço onde nós podemos expressar nossas identidades, de uma forma fluida, experimentando diferentes aspectos de nós mesmos. Eu mesma já fui muitas/sou muitas, as redes sociais me possibilitam negociar comigo mesma minha forma de estar no mundo.

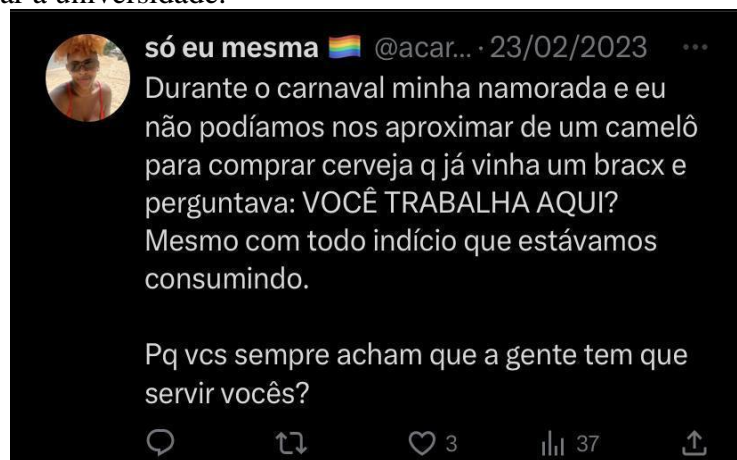
Figura 65 - Publicação em meu perfil pessoal no Twitter em 2011 quando ainda frequentava a igreja.



Fonte: print do Twitter.¹¹³

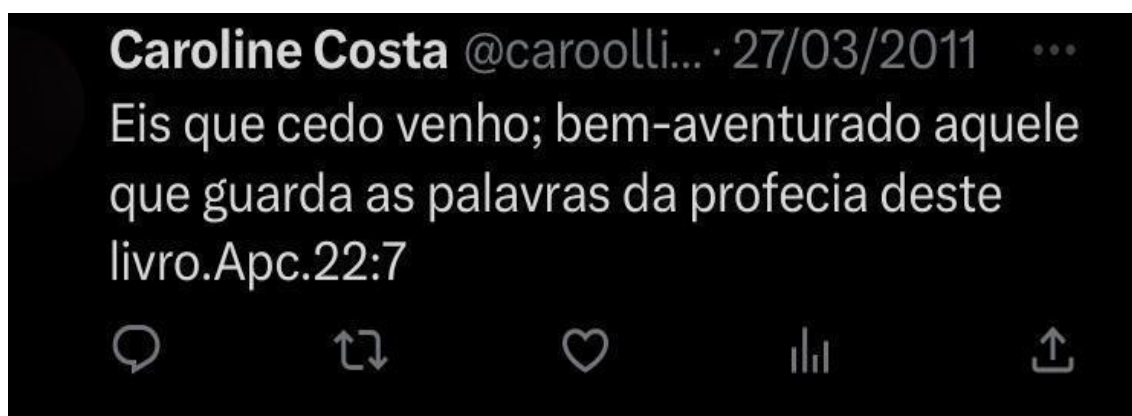
¹¹³Disponível em: <https://twitter.com/caroolinecosta/status/49686817833893888> Data de acesso: 05/06/2023

Figura 66 - Publicação em meu perfil pessoal no Twitter em 2023, depois de sair da igreja e começar a frequentar a universidade.



[Fonte:](#) print do Twitter¹¹⁴.

Figura 67 - Publicação em meu perfil pessoal no Twitter em 2011 quando ainda frequentava a igreja.



[Fonte:](#) print do Twitter.¹¹⁵

Figura 68- Publicação em meu perfil pessoal no Twitter em 2023, depois de sair da igreja e começar a frequentar a universidade.



[Fonte:](#) print do Twitter.¹¹⁶

¹¹⁴Disponível em: <https://twitter.com/acarollinecosta/status/1628925093475647488>

Data de acesso: 05/06/2023.

¹¹⁵Disponível em: <https://twitter.com/caroolinecosta/status/51847221464940544>

Data de acesso: 05/06/2023.

¹¹⁶ Disponível em: [tps://twitter.com/acarollinecosta/status/1618092169436495872](https://twitter.com/acarollinecosta/status/1618092169436495872)

Data de acesso: 05/06/2023.

Quando comecei a cartografar meu perfil, localizei em minhas publicações várias versões de mim. O tempo passou tão depressa e, ao mesmo tempo, consegui sentir os atravessamentos de cada mudança. O que eu achei que nunca poderia mudar, mudou! As certezas se transformaram em questionamentos e abriram caminhos para novas invenções. A “invenção é, nessa perspectiva, sempre a produção do novo” (NOLASCO-SILVA, 2019, p. 45). E, como não nos deixa esquecer Elis Regina, “o novo sempre vem”¹¹⁷. E o novo chegou, e continua se apresentando a cada descoberta.

A partir de minhas experiências online um mundo com novas possibilidades começou a ser produzido. As relações que estabeleci no ciberespaço criaram redes educativas para que eu pudesse educar e deseducar meu próprio corpo. Hoje me pergunto: qual seria a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para minha vida? Mas, como saber, se já não acredito mais. Se é que Deus existe, gosto de imaginar ela assim:

*Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta*¹¹⁸

¹¹⁷ Verso da canção Como nossos pais, de Belchior, gravada por Elis Regina.

¹¹⁸ Verso da canção Mãe de Emicida.

Figura 69 - Postagem feita por Bielo, para exaltar a figura da mulher preta e gorda.



[Fonte:](#) Print retirado do Twitter¹¹⁹

Deus é uma mulher preta¹²⁰

¹¹⁹ Disponível em:

<https://twitter.com/hellobielo/status/1223059888731033600?s=46&t=ha6ZUnsuJwOgVSMV3ij2PA>

Data de acesso: 05/06/2023.

¹²⁰ Verso da canção Deus é uma mulher preta de Jéssica Gaspar.

*Deus é uma mulher preta
 E por natureza sei que vou sobreviver
 Deus é uma mulher preta
 Bença minha mãe para lutar e escrever
 A morte meu país genocida reservou pra mim
 Porém minha alma não é uma semente daqui
 É semente da mente de deusas de lá de onde eu vim
 Rainhas de ontem e hoje florescem em mim
 A morte atravessa os sonhos de pretos aqui
 Encaro e grito pro Estado não saio daqui
 Minha mãe me abençoe e dê forças pra eu prosseguir
 Seus olhos d'água refletem a força que mora em mim
 Deus é uma mulher preta
 E por natureza sei que vou sobreviver
 Deus é uma mulher preta
 Bença minha mãe para lutar e escrever*

Para nós, pessoas pretas, o espaço online tem se revelado como um importante aliado na construção de discursos contra hegemônicos e na representação positiva dos corpos pretos. Nas redes sociais podemos contar nossas próprias histórias e experiências. A escrita praticada nos espaços online nos autoriza a narrar em primeira pessoa nossa própria vida, desafiando as narrativas dominantes e construindo outras narrativas para a representação do corpo preto. Assim como a narrativa criada pela Bielo, uma pessoa preta bigênere que recria nas redes sociais novas narrativas para sua própria existência. Ao fazer em seu twitter uma postagem com sua imagem, legendada da seguinte maneira: "Deus é uma mulher preta e gorda", Bielo faz uma afirmação simbólica e poderosa que desafia as estruturas de poder opressivas, já que por séculos as representações de Deus têm sido predominantemente masculinas e brancas, o que tem contribuído para a perpetuação de hierarquias de poder, desigualdades e opressões.

Ao afirmar que Deus é uma mulher preta, estamos desafiando essas estruturas brancas e considerando outras vozes, outras experiências e espiritualidades, que por muito tempo foram marginalizadas e negligenciadas. Ao reconhecer a divindade em uma mulher preta, estamos reafirmando a dignidade, o valor e a importância das mulheres pretas em todas as esferas da vida.



Ao acessar esse QR code, você será direcionado para o perfil de @HelloBielo e assistirá a um vídeo sobre pessoas bigêneres.

As redes sociais, por sua vez, se tornaram espaços fundamentais para a construção de discursos contra hegemônicos e para a visibilidade das existências das pessoas pretas. Por meio dessas redes conseguimos nos expressar, compartilhar vivências e reivindicar nosso lugar na sociedade.

Os perfis de blogueiros pretos e blogueiras pretas desempenham um papel fundamental na potencialização de nossas vozes, uma vez que, com a apropriação do espaço digital os estereótipos brancos cis normativos são desafiados e novas pessoas são representadas. A apropriação do espaço digital é importante e necessária para que outras pessoas pretas se sintam representadas pelas narrativas compartilhadas.

Se antes as pautas compartilhadas eram sobre a beleza incontestável da mulher branca, hoje temos Bielle¹²¹, Gabi Oiveira¹²², história preta¹²³, Geovana Xavier¹²⁴, Bárbara Carine¹²⁵, Dan Mendes¹²⁶, Conceição Evaristo¹²⁷, Teresa Cristina¹²⁸, Eliziane Berberian¹²⁹, Josy Ramos¹³⁰, Rene Silva¹³¹, maternidade saptão¹³², chavoso da USP¹³³, entre tantas outras, produzindo novas formas de existência. A partir dessa leitura, entendemos que as redes sociais são espaços virtuais que nos conecta a pessoas, histórias, memórias e narrativas, que contribuem para humanizar corpos que historicamente foram marginalizados.

¹²¹ Perfil no Instagram @bielle.e

¹²² Perfil no Instagram @gabioliveira

¹²³ Perfil no Instagram @história_preta

¹²⁴ Perfil no Instagram @pretadotora

¹²⁵ Perfil no Instagram @uma_intelectual_diferentona

¹²⁶ Perfil no Instagram @danmendesoficial

¹²⁷ Perfil no Instagram @conceicaovaristooficial

¹²⁸ Perfil no Instagram @teresacristinaoficial

¹²⁹ Perfil no Instagram @elizianeberberian

¹³⁰ Perfil no Instagram @josyramos

¹³¹ Perfil no Instagram @rensilva

¹³² Perfil no Instagram @maternidadesapatao

¹³³ Perfil no Instagram @chavosodausp.02

A escrita de si também é um aspecto importante na construção da identidade de pessoas pretas nas redes sociais. Através da escrita é possível produzir memórias e histórias que muitas vezes são apagadas ou silenciadas na sociedade. Quando escrevemos a nós mesmos estamos tecendo uma prática literária e reflexiva em que um indivíduo narra e reflete sobre sua própria vida, experiências e subjetividade. A escrita de si não se limita apenas a fatos objetivos, mas também inclui a dimensão subjetiva e emocional da experiência vivida.

Nesse contexto, a representatividade negra assume um papel crucial, trazendo à tona a necessidade de visibilizar vivências e histórias a partir de uma perspectiva antirracista. Nas redes sociais, as vozes pretas lutaram por espaço para compartilhar suas histórias, experiências e reflexões, rompendo com a invisibilidade histórica imposta pela sociedade. É sempre necessário lembrar que todos os espaços ocupados por pessoas pretas foram conquistados através das lutas do movimento negro, nada nos foi dado e nada nos é garantido, nem mesmo o direito de produzir online nossos corpos. As redes sociais ainda são espaços de disputa de narrativa.

É preciso questionar e desafiar a hegemonia branca e o seu padrão estético e reivindicar a presença de outros corpos e aparências. A representatividade preta nas redes sociais é necessária, pois só assim é possível tecer narrativas positivas que evidenciem talentos, conquistas e contribuições das pessoas pretas em diferentes áreas, como arte, cultura, ciência, esportes, política...

É importante lembrar que as redes sociais também são palco para a disseminação de discursos racistas e manifestações de ódio. Mas também são importantes espaços de resistência, luta, educação e mobilização.

Carolina Maria de Jesus, com sua obra "Quarto de Despejo", e Conceição Evaristo, com sua trajetória literária, são exemplos inspiradores de como a escrita e a expressão podem romper barreiras e movimentar a sociedade. Por isso é tão importante e necessário que as vidas negras sejam visibilizadas. Eu amo quando entro nas redes sociais e vejo crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos felizes, produzindo suas existências. Eu celebro todas as vezes que posso acessar o perfil de tantas pessoas iguais a mim e ver que eles estão viajando, produzindo humor, literatura, fazendo vídeos, cozinhando, ou mobiliando seus apartamentos. Isso me dá esperança. Isso é construir um discurso contra hegemônico. Enquanto o mundo insiste em nos matar, "*a gente combinamos de não morrer.*" (EVARISTO, 2019, p.99).

Escreveviver nossas existências online e produzir discursos vivos são atos revolucionários. Nada é mais insubmisso do que ver uma pessoa preta escrevendo a si própria,

compartilhando suas memórias e produzindo outros discursos para representar nossas existências.

Cara leitora,

Por insubmissão estamos vivas.

Figura 70 – Carolina Maria de Jesus no Aeroporto de Viracopos, em viagem até o Uruguai para acompanhar o lançamento de seu livro "Quarto de Despejo".



Fonte: Instituto Moreira Salles.¹³⁴

¹³⁴ Disponível em: https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros_museudeartedorio/ Data de acesso: 02/06/2023.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- ALVES, Nilda. **Redes educativas: possibilidades e desafios**. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. In: **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/08.pdf>.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- BERTH, Joice. **O que é: empoderamento?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia** / Judith Butler; tradução Fernanda Siqueira Miguens; revisão técnica Carla Rodrigues. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do Outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-Brasilidade: História e memória**. Releitura (Belo Horizonte), v. 1, p. 5-11, 2008.
- _____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- _____. **Insubmissas Lágrimas de mulheres** – Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- _____. **Canção para ninar menino grande**. 2ª ed. Rio de Janeiro - Pallas: 2022.

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10^a ed. São Paulo: Francisco Alves, 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- MADDALENA, Tania Lucía. **Digital Storytelling: uma experiência de pesquisa-formação na cibercultura**. 2018. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/10475> Acesso: 12/05/2023.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 1^aed. Antígona. Portugal, 2014.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **O quilombismo**: Documentos de uma militância Pan-Africanista. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274).
- NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. SP: Instituto Kuanza, 2006, p. 117-125;
- NOLASCO-SILVA, L. Redes educativas e inovação pedagógica. In: ALVES, N. (org.). Redes educacionais: conexões para a formação humana. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 13-28.
- NOLASCO-SILVA, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. O corpo, a tela e a produção de presença na EaD. **Revista Científica em Educação a Distância**. 2022¹.
- NOLASCO-SILVA, Leonardo. A professora artífice ou: Sobre Dramaturgias 'docentesdiscentes'. **Revista Arcos Design**, v. 15, p. 70-86, 2022.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; MADDALENA, Tania Lucía. Hiperescritas de si, currículos insurgentes e educação online: modos de fabular as docências na pandemia (e além dela).

Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade, [S. l.], v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45542> Data de acesso: 29 de novembro de 2022.

_____. **“Os olhos tristes da fita rodando no gravador”**: as tecnologias educacionais como artesanias docentes discentes, 2018. 207 p. Tese de Doutorado: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/10486> Data de acesso: 25 de novembro de 2022.

_____. As redes educativas de 'práticas teóricas' cibercorporais. **No prelo**, 2022.

_____. **Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos**. 1ª ed. Salvador- BA: Editora Devires, 2019.

POCAHY, Fernando Altair; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. 2020. **A CARTOGRAFIA COMO PESQUISA-IN(TE)R)VENÇÃO DO/NO PRESENTE**: modos de/para pensar-fazer a formação docente. Revista Ciências Humanas. Taubaté/SP - Brasil, v. 13, n 1, edição 26, p.10. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/622> Data de acesso: 25 de novembro de 2022.

POCAHY, F. M.; FELIPE, J. M. **Cartografias do cotidiano: estratégias metodológicas em pesquisa com adolescentes**. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 24, n. 2, p. 108-124, jul./dez. 2017.

RAMOS, Sílvia; SILVA, Pedro Paulo da; SILVA, Itamar; FRANCISCO, Diego. **Negro trauma: racismo e abordagem policial no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CESeC, 2022.

RIBEIRO, Djamilla. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. - 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Edméa. **Escrevivências ciberfeministas e ciberdocentes: narrativas de uma mulher durante a pandemia Covid-19**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 192p. 14 x 21 cm.

SIBILIA, Paula. **Show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMAS, Luiz A.; RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. **Reverberações da palavra:** escritos sobre literatura e afins. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>

Data de cesso: 18 de setembro de 2021.

Familiares e amigos pedem justiça pela morte de João Pedro durante protesto em São Gonçalo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/familiares-amigos-pedem-justica-pela-morte-de-joao-pedro-durante-protesto-em-sao-goncalo-24441415>

Data de acesso: 18 de setembro de 2021.